



# #MANDANUDES

A experiência da fotografia intimista de mulheres com *O Bendito Fruto*  
para ma cidadania comunicativa de gênero

---

**Raiana da Silva Rodrigues**  
ORIENTADORA: **Jiani Adriana Bonin**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**RAIANA DA SILVA RODRIGUES**

**#MANDANUDES:**  
**A EXPERIÊNCIA DA FOTOGRAFIA INTIMISTA DE MULHERES COM O**  
***BENDITO FRUTO* NA PERSPECTIVA DA CIDADANIA COMUNICATIVA DE**  
**GÊNERO**

**SÃO LEOPOLDO**

**2018**

RAIANA DA SILVA RODRIGUES

#MANDANUDES:

A EXPERIÊNCIA DA FOTOGRAFIA INTIMISTA DE MULHERES COM *O BENDITO FRUTO* NA PERSPECTIVA DA CIDADANIA COMUNICATIVA DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Publicidade e Propaganda da Universidade  
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Jiani Adriana Bonin

SÃO LEOPOLDO

2018

*Aos meus pais por todo amor que me deram; imensa gratidão por serem minha sustentação e me ensinar a não desistir nunca. O conhecimento é a chave de tudo.*

## A TODOS VOCÊS!

Escrever agradecimentos como este talvez implique em fazer certas injustiças. Fruto de um ano e meio de empenho, a construção dessa pesquisa recebeu contribuição de inúmeras pessoas a quem não teria palavras e nem linhas suficientes para expressar minha gratidão. Alguns, no entanto, merecem um carinho especial.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Rafael Nader Rodrigues e Selma da Silva Rodrigues, e à minha irmã, Rúbia da Silva Rodrigues, por todos os momentos, pelo amor, carinho, dedicação e, principalmente, pela paciência nessa etapa tão importante da minha vida. Minha gratidão por sempre terem priorizado a minha educação.

Aos meus amados avós, Josefa Maria da Silva *in memoriam* e Raimundo Laureano da Silva *in memoriam*; Linda Nader Rodrigues e Antônio Valdocir Bernardino Rodrigues, que nunca tiveram a oportunidade de estudar em uma Universidade, mas que trabalharam com afinco para que seus filhos e netos a tivessem. Obrigada por acreditarem em mim.

Minha imensa gratidão à minha professora e orientadora Jiani Adriana Bonin, dos inúmeros ensinamentos teóricos e metodológicos aos ensinamentos de vida. Seu auxílio foi muito importante, me instigou e encorajou para fazer o melhor nessa pesquisa. Todos os apontamentos e conselhos foram extremamente relevantes para o crescimento deste trabalho. Mas agradeço, principalmente, pela dedicação, carinho e paciência com alguém que quer tudo ao mesmo tempo, ao longo desses quase dois anos.

Muito obrigada a todos os professores que, ao longo da minha trajetória acadêmica, contribuíram para sanar todas as minhas dúvidas sobre o fazer publicitário. Com eles, aprendi que os processos não se mantêm sozinhos, e só o conhecimento interligado sobre o todo pode sustentar o exercício profissional na área que escolhi seguir. Aos colegas que fiz durante a universidade e aos amigos que cultivei, obrigada por todos os comentários, apoio e a amizade oferecida - em especial nesse último ano, a Laura Jeremias e a Taís Soares.

Nesse processo de idealização e elaboração da pesquisa, meu agradecimento à pós graduanda Yvets Morales, que me ajudou na compreensão e no refinamento de obras teóricas, bem como no processo enriquecedor de reflexão e debate. Poucas pessoas contribuíram tanto para a minha vida acadêmica e marcaram tão verdadeiramente meus anseios e valores como ela. Obrigada por ter sido mais um porto de alegria. Agradeço ainda a todos os integrantes do grupo de pesquisa Processocom que contribuíram para a minha formação de alguma forma; sou grata pela generosidade e companhia em inúmeros momentos, dentro e fora da Universidade.

Agradeço ao Ministério da Educação, pelo Programa de Financiamento Estudantil (FIES), que se fez essencial para minha passagem pela Universidade. Sou grata também à minha madrinha Dileta Salete Farias Soares e ao seu esposo vô Ênio Martins Farias Soares *in memoriam*, por se disponibilizarem à função de fiadores do Programa de Financiamento Estudantil.

Meu agradecimento, em especial aos co-produtores de conhecimento, Renata Schmorantz e Maiquel Borges, fotógrafos do *O Bendito Fruto*, objeto de referência da minha pesquisa, por toda tempo e atenção nos processos de entendimento sobre seu trabalho e abertura do seu espaço para reflexão e questionamentos, que foram imprescindíveis para a realização desta pesquisa. Também não posso deixar de agradecer às mulheres participantes da pesquisa que se dispuseram a expor suas marcas e experiências e que doaram um precioso tempo de suas vidas para o entendimento de suas vivências.

Agradeço a todos que compartilharam comigo um único dia ou todos os momentos. Convido-os a continuarem fazendo parte da minha vida, sempre!

*O pessoal é político.*  
A todas as mulheres que lutaram e a todas que lutam ainda,  
o desafio persiste!

## RESUMO

Como mercadoria comercializável, o corpo tornou-se – contemporaneamente – um objeto de consumo em meio à valorização da imagem. E é justamente o corpo feminino o foco principal de uma tendência moderna à alteração das características. Muitas mulheres procuram adequar seu corpo aos padrões de beleza difundidos, mas também vemos emergir experiências e posicionamentos que procuram contestar estas construções hegemônicas relativas ao corpo feminino. O corpo hoje, mais do que nunca, está em cena e vem sendo exposto em fenômenos sociais e diferentes manifestações culturais. A presente pesquisa propõe pensar o papel da fotografia intimista feminina em termos de possibilidades (e limites) oferecidos para a desconstrução dos padrões de beleza hegemônicos relativos ao corpo feminino. Tendo como caso de análise *O Bendito Fruto*, a pesquisa volta-se para a compreensão dos sentidos que a experiência de ensaio adquire em termos do relacionamento da mulher com seu corpo e para a análise dos vínculos destas significações com as trajetórias comunicacionais e midiáticas das mulheres referentes a esta questão. Para embasar a investigação, foram trabalhados os conceitos teóricos de gênero, corpo, cidadania comunicativa, sujeitos comunicantes e fotografia. As estratégias metodológicas se construíram a partir da transmetodologia, que orientou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa da pesquisa, a pesquisa de contextualização e a pesquisa teórica. O olhar transmetodológico também norteou a pesquisa empírica exploratória, realizada por meio de um questionário no ambiente digital, com sujeitas que fizeram o ensaio intimista. Além disso, foram feitas entrevistas em profundidade com duas mulheres, que compõem a amostra da pesquisa na fase sistemática e com os produtores fotográficos. E, por último, foi realizada uma pesquisa de auto experimentação do ensaio intimista. Entre as descobertas da pesquisa, os resultados apontam para algumas metodologias que *O Bendito Fruto* proporciona em seus ensaios intimistas auxiliando para a reflexão e o autoconhecimento da mulher em relação ao seu próprio corpo. Concebe-se na experiência com o ensaio intimista em *O Bendito Fruto*, de uma perspectiva cidadã, a possibilidade de que essas identidades sejam reconhecidas, procurando entender a complexidade da constituição feminina dentro de um contexto social específico.

**Palavra-chave:** Gênero. Corpo. Cidadania Comunicativa. Fotografia. *O Bendito Fruto*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda Dior do perfume <i>J'adore</i> .....	36
Figura 2 - Propaganda Jean Paul Gaultier, Welcome to the Factory, do perfume <i>Le male</i> e <i>Classique</i> .....	36
Figura 3 - Propaganda Jean Paul Gaultier do perfume <i>Le male</i> e <i>Classique</i> .....	37
Figura 4 - Propaganda Carolina Herrera do perfume <i>Eau de Parfum Sublime</i> .....	37
Figura 5 - Propaganda Carolina Herrera do perfume <i>Eau de Toilette</i> .....	38
Figura 6 - Propaganda Calvin Klein do perfume <i>Euphoria</i> .....	38
Figura 7 - Propaganda Dolce & Gabbana do perfume <i>Light Blue</i> .....	39
Figura 8 - Dove, Campanha Real Beleza .....	40
Figura 9 - Natura, Campanha Natura SOU.....	40
Figura 10 - Arte feita por Camila Rosário. Para a Campanha Reposter da cerveja Skol .....	44

## SUMÁRIO

<b>1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA .....</b>	<b>10</b>
1.1 Objetivos.....	12
1.1.1 Objetivo Geral .....	12
1.1.2 Objetivos Específicos .....	12
1.2 Justificativa.....	13
1.3 Estrutura do trabalho .....	15
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>17</b>
2.1 Transmetodologia .....	18
2.2 Processos de construção da pesquisa.....	20
2.3 Os movimentos de pesquisas bibliográfica, da pesquisa, de contextualização e teórica....	22
2.4 A pesquisa exploratória .....	25
2.5 Constatações e pistas da pesquisa exploratória .....	28
2.6 A pesquisa sistemática.....	29
<b>3 QUE CORPO É ESSE?.....</b>	<b>33</b>
3.1 Construindo um novo corpo feminino.....	33
3.2 Despindo mulheres, padronizando corpos.....	41
2.3 Mudando perspectivas .....	45
3.4 O Bendito Fruto .....	47
3.4.1 Como tudo começou.....	47
3.4.2 A beleza sem objetificação .....	48
3.4.3 Nos bastidores.....	49
<b>4 PERSPECTIVAS PARA PENSAR GÊNERO, CORPO E FOTOGRAFIA .....</b>	<b>50</b>
4.1 O gênero .....	50
4.1.1 “Tornar visível àquela que foi ocultada” .....	52
4.1.2 As relações sociais e as identidades .....	54
4.1.3 Um longo caminho para as desconstruções .....	56
4.1.4 Construção de gênero e relações de poder.....	56
4.2 O corpo .....	57
4.2.1 O controle do corpo .....	59
4.2.2 Um corpo sexual.....	61
4.2.3 Escolarização do corpo.....	61

4.2.4 Reconhecendo a sexualidade .....	64
4.3 A fotografia.....	65
4.3.1 Da pintura à fotografia: a arte de retratar o corpo humano.....	65
4.3.2 Expressões e sentidos da fotografia na sociedade .....	68
4.4 Sujeitos comunicantes gênero e cidadania .....	71
4.4.1 Pensando a cidadania vinculada ao gênero e ao corpo.....	71
4.4.2 Cidadania comunicacional.....	76
<b>5 O BENDITO FRUTO E AS MULHERES: GÊNERO, TRAJETÓRIAS COMUNICACIONAIS E SENTIDOS SOBRE O ENSAIO SENSUAL .....</b>	<b>80</b>
5.1 Maiquel e Renata: produtores de <i>O Bendito Fruto</i> .....	80
5.2 Lea: participante da pesquisa.....	87
5.3 Letícia: participante da pesquisa.....	92
5.4 Minha experiência com o ensaio em <i>O Bendito Fruto</i> .....	99
5.5 Gênero, corpo, fotografia e cidadania comunicativa: pensando as experiências das mulheres.....	101
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE A- OBSERVAÇÃO EXPLORATÓRIA NO INSTAGRAM .....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE C – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MULHERES.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA – PRODUTORES .....</b>	<b>135</b>

## 1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Ao longo do tempo, como observa Molina (2013, p.76) “o corpo vem se transformando em um poderoso meio de comunicação, associado à ideia de significação e representação, enquanto a fotografia serve como o seu suporte de articulação”. Isto é, o corpo era visto até então como meio de expressão, utilizado somente como arte. Posteriormente, percebeu-se que o corpo poderia ser usado como instrumento de venda, potencializando as ferramentas da publicidade. Desta forma, tornou-se “um espaço de criação de novas perspectivas e pontos de vista, atrelado aos mais diferentes meios, se apresentando como dispositivo produtor de linguagem.” (MOLINA, 2013, p.77).

O corpo passou a ser considerado, acima de tudo, como um objeto de persuasão, atrelado a um produto comercializável, o qual é moldado e vendido, formando um nicho mercadológico da *indústria do corpo perfeito*<sup>1</sup>. (MEMÓRIA, 2010). O corpo feminino, principalmente, tornou-se muito desejado, passando a ser empregado em diversos meios de comunicação. Malysse (2002, citado por MOLINA, 2013, p.62) afirma que, nas últimas décadas, o culto ao corpo feminino tem se tornado extremamente forte no sentido comercial e capitalista. O *eu físico*<sup>2</sup> passou a ser considerado como base dos nossos sentidos e da nossa apreciação do mundo. Diante da enorme gama de procedimentos disponíveis para transformar e modificar o corpo criou-se uma indústria da beleza que procura única e exclusivamente o corpo perfeito. A mídia tem um papel importante de veiculação de conceitos e padrões que a sociedade acaba adotando. E nesse sentido ela tem colaborado para afirmar algumas concepções de corpos fazendo que se haja a necessidade de atingir o máximo nível de satisfação e beleza. Quando não se adere a esse padrão, os corpos acabam sendo marginalizados por não fazerem parte dessa sociedade. O corpo, porém, deveria ser considerada uma expressão individual de cada ser, com construção própria e personalizada, tendo como base os desejos pessoais de cada indivíduo, repudiando padrões de beleza e comportamentos de consumo e assumindo suas escolhas e identidade. (BARBOSA citado por LIMA, 2013, p.04). Nesse, sentido, a produção fotográfica representou um papel essencial tanto como inovação tecnológica, quanto como difusão de informação, além

---

<sup>1</sup> O termo “indústria do corpo perfeito” é utilizado para falar que a indústria da moda é uma das principais impositoras da ideia do corpo ideal (considerado o “corpo perfeito”, ou seja, tido como **o padrão estético idealizado pela sociedade dominante**), conceito que é amplamente difundido através da mídia. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/corpo-ideal-e-corpo-real/>> Acesso em: 03set. 2017.

<sup>2</sup> O termo “eu físico”, refere-se ao corpo, parte material humana.

de ser uma possibilidade de expressão artística. (MOLINA, 2013). A fotografia faz surgir novas visibilidades através da experiência do sujeito, trazendo o conceito de edificação do sujeito “personalizado” na sociedade. E por isso, hoje um bom número de fotógrafos vem tentando exercer sua arte fotográfica como um espaço livre das imposições estéticas, convidando assim a redescoberta tanto do sujeito que vive experiência quanto do sujeito da recepção, propondo uma transformação do olhar e auxiliando em uma cidadania comunicativa.

Alguns grupos de fotografia vêm desenvolvendo uma abordagem diferenciada, buscando desconstruir e humanizar a beleza feminina, como é o caso de *O Bendito Fruto*<sup>3</sup>, cujo trabalho é desenvolvido pelos fotógrafos Maiquel Borges e Renata Schmorantz, no qual combinam fotografia com a arte de contar histórias, num esforço de humanizar a fotografia sensual, o que será detalhado no momento adequado. Nesta pesquisa interessa o fato de que os fotógrafos tentam atuar na desconstrução da padronização da beleza, buscando mostrar em seu trabalho que as pessoas têm muito mais a oferecer do que apenas sua aparência.

Através d’*O Bendito Fruto*, objetiva-se atentar para a relevância de desconstruir os padrões de beleza impostos hoje. A proposta é refletir sobre transformações acerca do modo como a sociedade vê o corpo feminino e, principalmente, como as mulheres estão se vendo. Grupos como *O Bendito Fruto*, que vêm trabalhando nesse processo, podem estar contribuindo de forma ativa para essa transformação.

Tanto a desconstrução do padrão da beleza quanto à humanização serão conceitos desenvolvidos durante este trabalho, através do olhar da fotografia sensual que busca, por meio de sua percepção, mostrar que a beleza física da mulher é a soma das histórias vividas por aquela pessoa. “Através de uma sensualidade autêntica que não descaracteriza a mulher retratada, mas, pelo contrário, ressalta suas particularidades como o que de mais valor se pode possuir: o ser autêntico, consciente e forte”. (LIMA, 2013, p.08).

O foco central desta pesquisa abrange as seguintes questões: *De que forma é vivenciada e significada a construção do corpo na experiência das mulheres com o ensaio fotográfico sensual do O Bendito Fruto?* Este questionamento principal se concretiza em outras perguntas orientadoras da pesquisa:

- *De que modo “O Bendito Fruto” constitui a experiência das mulheres com seu corpo no processo de ensaio, da produção de narrativas e nas fotografias sensuais realizadas? Como essa experiência é vivida e significada pelas mulheres?*

---

<sup>3</sup>Disponível em: < <http://obenditofruto.com.br/fruteira/>> Com acesso em: 03 set. 2017.

- *Que significações o corpo assume nesta experiência, que inclui os ensaios, as fotografias e as narrativas realizadas?*
- *Que vínculos esta experiência e seus sentidos possuem com as trajetórias comunicacionais e midiáticas das mulheres relativas ao seu corpo?*
- *É possível que a experiência com a fotografia sensual feminina realizada pelo O Bendito Fruto promova a desconstrução de padrões de beleza relativos ao corpo feminino, promovendo uma cidadania comunicacional relacionada ao corpo generificado?*

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Investigar e compreender os sentidos que adquire a experiência vivenciada por mulheres relacionadas à construção do seu corpo em ensaios fotográficos sensuais produzidos pelo *O Bendito Fruto*.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Contextualizar historicamente aspectos relativos à construção do corpo feminino ao longo dos tempos e à constituição de padrões hegemônicos de beleza, dando atenção aos modos como as mídias em geral – e a fotografia em particular – participam deste processo.
- Caracterizar a proposta de O Bendito Fruto em relação ao processo de ensaio, à produção de narrativas e as fotografias intimistas realizadas.
- Descrever e analisar as significações que o corpo assume para as mulheres na experiência vivenciada no processo de ensaio realizado pelo *O Bendito Fruto*.
- Identificar e analisar as marcas das trajetórias comunicacionais e midiáticas das mulheres relativas ao seu corpo nas significações produzidas nos ensaios.
- Analisar o papel da experiência de ensaio sensual na manutenção e ou desconstrução de padrões relativos ao corpo feminino na perspectiva de construção de cidadania comunicativa do corpo generificado.

## 1.2 Justificativa

*As neuroses modernas da vida num corpo feminino se espalham de mulher para mulher em ritmo epidêmico.* (WOLF, 1992, p.23).

Vivemos em um mundo onde os padrões de beleza foram sendo impostos às mulheres “de forma lenta e imperceptível sem que percebêssemos a verdadeira força da destruição” (WOLF, 1992, p.24). Ainda hoje o corpo feminino está submetido a certos padrões hegemônicos, mesmo que seu ápice já tenha passado, de maneira a continuar atuando e construindo os corpos.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão (SP), foi desenvolvido um estudo que analisa o papel da mídia na satisfação corporal e nos hábitos alimentares entre jovens. Os resultados mostraram que os padrões de beleza veiculados pelas mídias podem causar insatisfação com o próprio corpo, segundo a nutricionista Maria Fernanda Laus. Os dados apontam que 80% das mulheres entrevistadas optaram por uma figura mais magra e que 12,5% delas optaram por alimentos mais saudáveis. “Podemos concluir que a insatisfação acontece quando a pessoa acredita que aquele corpo exposto pela mídia é o padrão de beleza. A insatisfação se dá por meio de comparação. O ser humano, em geral, quando vê uma foto de um indivíduo que ele acha que é superior, tende a se comparar a ele”, diz a pesquisadora. “Isso se deve ao padrão de beleza imposto pela mídia e à cobrança da própria sociedade de que as mulheres deveriam seguir aquilo como ideal”, conclui.<sup>4</sup>

Nesse contexto, experiências como a d’*O Bendito Fruto* são importantes de trabalhar, pois apontam para transformações acerca do corpo feminino; estas são interessantes de ser analisadas por seu potencial de desconstruir os padrões de beleza construídos pela mídia de massa – e expandido para a mídia digital, que gera um grande volume de informações. Atualmente, o corpo feminino vem passando por um processo de libertação, aceitação e empoderamento, mas ainda vem sofrendo com a pressão social para aquelas que não se enquadram no padrão definido pela sociedade. Por isso, precisamos fazer com que a mulher compreenda seu corpo para que, através do autoconhecimento, ela saiba o que realmente quer,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/05/midia-influencia-satisfacao-corporal-de-jovens-diz-pesquisa-da-usp.html>> Com acesso em: 30 set. 2017

para que possa expressar seus prazeres e, além disso, ser uma mulher dona de si, dona de suas vontades.

A pesquisa aqui apresentada busca um olhar diferenciado sobre a maneira como a fotografia de corpos femininos pode ser utilizada, uma vez que a publicidade naturalizou a imagem da mulher de aparência padrão, atuando de forma sensual e objetificada, como ferramenta comercial, com a intenção exclusiva de atingir nichos de consumidores em potencial. Almeja-se que a análise de todos os aspectos desta pesquisa seja relevante para enriquecer o conhecimento no campo da comunicação e sirva de reflexão para atuais e futuros pesquisadores, publicitários e profissionais na área de comunicação em geral, visto que os resultados deste trabalho poderão ser utilizados para repensar o uso excessivo e estereotipado do corpo da mulher enquanto objeto comunicacional.

Nesses últimos anos tem-se percebido, na internet, a disseminação de experiências associada à fotografia intimista focada no corpo da mulher. Cada vez mais próximo dessas experiências que fui me questionando sobre o principal motivo da realização dos ensaios pelas mulheres, como também os sentidos e resultados que os mesmos podiam proporcionar. Através de uma pesquisa exploratória a respeito do assunto, pude perceber que os objetivos do ensaio intimista – que visava à reflexão e o entendimento do próprio corpo pelas mulheres, estavam sendo vistos e percebidos da mesma forma que nos comerciais de TV representavam as mulheres - de maneira objetificada e vulgar. A partir disso, fui me fazendo questionamentos para tentar refletir acerca do problema.

Nessa mesma época, *O Bendito Fruto* estava com seu projeto de ensaio intimista, que buscava resgatar a humanização da mulher e mostrar que são pessoas com muito mais a oferecer. Desde então, tenho me indagado sobre o porquê das pessoas não olharem o outro lado, da mulher empoderada, da libertação sexual do feminino, da aceitação de que a mulher não é “perfeita” e não vem mais seguindo os padrões de beleza construídos e alimentados pelas mídias. A mulher contemporânea vem procurando mostrar o que realmente é, aceitando isso, de modo que “suas histórias são refletidas em seu corpo, em suas cicatrizes, seus cabelos e suas expressões”. (BARRETO, 2010, p.09).

### 1.3 Estrutura do trabalho

Neste **primeiro capítulo**, procurei explicitar a problemática desta pesquisa e elucidar as questões norteadoras que emergem da problematização, bem como os objetivos traçados para investigar as possibilidades que se abrem para o exercício de cidadania comunicativa de gênero relacionado às experiências do ensaio intimista com *O Bendito Fruto*. Também procuro justificar a importância e a relevância acadêmica, científica e social dessa pesquisa.

No **segundo capítulo** realizo um movimento de contextualização histórica sobre a construção do corpo feminino. Início com uma reflexão sobre a comercialização do corpo e sua padronização, sigo para uma discussão acerca da mediatização fotográfica/digital e seus desdobramentos no desenvolvimento de narrativas de mulheres sobre seus corpos, depois dedico atenção a historicizar o problema/objeto desta pesquisa, apresentando propostas, teorizações, etc.

O **terceiro capítulo** é dedicado à exposição das perspectivas teóricas que elaborei para compreender como se desenvolveram as construções de padrões de corpos e práticas comunicacionais no ambiente digital, na perspectiva de pensar as concretizações, possibilidades e limitações para a constituição da cidadania comunicativa. Nele construo o olhar teórico que fundamenta a construção compreensiva da pesquisa, a partir do diálogo com propostas de autores que me ajudam a trabalhar conceitos-chaves para melhor compreender o fenômeno aqui pesquisado, a saber: gênero, corpo, fotografia, sujeitos comunicantes e cidadania comunicativa.

Na sequência, no **quarto capítulo**, explicito a construção metodológica da pesquisa. Nele apresento a origem e o caminho que percorri até chegar à consolidação da problemática desta investigação, desde os primeiros movimentos de pesquisa. A seguir faço uma recapitulação do processo da pesquisa exploratória em torno do objeto assim, apresento como as informações coletadas foram de fundamental importância para restringir minha análise apenas às fotografias, narrativas e entrevistas que contivessem algum potencial de cidadania comunicativa de gênero como também de desconstrução dos padrões de beleza. Ainda nesse capítulo, explicito os critérios que levei em conta para selecionar três mulheres distintas para a entrevista, a construção da pesquisa em profundidade, revelando os procedimentos metodológicos construídos para a coleta, sistematização e tratamento dos dados obtidos.

Dedico o **quinto capítulo** à apresentação e análise dos dados coletados na investigação empírica. A partir de uma observação de cada uma das entrevistas analisadas, realizo esse trabalho em duas etapas: primeiro me servindo dos dados obtidos com os desenvolvimentos das entrevistas, analiso as mediações envolvidas nas práticas comunicativas realizadas no ensaio e

no ambiente digital. Num segundo momento, a partir do auto experimentação, busco compreender as implicações dos processos do ensaio para um possível exercício de cidadania comunicativa relacionada a desconstrução dos padrões de beleza.

Por fim, no **último capítulo**, recupero a problemática trabalhada na pesquisa e avalio a sua trajetória, relatando as descobertas mais relevantes realizadas através do cruzamento dos dados obtidos durante o processo das análises de entrevistas. Também apresento algumas perspectivas que abrem para futuras pesquisas relacionadas ao foco dessa investigação.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Mais do que uma etapa do processo de construção da pesquisa a metodologia, como conceito e como constituinte irrevogável de uma pesquisa frutífera e qualificada, vai além do simples fato de *nortear* os atos do pesquisador. Ela também “orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis” (BONIN, 2006) e “constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas” (MALDONADO, 2006).

É importante ressaltar que as transformações acerca do fazer científico tiveram como sustentação estrutural uma economia capitalista, o modelo liberal-representativo de governo e o paradigma positivista de ciência. É nesse contexto histórico e suas fundamentações, onde a ciência, a produção de pesquisa e o conhecimento estão situados. (MALDONADO, 2011). Os descobrimentos, invenções, configurações e fundamentações científicas têm uma longa história onde participaram distintas culturas que colaboraram ativamente para a produção do conhecimento que são fundamentais na constituição da ciência do mundo.

O campo científico contemporâneo é fruto de um longo período de geração de teorias, lógicas e experiências, que desencadeou estruturas sociais “[...] para organizar produção de conhecimento de alto nível nos setores de pensamento, que hoje se designam como ciências humanas e sociais.” (MALDONADO, 2011, p.278).

A pesquisa científica distingue-se do conhecimento chamado “senso comum”<sup>5</sup> e para Bonin (2011, p.01) busca compreender o fenômeno estudado rompendo com o senso comum e perspectivando o olhar a partir das teorias na pesquisa.<sup>6</sup> A operação que fazemos para construir a pesquisa como objeto científico é dita de ruptura epistemológica.

Para Rosário e Aguiar (2013, p.46), “cada problema/objeto constitui especificidades que só poderão ser contempladas se houver abertura para uma configuração metodológica diversificada”. Assim, especificamente no âmbito da metodologia, é importante *transcender* e buscar saídas metodológicas que se adaptem às especificidades de cada pesquisa. Disponibilizamos já de um conjunto de métodos, procedimentos, reflexões, sistematizações, estruturações constituídas na sua caminhada histórica que não podem ser negligenciados pelo

---

<sup>5</sup> Aquela que construímos na vida cotidiana de variadas formas.

<sup>6</sup> Para Bonin, as teorias na pesquisa não é limitada a elaboração do “Referencial Teórico”, embora de forma formal seja naquele espaço onde expressivamente a teorização aparece, mas impregna toda a investigação.

pesquisador (BONIN, 2012). A construção de novos conhecimentos se faz em confluência e confronto com esse saber acumulado.

Para isso, é necessário alicerçar-se na busca de conhecimentos que superem as fronteiras entre as disciplinas, na experimentação e intuição para não só utilizar corretamente, mas também redirecionar as teorias já consolidadas que muitos pesquisadores tendem a seguir de olhos fechados. Em suma, é necessário adaptar os métodos a nosso favor, se necessário, reconstruí-los a fim de buscar novas maneiras de alcançar nossos objetivos acadêmicos.

Como âmbito que transcende todo o fazer processual de um trabalho científico, a metodologia precisa ser pensada de maneira *particular*, sob o viés do próprio objeto de pesquisa e de todos os seus possíveis desdobramentos. Por essa razão, para pensar no mapa metodológico se propõe um diálogo transmetodológico que permita sugerir, *repensar-se, reinventar-se e reconstruir-se* durante o processo de pesquisa.

Por fim, julgo importante remarcar o quão fundamental é a metodologia na pesquisa. Para a compreensão e frutífera construção dos métodos em prol de resultados científicos aprofundados, deve-se “transcender a noção de metodologia como decisão sobre a amostragem e as técnicas de coleta de dados para pensá-la como processo de construção [integral] da pesquisa” (BONIN, 2006, p. 37).

## 2.1 Transmetodologia

A comunicação se constitui como um campo de conhecimento mais jovem e, de certa maneira, subjetivo, tendo toda a condição de abrir-se a novas maneiras de chegar mais fundo na eterna busca pelo saber científico. Os pesquisadores da comunicação, por sua vez, possuem a condição de pensar sua área de estudo com a maior amplitude possível. (COSTA, 2016).

Para isso, é necessário que a busca de conhecimentos supere as fronteiras entre as disciplinas, na experimentação e intuição para não só utilizar corretamente, mas também redirecionar as teorias já consolidadas que muitos pesquisadores tendem a seguir de olhos fechados. Dessa forma, é importante que se estude sobre o conceito de *transmetodologia*.

E é para lidar com essas diferenças específicas de cada problema/objeto de pesquisa que podemos utilizar a perspectiva transmetodológica, afinal “o real, concreto, reconstruído pela pesquisa científica, mostra que os processos e fenômenos em comunicação são multidimensionais e multicontextuais.” (MALDONADO, 2012, p. 35.). Portanto, torna-se improdutivo apenas estudar os métodos e aplicá-los exatamente da maneira como estão descritos. Para Maldonado (2012, p. 36):

Essa perspectiva rejeita o consumo intelectual mecanizado de lógicas e métodos prontos; critica a adoção instrumental de procedimentos, modelos, matrizes, paradigmas e propostas metódicas. Afirma, como uma premissa inventiva imprescindível da investigação científica, a necessidade de reconstrução, reformulação, problematização e experimentação metodológica em todos os projetos e investigações.

Para dar conta do contexto atual da pesquisa, as metodologias utilizadas na articulação da investigação precisam se reconfigurar constantemente. Desde as entrevistas com os sujeitos até a observação de seus contextos culturais e a compreensão de suas identidades, é necessário pensar em abordagens teórico-metodológicas que compreendam tanto o fenômeno investigado como os sujeitos comunicativos em sua complexidade. (LUZ, 2018). Assim como as identidades dos sujeitos comunicantes se mostram afetadas pelas multiplicidades de contextos e culturas das quais fazem parte, o conhecimento proveniente de vários campos científicos deve ser tensionado no âmbito do corpo.

Apenas com essa confluência de pensamentos e múltiplos contextos dos sujeitos é possível construir uma problemática investigativa transdisciplinar. O pensamento investigativo, deste modo, precisa ser múltiplo, realizando debates entre as teorias e operacionalizando concretamente as problemáticas, a fim de que elas se desenvolvam para gerar novos conhecimentos.

Não podemos, como pesquisadores da comunicação, nos esquecer de não seguir apenas as receitas prontas, mas também *descobrir e construir* conhecimento. Maldonado (2012, p. 37) afirma que:

A forma de acomodação que os modelos, esquemas e estratégias “consagrados”, instrumentais e pragmáticos, apresentam para a maioria dos estudantes, professores e técnicos é avassaladora. O instrumentalismo e a aplicação de roteiros metódicos formatados sob essa orientação constituem o senso comum acadêmico metodológico contemporâneo da comunicação.

Como também argumentam Rosário e Aguiar, “o que a modernidade tornou visível em alguns momentos é certa estagnação: repetições de objetos, de problemas, de metodologias e de resultados de pesquisa.” (2013, p. 43). Isso porque em algum momento entendeu-se de forma equivocada que a uniformidade nos processos de pesquisa poderia garantir o seu sucesso. É possível perceber essa tendência em trabalhos de conclusão de curso, por ser a primeira experiência em pesquisa científica de muitos estudantes. Além de “refazer” os padrões consolidados daqueles que “detém” a verdade acadêmica, essa ideia acaba restringindo

possíveis avanços trazidos pela inovação, principalmente quando falamos de metodologia. (COSTA, 2016).

A transmetodologia demonstra que trabalhar o âmbito metodológico de maneira ampla e diversa aperfeiçoa e otimiza a abordagem aos problemas de pesquisa escolhidos. Desse modo, os trabalhos resultantes do processo nascem mais bem estruturados, contextualizados e resolvidos. Quando cercamos uma realidade e nos apropriamos dela como objeto de estudo, devemos levar em conta que a verdade sobre um fato é sempre relativa, pois pertence a momentos históricos específicos. (FOLETTTO, 2013, p. 69). Aplicada de forma integral, a transmetodologia tem o poder de *modificar* a pesquisa a cada avanço desta.

Não se pode pensar que a teoria dará conta do “todo”, mas ela busca abranger processos complexos a fim de problematizar novas questões à medida em que cria um pensamento articulado e centrado. Os conhecimentos não são acabados e seguem diversos caminhos para se estabelecerem. Não existem linhas retas ou cartesianas na pesquisa, ela requer procedimentos múltiplos de exploração, construções não estáticas que se movimentam criativamente. (LUZ, 2018).

Especificamente nesta pesquisa, entender o processo comunicativo que me interessa requer que a dimensão complexa dos sujeitos (suas vivências e conhecimentos) seja refletida por pensamentos sociológicos, antropológicos, culturais, comunicativos e políticos - e a transmetodologia possibilita uma imersão fértil em suas realidades. É necessário criar um diálogo sem fronteiras, que registre as diferenças culturais desses sujeitos, valorize os seus cotidianos e entenda cada pessoa enquanto uma riqueza na construção investigativa.

## **2.2 Processos de construção da pesquisa**

Nem sempre aquilo que projetamos é o que finalmente irá se concretizar. Por inúmeros fatores, os desenhos iniciais de uma pesquisa podem morrer, renascer e viver um intenso ciclo de reformulações. Para chegar à construção da problemática, realizei uma longa caminhada, marcada por diversos estudos, análises e propostas. Interessada sempre por algo que fosse capaz de transformar as pessoas e que quebrasse certos padrões hegemônicos, me vi estimulada a investigar a fundo as experiências proporcionadas pela fotografia intimista que pudessem conter potencial de cidadania comunicativa de gênero. Através de vários processos de leituras, compreensões, olhares e reflexões, pude perceber que a problemática fazia parte de mim também – como algo pessoal.

Ao mesmo tempo, como bolsista de iniciação científica por quase dois anos com a professora Jiani Bonin – através de seu incentivo e auxílio, fui aprendendo e me tornando mais questionadora e reflexiva através do seu projeto<sup>7</sup> e conseqüentemente com a minha pesquisa. Quando estava começando a rascunhar possíveis problemas para o meu projeto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), começamos a dialogar sobre aspectos relacionados à cidadania, onde pude perceber que esse conceito poderia oferecer uma perspectiva instigante para pensar as fotografias, unido a isso, seria capaz de estar ligado de alguma forma à experiência da fotografia intimista como parte de um processo da própria mulher com ela mesma.

Definido meu foco, que se tratava não da fotografia como técnica, mas sim da experiência dos sujeitos, resolvi fazer uma pesquisa exploratória nas redes sociais – Instagram e Facebook, na busca de produtores fotográficos que trabalhavam como o este foco. O objeto empírico de referência selecionado, finalmente foi *O Bendito Fruto* que, na época (2017,) estava em seu auge de repercussão nas redes sociais. As experiências das fotografias intimistas estavam se expandindo para as redes sociais com a proposta de que pudessem gerar processos reflexivos em outras mulheres em relação aos seus corpos.

Outro fator que favoreceu a escolha foi a localização, os produtores estavam estabelecidos em Porto Alegre – RS, o que favoreceria o acesso a eles para entrevistas e questionamentos pessoalmente. Paralelo a isso, estavam acontecendo movimentos sociais de mulheres que colaboraram para que outros movimentos pudessem ter a possibilidade de acontecer.

É preciso que se tenha em mente que, como em qualquer pesquisa que reflita sobre os sujeitos em seus processos comunicativos, emergem inúmeros percalços metodológicos, que vão sendo refletidos, questionados e reorganizados no percurso da pesquisa, conforme relatarei nos itens seguintes.

---

<sup>7</sup> Trata-se da pesquisa *Cidadania comunicativa: perspectivas teórico-metodológicas para a investigação das inter-relações dos sujeitos com as mídias digitais*, coordenada pela professora Jiani Adriana Bonin, desenvolvida no Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com o objetivo de investigar propostas teóricas produtivas para pensar a cidadania comunicativa em vínculo com a dimensão cultural no âmbito das inter-relações dos sujeitos com as mídias digitais.

### 2.3 Os movimentos de pesquisas bibliográfica, da pesquisa, de contextualização e teórica

É interessante ressaltar que no campo da Comunicação, “as relações e interfaces com outros campos do saber vão surgindo, uma vez que os objetos se mostram multidimensionais e complexos” (LUZ, 2018). A primeira movimentação, a fim de compreender os contextos e a teoria da pesquisa foi a pesquisa da pesquisa.

Entendo a **pesquisa da pesquisa** como um inventário teórico-metodológico dos trabalhos realizados por outros pesquisadores que permite visualizar problemas de outros pesquisadores que já realizaram em suas pesquisas e fazer questionamentos que contribuem para as novas dimensões dos fenômenos aqui pesquisados (BONIN, 2012). Esta prática é fundamental para o processo de construção de uma pesquisa. É uma busca da literatura científica sobre o conteúdo existente no campo e áreas relacionadas ao objeto empírico. Como argumenta Bonin (2011, p. 02), “[...] a pesquisa científica não pode desconsiderar a história do campo do conhecimento em que se insere e a partir de onde se constrói, buscando dar uma contribuição que seja relevante”. Essas produções nos auxiliam nas reflexões das dimensões construtivas de nossa pesquisa.

Comecei um movimento de busca bibliográfica na procura de pesquisas que pudessem auxiliar no processo de contextualização e delimitação teórica da minha investigação. Para isso, busquei em sites que contivessem produções de artigos e textos científicos da área da Comunicação – entre eles *Intercom*<sup>8</sup>, *Compós*<sup>9</sup>, igualmente pesquisas na *Biblioteca Unisinos*<sup>10</sup>, no Banco de Teses da *Capes*<sup>11</sup>, no *Google Acadêmico*<sup>12</sup> e no *Scielo*<sup>13</sup> - mas também de outras

<sup>8</sup> A pesquisa bibliográfica na Intercom é possível através do Portcom (Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação). Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Com acesso em: 9 ago. 2018.

<sup>9</sup> A Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação possui desde 2000 uma biblioteca virtual, na qual estão disponibilizados os textos apresentados nos Grupos de Trabalho (GTs) de seus encontros anuais. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Com acesso em: 9 ago. 2018.

<sup>10</sup> A Biblioteca Unisinos possui uma base de dados remota de referência ou texto completo. Composta de resumos, teses, dissertações, artigos, periódicos nacionais e internacionais. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/biblioteca/>>. Com acesso em: 9 ago. 2018.

<sup>11</sup> A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desde 2000, possui um banco virtual de teses e dissertações. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Com acesso em: 9 ago. 2018.

<sup>12</sup> Buscador disponível na web desde 2004 que abrange textos e materiais de inúmeras áreas de pesquisa. Seus resultados de busca se dão em ordem de relevância, ou seja, os critérios de divulgação são baseados na disponibilidade de texto na íntegra, conceito do autor, onde foi publicado e a frequência de citação do trabalho. Informação disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Com acesso em: 9 ago. 2018.

<sup>13</sup> A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Com acesso em: 9 ago. 2018.

áreas (sociologia, educação, antropologia e psicologia), a fim de perceber que movimentos e reflexões já haviam sido feitos a respeito do corpo. Utilizei múltiplas palavras chaves para localizar propostas de textos que me fossem úteis como: *identidade, mulheres, gênero, corpo, fotografia, fotografia sensual, experiências, cidadania, cidadania cultural, cidadania comunicativa, sujeitos comunicantes, comunicação e meios digitais, mídias e fotografia*. É importante considerar que o auxílio de muitos professores da graduação e pós-graduação como também mestrando e doutorandos, foram de grande relevância para a busca de autores na construção dessa pesquisa.

Das múltiplas pesquisas localizadas, encontrei trabalhos relacionados com o foco da minha pesquisa, mas também pesquisas que me auxiliaram a compreender melhor os contextos históricos e componentes relevantes para o entendimento de conceitos empregados aqui. Além disso, as próprias referências bibliográficas utilizadas nas pesquisas buscadas também serviram para formar um repertório de textos que sustentaram a construção desta pesquisa. Comecei a etapa de seleção da bibliografia, na qual escolhi textos que fundamentariam a contextualização e dariam aportes para a teorização. Com os textos já selecionados, comecei a etapa de leitura e fichamento, já pensando nos materiais que seriam utilizados como base para a escrita dos capítulos de contextualização e da teoria.

Minha ideia era entender aspectos relativos a construção do corpo da mulher através de sua experiência com o problema-objeto, entendendo os entornos que constituem o cenário da pesquisa, vinculando organização das problematizações teóricas e exploração no campo

Em relação à **pesquisa de contextualização**, entendo-a como um processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição que dá *valor sócio histórico e científico* aos projetos. E por isso é muito importante situar cada pesquisa nos múltiplos *contextos* (acadêmico, social, geopolítico, cultural, tecnológico, religioso) (MALDONADO, 2001) que envolve as particularidades do objeto. Além disso, a perspectiva histórica permite dar luz aos processos e os fatores que formam o fenômeno investigado.

As autoras com quem dialoguei nessa etapa foram Nayara Barreto (2010), Naomi Wolf (1992), Márcia Molina (2013), Paula Memória (2010), Denise Araújo, Daniele Leoratto (2013), Nísia Rosário (2002) e Caroline Vargas (2008), que me ajudaram a compreender especificidades sobre a construção do corpo feminino ao longo dos tempos vinculadas às mídias e seu papel na construção de padrões de beleza hegemônicos atualmente. A partir delas, também consegui problematizar melhor os eixos teóricos, estabelecendo relações e as construções feitas aqui.

Textos e as leituras realizadas no movimento de busca bibliográfica também nortearam a **pesquisa teórica** constitutiva desta proposta investigativa. Essa etapa se consolida na construção de uma rede de conceitos que precisam ser desenhados e articulados de modo a sustentar a compreensão do campo empírico da pesquisa. As perspectivas apresentadas pelos autores de textos levantados na pesquisa bibliográfica servem para unir-se a outros materiais bibliográficos e oferecerem uma reflexão ao pesquisador, que passa a trabalhar em sua construção investigativa, relacionando teoria e empiria (LUZ, 2018).

A pesquisa teórica também não se limitou a textos de comunicação. Como o caráter da pesquisa é transmetodológico, as interconexões entre os campos de saber são fundamentais para construir reflexões amplas e que deem conta do fenômeno investigado. (LUZ, 2018). Áreas como a sociologia, a antropologia, fotografia ajudam a pensar as problemáticas, uma vez que nessa investigação é pensado o corpo, o gênero, a fotografia e a cidadania. Desse modo, explorar a produção bibliográfica que embasa a teoria requer ir além das bases comunicacionais, mas atrás de um diálogo real entre os campos.

Para dar conta de analisar dimensões propostas de serem pensadas para o meu problema/objeto, foi utilizado um conjunto de autores para o capítulo do referencial teórico e, também, outros autores que auxiliaram na contextualização para responder dimensões específicas de um recorte histórico. Cabe ainda destacar que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pude participar de eventos que me permitiram adquirir novos conhecimentos e também contei com o auxílio de alguns experientes mestrandos e doutorandos que colaboraram para enriquecer ainda mais esta pesquisa.

Para Maldonado (2011) e Bonin (2011), um conjunto exequível de conceitos devem ser trabalhados de maneira organizada, aprofundada e renovadora na pesquisa teórica. É importante que se tenha uma articulação de proposições teóricas que permitam compor um quadro compreensivo do problema/objeto estudado. Podemos ainda dizer que a pesquisa teórica não poder ser reduzida a uma revisão de literatura, pelo contrário, exige a problematização constante das ideias, inserindo nos raciocínios as questões e os aspectos de problema/objeto.

Os autores que trabalho para problematizar a teoria percorrem trajetórias diferentes, mas unem-se no momento de pensar o objeto da pesquisa. Para problematizar o gênero (pensar o feminino), empreendi diálogos com Guacira Lopes Louro (1997) e Joan Scott (1995, 2012).<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> As pesquisas de gênero estão presentes em diversos buscadores, mas encontrar materiais importantes e relacionados à problemática que investiguei, nas relações entre a mulher e sua construção a partir fotografia, se tornava mais difícil sem uma orientação, já que os textos nos quais achava estavam voltados para as áreas

Na construção teórica relativa ao corpo, privilegiei o diálogo com proposições de Lopes Louro (2000), Michel Foucault (1988,2008), David Le Breton (2002), Félix Guatari (2013) e Merleau Ponty (1994). Os trabalhos de André Rouillé (2009), Milton Guran (2007), Michel Foucault (1999a), Philippe Dubois (2011) e Boris Kossoy (2002) foram fundamentais para a construção de compreensões sobre a fotografia. Reflexões sobre a cidadania comunicativa<sup>15</sup> e os sujeitos comunicantes foram trabalhadas a partir das reflexões de Elson Faxina (2012), Adela Cortina (2005) e Efendy Maldonado (2012).

Como nos orienta Jiani Bonin no grupo de pesquisa Processocom, o desafio do pesquisador se dá em não criar comodismos, não acreditar em verdades absolutas, mas manter um espírito questionador vivo, para ir além de concepções estabelecidas e exercitar a epistemologia e a criatividade incessantemente.

## **2.4 A pesquisa exploratória**

A concepção de pesquisa exploratória que desenvolvo também é atravessada pelo pensamento de Bonin (2013, p.29) que reflete que por meio dela “geramos elementos concretos do polo da empiria que vão participar no processo de fabricação da proposta investigativa, ao serem colocadas em relação com o polo teórico-metodológico da mesma”. Temos a oportunidade de explorar, experimentar, vivenciar e testar métodos para dar conta da problemática e dos objetivos elaborados. Para Bonin (2013), a pesquisa exploratória só adquire sentido quando trabalhada em confrontação com o polo da teoria. Por isso, é necessário que façamos um esforço de reflexão para atender as potencialidades e os limites da investigação e que não busquemos uma metodologia de pesquisa pronta, ou um passo a passo para aplicarmos em nosso problema/objeto.

Com base nessa percepção, passei a me questionar qual espaço eu iria ter mais acesso às mulheres com as quais iria trabalhar, como seriam escolhidas. O Bendito Fruto tinha três canais de divulgação – site, Facebook e Instagram. Depois de ter construído meu objeto/problema e ter feito toda uma caminhada teórica para tentar entender mais sobre minha investigação, meus

---

específicas; ainda, quando procurados juntamente com fotografia a temática era sobre revistas de pornografia. Por isso, priorizei os textos que foram compartilhados comigo pela Doutorando Paulo Júnior Melo da Luz, que indicou uma série de bibliografias problematizando o gênero enquanto construto social em perspectiva pós-estruturalista.  
<sup>15</sup> Os diálogos férteis e produtivos enquanto integrante do grupo de pesquisa Processocom foram cruciais para o pensamento cidadão comprometido. Através da convivência com o grupo tenho a oportunidade de me aproximar de autores e debater suas ideias. Venho tendo um grande amparo na formação teórico-metodológica, principalmente com viés transmetodológico.

primeiros passos exploratórios foram dados em ambiente digital, pra explorar as fotos e postagens relativas a ensaios intimistas realizados por mulheres com *O Bendito Fruto*. Primeiro veio o desafio de escolher em qual rede social – Instagram e Facebook ou site do *O Bendito Fruto* eu iria observar como também o período tempo. Deixei de lado o Facebook e o site, pois não havia uma frequência de atualização de fotos nestes espaços. Resolvi me focar no Instagram, já que ali havia uma grande quantidade de pessoas que não só seguiam, mas assistiam as *stories* e fotos postadas e que interagiam também. O recorte de tempo escolhido foi junho de 2016, um pouco antes do auge dos ensaios intimistas emergirem. A escolha desse tempo foi pelo fato de que o produtor estava deixando de trabalhar com frutas, que ele utilizava para fazer as fotos, para começar a definir um estilo de foto que viria a ser o ensaio intimista. Foram analisadas fotos desse período escolhido até agosto de 2018.

Foi aí que resolvi fazer a primeira seleção de fotos de mulheres para participar da pesquisa. Mas como selecionar? No Instagram do *O Bendito Fruto*, havia 825 fotos. Entre elas, havia algumas que não tinham uma relação direta com as experiências da fotografia intimista ou que eram fotos dos produtores. Observei todas as fotos e demais conteúdos; descartei todas aquelas que tinham cunho mais publicitário, em que não havia alguma narrativa. Em seguida, fui selecionando fotos que possuíam diversidade de corpos e de idades. Dessas, selecionei 30 das quais achei que continham potencial de desconstrução de padrões de beleza. Depois, busquei fazer um recorte de local, já que buscava fazer entrevistas pessoais com as mulheres, então escolhi todas que fossem do Rio Grande do Sul, especificamente da cidade de Porto Alegre. Também excluí aquelas fotos nos quais as mulheres tinham alguma relação com a área da comunicação, design e moda. Foram retiradas também mulheres que tinham sua narrativa em inglês, ou eram atrizes, ou a página não havia sido encontrada e fotos de publicações onde os comentários/narrativas não eram expressivos.

Das 30 fotos escolhidas, 20 haviam sobrado. Elaborei uma ficha para registro de dados de interesse da pesquisa, que incluiu: nome, idade, cidade, data de publicação, comentários, curtidas, profissão e narrativa. A partir das 20 fotos selecionadas, decidi aplicar um questionário que contivessem questões iniciais relevantes para a escolha das mulheres a serem entrevistadas na pesquisa. Pensando nessa prática inicial de aproximação como uma forma de detectar elementos concretos da realidade investigada, o questionário foi planejado para coletar dados sobre o perfil das mulheres, dados socioeconômicos, e incluía questionamentos acerca do *O Bendito Fruto*, perguntas sobre o ensaio intimista. O roteiro do questionário pode ser visualizado no Apêndice B.

Elaborei, então, uma mensagem no qual convidava as mulheres a participarem da pesquisa<sup>16</sup>, já disponibilizando o questionário, criado na plataforma *Google Forms*<sup>17</sup>, para que respondessem. A mensagem foi enviada através do Instagram, em cada uma das contas das mulheres selecionadas. Cinco mulheres responderam o questionário inicial. Esse primeiro questionário oferecia já indícios do que as mulheres estavam pensando sobre *O Bendito Fruto* como também os primeiros resultados que permitiam visualizar potencialidades na continuação da pesquisa.

O investigador, ao imergir no campo, mesmo que através do ambiente digital, já possui um conjunto de suposições e expectativas, que apenas no momento de construção empírica pode ser constatado ou não. No caso desse movimento exploratório, esperava que existisse um maior número de mulheres que respondessem o questionário, já que muitas retornaram respondendo pela minha iniciativa e pareciam dispostas a fazer o movimento de falar da experiência. Acredito que, o “distanciamento” que a relação *online* gera, entre outros fatores, contribui para um tipo de “descompromisso”, uma vez que os sujeitos não conhecem as reais demandas e necessidades do pesquisador. Como não criaram um vínculo comigo e, muitas vezes, não compreendem seu papel no fazer investigativo, parece que as mulheres não se sentiram comprometidas a responder ou colaborar.

Foram analisadas posteriormente todas as respostas das cinco mulheres para escolher três delas para participar da fase sistemática da pesquisa, que incluiria a realização de entrevistas em profundidade. A definição das três mulheres que iriam fazer as entrevistas foi feita considerando distinções em relação à estética corporal, idade, classe social, cor, localização, profissão além de suas narrativas sobre o processo.

---

<sup>16</sup> Oi! Meu nome é Raiana, e sou graduanda de Publicidade e Propaganda na Unisinos. Estou fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e meu objeto de investigação são os ensaios do *O Bendito Fruto*, onde procuro saber através das experiências vivenciadas pelas mulheres com o corpo, se os ensaios podem ser uma ferramenta de autoconhecimento e desconstrução dos padrões de beleza. Antes de tudo, gostaria de agradecer pelo tempo de ler minha mensagem. Para me auxiliar nesse processo de investigação, desejaria que se pudesse, respondesse um questionário. É bem breve. <https://goo.gl/forms/AIrrLoyjqGWmge532>. Agradeço mais uma vez pela ajuda. Beijos Rai.

<sup>17</sup> Google Forms é uma plataforma para criação de questionários do Google. Possibilita elaborar questões objetivas e dissertativas. Ele pode ser enviado às pessoas por link no e-mail ou compartilhado nas redes sociais. Após a resposta dos sujeitos, o programa realiza uma tabela com os dados para visualizar as ostas obtidas.

## 2.5 Constatações e pistas da pesquisa exploratória

Após a escolha das fotos das 20 mulheres, do Instagram dos produtores, enviei uma mensagem junto com questionário em cada conta dos Instagram dessas mulheres. Recebi 5 respostas na primeira fase exploratória. Todas as respostas do questionário foram respondidas pelas sujeitas. Acerca das primeiras constatações obtidas: em relação ao sexo, todas eram mulheres, as idades encontravam-se entre 23 a 53 anos, com predominância na faixa dos 24 anos.

Dentre as profissões e ocupações, estavam: professora, esteticista, assistente de suporte, publicitária e operadora de caixa. Quanto à procedência dos sujeitos, destaca-se em sua maioria de Porto Alegre, com exceção de uma mulher que é da localidade Viamão, região metropolitana.

Nessa etapa, também busquei pistas sobre razões que levaram as sujeitas a fazer o ensaio intimista como também transformações que ocorreram após a vivência. É importante ressaltar que 4 das mulheres que responderam o questionário, dizem ter encontrado *O Bendito Fruto* através do Instagram, e uma, através da indicação de um amigo fotógrafo. Isso sinaliza uma tendência da propagação de experiências através das redes sociais.

Outro ponto importante é o motivo para fazer o ensaio. É relevante considerar essa pergunta já que ela dá o ponto de partida do problema, da necessidade de se passar por essa experiência. De acordo com as respostas, em relação aos motivos, todos se apresentaram distintos, incluindo baixa autoestima, busca de aceitação corporal, amor próprio, segurança e até mesmo por vontade de fazer. É importante considerar que todas as mulheres têm seus processos históricos como suas realidades diferentemente uma das outras.

Outra questão foi acerca da mudança após passar pela experiência do ensaio. Essa pergunta foi necessária para compreender se haveria algum indício em relação a possibilidades de desconstrução dos padrões de beleza e de geração de autoconhecimento e entendimento sobre o seu próprio corpo. As respostas indicam que a experiência de ensaio teve, em geral, impacto positivos sobre as mulheres e sua relação com seu corpo:

Eu tinha uma visão completamente distorcida de mim e do meu corpo, me ver através daquelas fotos me fez perceber que a mulher que eu sou hoje tava ali o tempo todo 'escondidinha' e eu não tinha visto, eu só precisava me ver.

Minha autoestima.

Mudou maneira que me vejo e sinto, foi como se uma nova mulher tivesse nascido, foi libertador e transformador.

Posso falar o que mudou depois do primeiro ensaio, mas não foi com o Bendito Fruto.

Eu tenho amor próprio.

Dentre as perguntas objetivas do primeiro questionário, vi a necessidade de pedir qual foto das várias que cada uma havia feito no ensaio consideravam a que mais as definiam ou a que mais elas se identificavam no processo. Após a foto perguntei o motivo da escolha e as respostas foram de todos os tipos, mas o que mais tinham em comum é que elas se viam de maneira diferentes após o ensaio realizado. Estas fotos podem ser vistas no Apêndice C.

## 2.6 A pesquisa sistemática

Realizada a exploração nos ambientes digitais onde se via *O Bendito Fruto* e o primeiro questionário com as sujeitas da pesquisa exploratória, decidi aprofundar as problemáticas da investigação através da pesquisa sistemática. Por isso, busquei trilhar um caminho metodológico mais autônomo, pensando na especificidade que a minha investigação exige.

Quando se trabalha com sujeitos, é fundamental reconhecer que as significações realizadas por eles são provenientes de uma trajetória particular e de formações específicas constituídas em um contexto que inclui um lugar, uma família, um círculo social e outros cenários. De acordo com Maldonado (2013), as *pessoas em comunicação* produzem sentido de maneira fluída e caótica, estabelecendo pactos subversores com os sistemas e processos midiáticos. Reconhecer que cada pessoa vive e experimenta práticas de sentido em situações múltiplas é fundamental para dar conta da sistematização daquilo que dialogam e expressam em suas posições. No decorrer da pesquisa, é preciso estabeleça perspectivas de observação para a coleta das informações relevantes à pesquisa, mas sem fechar as conversas com os sujeitos, permitindo que deles partam as reflexões de forma livre.

Reconhecer que cada pessoa vive e experimenta práticas de sentido em situações múltiplas é fundamental para dar conta da sistematização daquilo que dialogam e expressam em suas posições.

Como toda investigação, é preciso reavaliar o processo e investir no caminho que se mostra mais produtivo. Para a entrevista em profundidade, escolhi conversar apenas com mulheres, já que eu gostaria de ter a percepção de como o gênero estaria operando sentidos de vivência com as fotografias intimistas, em relação aos seus corpos. Era preciso, porém, imergir na vida dessas mulheres, conhecê-las, dialogar olho no olho e de maneira sensível, entendendo

seu mundo e suas concepções da realidade. Por isso, optei por realizar entrevistas presenciais, semiestruturadas em perspectiva histórica, que permitissem gerar proximidade, vínculo e aprofundamento de aspectos relevantes para a pesquisa.

Os critérios relevantes para seleção das sujeitas foram suas narrativas - que continham alguns indícios de desconstrução dos padrões de beleza, profissão – o que dava um sinal da sua classe social e estética corporal e por último a idade. Todas as mulheres entrevistadas nesse último processo passaram por todas as etapas de seleção, inclusive pelo questionário. A ideia era montar uma amostra diversa entre estética corporal, idade, raça, profissão e classe social, para encontrar as interseccionalidades e os marcadores sociais operando na fala das mulheres. Foram selecionadas inicialmente 3 mulheres distintas uma das outras. Lea tinha 53 anos, branca, classe alta, publicitária, morava em Porto Alegre, sua estética corporal era de uma mulher magérrima; Letícia tinha 24 anos, branca, classe baixa, operadora de caixa, morava em Viamão, sua estética corporal era de uma mulher gorda; e Mônica tinha 24 anos, negra, classe média, professora, morava em Porto Alegre, sua estética corporal era de uma mulher magra.<sup>18</sup> No processo da pesquisa Mônica desistiu da participação o que me levou a trabalhar com as outras duas mulheres nesta fase, além de me incluir no processo através do auto experimentação do ensaio, como relato mais à frente.

Para orientar o diálogo com elas, elaborei um roteiro de entrevista, de caráter semiestruturado, pensando que a conversa deveria fluir livremente, para que as mulheres deixassem também suas marcas de expressividade e construíssem a pesquisa junto comigo. Esta entrevista em profundidade abrangeu os seguintes blocos de questões:

- *Perfil sociocultural*: esse bloco de questões tinha o objetivo de construir o perfil das sujeitas, pensando nas profissões, idades, escolaridades e outros dados que permitissem situá-las socioculturalmente. Também foi importante pensar em perguntas que apurassem as relações com a mídia e o mundo da vida.
- *Gênero*: este bloco buscava captar a constituição da identidade feminina das mulheres, em perspectiva histórica. Trouxe questões para entender como as sujeitas se constituíram como mulher a partir de elementos que aprofundassem essa construção. Os questionamentos se orientavam a aspectos relativos à educação familiar, à educação escolar, ao mundo do trabalho, aos modelos de feminilidade (comunicacionais e midiáticos), aos conflitos e preconceitos vividos e ao cotidiano feminino. Foi importante indagar sempre os porquês de

---

<sup>18</sup> As fotos das três mulheres podem ser vistas no Anexo C.

cada um desses aspectos, uma vez que eles poderiam oferecer perspectivas sobre os parâmetros de construção do gênero, além de dar a ver os conflitos das relações de poder e como elas se veem enquanto mulheres no mundo.

- *Sentidos sobre o ensaio intimista:* neste bloco busquei obter dados sobre as vivências do ensaio, as produções de narrativas, bem como os sentidos das fotografias produzidas, a circulação tanto das fotos como das narrativas na internet. Esse bloco foi o mais significativo, pois foi através de algumas dessas perguntas que fui capaz de fazer algumas reflexões sobre a laboração do ensaio nas mulheres. Tendo em vista que nessa etapa também foram visualizados todos os processos constituintes do ensaio para identificar a possibilidade de alguns elementos dos padrões de beleza.

As entrevistas foram realizadas entre setembro e outubro de 2018, na casa das entrevistadas ou em espaços silenciosos em que a conversa pudesse acontecer sem interferências ou limite de tempo. As médias das conversas foram de 2h com cada mulher. Como era preciso estar atenta à análise dos dados que seria feita posteriormente, utilizei um gravador para registrar os áudios das entrevistas. Assim, foi possível retomar as falas importantes e decupar os trechos relevantes para integrar a pesquisa.

Outro procedimento investigativo para refletir sobre os sentidos do ensaio foi a auto experimentação do mesmo. Ou seja, decidi eu também fazer o ensaio intimista na perspectiva de experienciá-lo e pensá-lo não só como pesquisadora, mas como sujeita mulher que possui elementos de subordinação e da própria experiência de subjugação, vinculada ao meu corpo. Por isso, experiências como a fotografia intimista, podem oferecer possibilidade na construção como mulher, gênero, sujeita, cidadã e no auto entendimento do próprio corpo. Nesse caso foi possível fazer uma reflexão sobre alguns dos contextos vivenciados como das amarras presentes do meu próprio ser.

Como estratégia complementar, realizei entrevista com os produtores fotográficos do *O Bendito Fruto*, para compreender os motivos do surgimento da marca, bem como sua trajetória. Seu roteiro incluiu blocos de questões relativas ao perfil sociocultural e a visões e significações dos ensaios. O primeiro bloco tinha a intenção de conhecer os produtores e alguns aspectos relacionados a eles. O segundo bloco era formado por questões mais relacionadas ao histórico da proposta, seus sentidos de sua evolução, objetivos e significados da proposta dos ensaios como também a veiculação dos mesmos no ambiente digital, concepção e realização do processo de ensaio, reflexividade no processo e as significações do ensaio para as mulheres, como também o questionamento e funcionamento das publicações na internet, custo do ensaio e o motivo da finalização do *O Bendito Fruto*.

O trabalho de sistematização de dados é árduo. Essa investigação, que teve etapas de questionário online e, posteriormente, entrevistas presenciais em profundidade, exigiu uma imersão na vida e nas significações feitas pelos sujeitos. Escutar, analisar e procurar compreender cada pessoa pode ser bem complexo. Nenhum sujeito é previsível, as histórias surpreendem e revelam experiências particulares, felizes e dolorosas. Trazer à tona vidas de mulheres que passaram por abusos, preconceitos, racismo, bullying, desvalorização e violência também mexe com a subjetividade do pesquisador e abala as estruturas emocionais de quem dialoga. (LUZ, 2018).

### 3 QUE CORPO É ESSE?

Este item é dedicado à contextualização, para que nele se possa delinear historicamente aspectos relativos à construção do corpo feminino ao longo dos tempos e à constituição de padrões hegemônicos de beleza. É importante ressaltar que a contextualização, para que possamos compreender melhor essa construção do corpo feminino, se dará a partir do Renascimento - considerando que este é um período histórico interessante neste processo. Após esse entendimento, pretendo paralelamente mostrar como a mulher tem sido construída nas grandes marcas, e principalmente, nas mídias, para que possamos refletir sobre o papel delas hoje enquanto construtoras de imagens.

Pretendo refletir sobre como o corpo está sendo percebido e instrumentalizado no contexto da contemporaneidade para pensar as possibilidades que a proposta do *O Bendito Fruto*, em relação à produção de fotografias, oferece para a desconstrução da padronização da beleza. É importante lembrar que *O Bendito Fruto* foi um dos coletivos escolhidos entre outros que estão emergindo na atualidade, para melhor pensar esse novo movimento de transformações do corpo feminino na modernidade. E, por fim, busco esclarecer como a mulher se “vê” na atualidade, além da sua necessidade de se “ver” diferente do padrão buscando como meio a fotografia.

#### 3.1 Construindo um novo corpo feminino

Com a revolução sexual ocorrida nas décadas de 60 e 70, o corpo feminino desnudo se tornou um forte símbolo de transformação na época. Dessa maneira, foi substituída a figura da mulher frágil pelo modelo de mulher forte e ativa. Esse período teve grande excitação política, social, cultural e ideológica, pois a rebeldia era posta contra os valores existentes e utilizava-se o corpo como meio de expressão, sendo posto em evidência na mídia, conforme Barreto (2010).

Os ideais de beleza na década de 60 nos mostravam que o corpo, para ser belo, deveria ser magro e jovem e, para que atingissem o padrão daquela época, já existiam ferramentas, tais como regimes e exercícios, para que se pudesse alcançar esse objetivo. Isso era colocado como um “direito de todas as mulheres”, como algo que se pudesse moldar. (BARRETO, 2010).

Já na década de 70, “foi decretado que a ‘beleza’ era algo que podia, sob o ponto de vista legal, fazer com que as mulheres ganhassem ou perdessem um emprego.” (WOLF, 1992, p.41). Em um caso ocorrido, *ST. Cross vs. Playboy Club of New York*, em Nova York, a Junta de Apelação dos Direitos Humanos determinou que, numa profissão de alta visibilidade, a “beleza”

de uma mulher era qualificação legítima para o emprego. E o tribunal chegou ao veredito assumindo que, por definição, o empregador tem maior credibilidade para falar da beleza de uma mulher do que ela própria. Porém concordando com o que Wolf fala, a questão da aparência correta podia permanecer aberta a interpretações. (WOLF, 1992).

Pode-se dizer que, a partir dessas décadas, as mulheres começaram a sofrer muito pelos padrões de beleza ditados não só pelas mídias, mas, sim, pelos próprios homens. E nesse contexto, a mulher começou a ser atacada e ridicularizada no trabalho para que não tivessem a chance de alcançar cargos superiores que os homens detinham. Inclusive a maneira como se vestia, através do jeito que se gostava, ou até mesmo da maneira como seus empregadores queriam, já que os mesmos tinham o direito de escolher a imagem de seu estabelecimento, era uma abertura para que homens, seus superiores, as assediassem e molestassem. Décadas se passaram e a chamada qualificação da beleza profissional ainda perdura. “Suas neuroses não são fruto do desequilíbrio da mente feminina, mas são reações normais a uma situação deliberadamente manipulada de se-correr-o-bicho-pega-se-correr-o-bicho-come.” (WOLF, 1992, p.54).

Em contrapartida, na época do Renascimento (século XVI), se resgataram valores humanistas e artísticos, o padrão de beleza da mulher estava extremamente relacionado à riqueza e à sua vida, somente as ricas tinham acesso a uma boa alimentação, e as mulheres bem nutridas eram as mais admiradas<sup>19</sup>. Possuidoras de quadril largo, cintura fina e seios voluptuosos, indicavam a possibilidade de gerar uma prole saudável.

O corpo é um dos temas mais frequentes dos artistas desde o Renascimento. Sua introdução na fotografia ocorreu ainda no século XIX, sob formas e valores da tradição artística, causando, de tal modo, o surgimento de novas imagens, inclusive de corpos desnudos. Porém, a maior parte desta produção teve propósito de servir para os estudos da anatomia humana. Apenas uma pequena parcela de imagens foi concebida para ser contemplada como referência das poses da pintura clássica. (MOLINA, 2013, p.76)

Os anos 80 foram marcados pela geração saúde, e o corpo era o destaque nas grandes metrópoles. Dos anos 90 para cá, houve uma expansão de centros estéticos, revistas femininas ligadas a temas como comportamento, moda, saúde e estética. Junto com tudo isso, a medicina evoluiu e trouxe novas técnicas de rejuvenescimento corporal, tudo isso ligado excessivamente ao culto do corpo. (BARRETO, 2010).

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://ggpremium.blogspot.com.br/2014/10/a-beleza-natural-da-mulher-renascentista.html>>  
Com acesso: 03 set. 2017.

Como mercadoria, o corpo tornou-se um objeto de consumo em meio à valorização da imagem e, “durante a última década, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. Enquanto isso cresceu em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas.” (WOLF, 1992, p.12). Quanto mais dinheiro a mulher tinha por possuir cargos maiores, maior era a cobrança da sociedade e de si mesma, de se ter que alcançar os padrões desejáveis. A fotografia, a televisão e a publicidade ajudavam nesse processo de obsessão ao culto do corpo, bombardeando o público com milhões de imagens - criando desejos e necessidades, representando corpos de forma padronizada – construindo corpos sedutores, perfeitos e magros, com as mesmas medidas, pele perfeita e jovem, sugerindo às mulheres que façam ajustes e adaptações em seus corpos. Isso, de certa forma, fazia com que as mulheres, desejassem serem as próprias modelos dos produtos.

Como exemplo, temos as propagandas de perfumes, como de Dior<sup>20</sup>, Jean Paul Gaultier<sup>21</sup>, Carolina Herrera<sup>22</sup>, Calvin Klein<sup>23</sup> e Dolce & Gabanna<sup>24</sup>, que apresentam demasiado uso do corpo feminino nas imagens de suas propagandas, mostrando excessivamente corpos magros, sem expressões e que são manipulados através de *photoshop*.<sup>25</sup> São imagens que visam despertar as mais variadas sensações em quem está olhando, inclusive o desejo de obter o produto. Além de causar status, faz com que o espectador busque, através do produto, sentir-se a modelo da marca divulgada e que aquilo seja o ideal de padrão de beleza estipulado pela mídia e pela marca naquele momento.

---

<sup>20</sup> Vídeo publicitário da marca Dior. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sCcT7rBMZzc>> Com acesso em: 27 out. 2017.

<sup>21</sup> Vídeo publicitário da marca Jean Paul Gaultier. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=BdGs7Sihf\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=BdGs7Sihf_s)> Com acesso em: 27 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oKCHx67uzE0>> Com acesso em: 27 out. 2017.

<sup>22</sup> Vídeo publicitário da marca Carolina Herrera. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=834uQP8xoaQ>> Com acesso em: 27 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KC4XHoo0I6E>> Com acesso em: 27 out. 2017.

<sup>23</sup> Vídeo publicitário da marca Calvin Klein. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=becqq-Gnx00>> Com acesso em: 27 out. 2017.

<sup>24</sup> Vídeo publicitário da marca Doce&Gabanna. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vVzDEJZx6K8>> Com acesso em: 27 out. 2017.

<sup>25</sup> Photoshop: software de tratamento e manipulação de imagens.

Figura 1 - Propaganda Dior do perfume *J'adore*



Fonte: Breviglieri (2014)

Figura 2 - Propaganda Jean Paul Gaultier, Welcome to the Factory, do perfume *Le male e Classique*



Fonte: Tenguan (2016)

Figura 3 - Propaganda Jean Paul Gaultier do perfume *Le male* e *Classique*



Fonte: Google Imagens (2016)

Figura 4 - Propaganda Carolina Herrera do perfume *Eau de Parfum Sublime*



Fonte: Montagem elaborado pela autora (2017)

Figura 5 - Propaganda Carolina Herrera do perfume *Eau de Toilette*



Fonte: Ruiz (2017)

Figura 6 - Propaganda Calvin Klein do perfume *Euphoria*



Fonte: Google Imagens (2015)

Figura 7 - Propaganda Dolce & Gabbana do perfume *Light Blue*



Fonte: Chang (2017)

Em contrapartida, temos marcas como a Dove<sup>26</sup>, que já busca como base em seu valor um movimento de desconstrução do corpo da mulher, buscando a exaltação dos vários corpos, utilizando a sensualidade de uma forma não vulgar e tentando se aproximar de seu público através da humanização. Outra marca que vem se colocando na mídia através da não só preocupação com o meio ambiente, mas questões relacionadas ao corpo da mulher, sua beleza natural é a Natura<sup>27</sup>. Em um dos vídeos da campanha Natura SOU<sup>28</sup> - “Eu, dentro de um padrão? fora!”, a atriz Clarice Falcão aborda como o padrão de beleza é histórico e continua intrínseco às nossas vidas, afetando uma maioria de mulheres que não está dentro do padrão de beleza estipulado pela sociedade. Dessa maneira, a Natura utiliza o humor e a empatia da atriz para chamar a atenção dos consumidores e se posicionar sobre esse assunto. Só apenas nos últimos 20 segundos do vídeo de um minuto e 30 segundos, a atriz mostra o produto SOU da Natura.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.dove.com/br/home.html>> Com acesso em: 18 out. 2017.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.natura.com.br/>> Com acesso em: 10 jul, 2018.

<sup>28</sup> Linha completa de produtos para cuidados diários que convida a um novo consumo: com prazer, menos desperdício e acessível a todas as pessoas. Disponível em: <<https://www.natura.com.br/sou>> Com acesso em: 10 out. 2018

Figura 8 - Dove, Campanha Real Beleza.



Fonte: Mota (2016)

Figura 9 - Natura, Campanha Natura SOU



Fonte: Natura BR Oficial (2016)

A preocupação com a beleza torna-se cada vez mais importante na sociedade moderna. Nos meios de comunicação, o culto ao corpo e a padronização da beleza são exaltados, cria-se um padrão de consumo estereotipado, incentivando que a mulher busque incessantemente por esse padrão desejado, sendo utilizado como instrumento de distinção social e expressão de poder pessoal de prestígio.

Nesse contexto, o culto ao corpo pode ser interpretado como uma esfera de consumo que garantiria a determinados indivíduos a aceitação e o pertencimento a um grupo social específico, através do qual constrói sua identidade no conjunto de atividades e experiências desenvolvidas, na medida em que o corpo se torna uma mercadoria-signo, sendo assim, um meio através do qual os indivíduos criam vínculos e estabelecem distinção social. (BARRETO, 2010, p.07).

O corpo vem sofrendo profundas transformações na contemporaneidade, por meio de manipulações corporais que cada vez mais buscam seguir um padrão de beleza, se tornando cada dia mais virtualizado e distante do real. E é justamente o corpo feminino o foco principal de uma tendência moderna à alteração das características corporais, onde não se tem espinhas, nem marcas de expressão. A maneira como cada mulher se expressa parece estar mascarada em um padrão estereotipado estipulado pelos padrões de beleza. (MEMÓRIA, 2010).

A mulher da atualidade vem batalhando para construir uma imagem forte, dominante e segura de si, “dona da sua própria vontade” - portadora de todas essas qualidades, buscando alcançar seu espaço, sua independência e reconhecimento social, distante da visão submissa a que esteve relacionada durante tanto tempo. Porém a mulher, em alguns anúncios, é tratada como objeto para servir o homem e é, também, vulgarizada a partir do uso do artifício da sedução para dominar o mesmo. É necessário, que se tenha um olhar mais atento sobre as transformações que vem surgindo acerca do pensamento sobre o corpo da mulher, para que se possa aos poucos entender e desconstruir padrões. (MEMÓRIA, 2010).

### **3.2 Despindo mulheres, padronizando corpos**

A partir da Revolução Industrial, a mulher começou a trabalhar nas fábricas e não ter um papel tão concreto de “dona do lar”; a moda substituiu os então desejos por objetos materiais para a casa, para criar desejos e necessidades ao seu próprio corpo. (WOLF, 1992). Essa mulher vivia num constante dualismo em se vestir, porque se fosse feminina abria a porta para violações em seu corpo no ambiente de trabalho e, portanto, não seria competente, ou se fosse competente e “sem beleza” de nada adiantaria, pois passaria imperceptível. Assim, a beleza da mulher começou a importar bem mais que seu trabalho, que sua capacidade. E por esse motivo ela precisava ser eficiente e “feminina”, como nos catálogos de mala direta que eram destinados às mulheres que trabalhavam. (WOLF, 1992). “E assim as mulheres se vestem para serem eficientes, porém femininas, tentam acompanhar uma norma em constante transformação e fracassam inevitavelmente.” (WOLF, 1992, p.55).

Conforme Wolf (1992, p.78), “É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo. Uma representação comum que ensina esse fato às mulheres é a ligação entre uma feia e uma bonita”. E é esse tipo de pensamento que o mito da beleza, junto à cultura masculina, prega às mulheres para que sua identidade se torne fraca, mostrando que isso é de natureza, quando na verdade é uma manipulação dos mesmos para que a mulher não descubra que é possível ser bonita e inteligente e que é capaz, inclusive, da libertação destes padrões. (WOLF, 1992).

A maneira que os anunciantes tinham para manipular as mulheres era através das revistas. Havia várias categorias de mulheres e os anunciantes identificaram que a mulher profissional era uma mulher crítica e, por esse motivo, não era o tipo ideal. Então, a categoria mais fácil de manipular e ganhar muito dinheiro eram com as donas de casa. Antigamente, os especialistas de marketing tinham já formas de manipular as donas de casa para que, através disso, se tornassem consumidoras inseguras de produtos do lar. E a maneira como eles faziam isso era “transferindo a culpa da ‘sujeira escondida’ agregando, assim, a uma culpa psicológica.” (WOLF, 1992, p.84).

As revistas na década de 70 acabaram sofrendo uma forte queda quando seu tradicional poder sobre as mulheres já não estava mais funcionando em função das mudanças sociais, uma vez que a mulher estava abandonando o seu papel de dona de casa e entrando para a força de trabalho. Estas já estavam perdendo seu interesse pelos assuntos do lar e pela cultura da alta moda, e isso já não tinha mais valor real para elas. Então, com o ressurgimento do movimento feminista, uma das revistas mais importantes de moda, a *Vogue*<sup>29</sup>, começou a focalizar no corpo, fazendo com que surgisse um novo problema, os padrões do corpo, ressurgindo assim um outro tipo de “culpa”. A partir disso surgiram muitas publicações de revistas e artigos que falavam sobre dietas, cuidados com a pele e cirurgias, que formavam e também ditavam uma ideia de corpo contra a aparência das mulheres, fazendo com que as leitoras tivessem um desejo incontrolável e buscassem por produtos que alcançassem esse ideal estipulado. (WOLF, 1992). Essas mulheres acabavam sendo da mesma maneira que antigamente, afetadas pelas revistas, pois era o único acesso que as mulheres tinham como “à sua própria sensibilidade de massa”. (WOLF, 1992).

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://vogue.globo.com/>> Com acesso em: 20 out. 2017.

Sua fórmula inclui um tom otimista, individualista, estimulante, que diz à leitora que ela deve estar na sua melhor forma e que nada deveria impedi-la; uma atenção focalizada em relações pessoais e sexuais que ressalta a ambição feminina e seu apetite erótico; além de imagens sexualizadas de modelos femininas que, embora sejam apenas um pouco mais discretas do que as imagens destinadas aos homens, têm a finalidade de simbolizar a libertação sexual da mulher. (WOLF, 1992, p.90-91).

O corpo feminino vem sofrendo alterações e influências do meio social, através da sua submissão a *padrões de beleza hegemônicos*<sup>30</sup>. Da mesma forma que esse meio faz a pressão, ele também dá às ferramentas para que se possa alcançar a imagem que se quer alcançar. A busca pelo corpo ideal é a meta da maioria da população, principalmente das mulheres, e assim “pode-se caracterizar a beleza corporal como sendo um fato social, pois há, notoriamente, uma busca coletiva por um corpo belo, embora haja diferentes construções desse corpo, em diversas sociedades e grupos sociais.” (ARAÚJO; LEORATTO, 2013, p.720).

A cada novo padrão estético, imposto pelas mídias e pela sociedade, o corpo feminino é motivado pelo desejo e a “necessidade” de melhorar e de se remodelar. Silva, (2001, citado por ARAÚJO; LEORATTO, 2013, p.723) afirma que, por essa atitude, “o corpo é, também por isso, um objeto de pertença, já que é coisificado por uma subjetividade dominadora”.

Podemos citar o exemplo de como a moda e os padrões de beleza são impostos sobre o nosso corpo, fazendo com que nos modifiquemos e nos reconstruamos para que se possa equiparar e igualar a nossa competência. O filme *O diabo veste Prada (2006)*<sup>31</sup>, dirigido por David Frankel, fala sobre uma mulher que nunca se importou muito com sua aparência e que adotava um estilo pessoal. Ela havia sido contratada em uma das maiores revistas de moda dos Estados Unidos. Porém sua chefe, a diretora da revista, não a leva muito a sério e a despreza, mesmo sendo competente, por ela não seguir adequadamente os padrões da moda. Inicialmente, ela se recusa a adotar esse padrão. No entanto, acaba cedendo e mostrando que ela pode ser “bonita” e competente ao mesmo tempo. Mas esses valores acabam distorcendo a sua própria personalidade a ponto de não saber mais o que era e o que havia se tornado, afetando todo o seu ciclo de relacionamentos e de convívio social.

Percebe-se hoje que os padrões de beleza ditados pela moda já não são seguidos obcecadamente. A regra é utilizar os padrões como referência, mas não como uma cópia,

---

<sup>30</sup> Padrões de beleza nos quais tem uma supremacia, predominância. Que dita a moda sobre todos os outros, serve também como referência.

<sup>31</sup>Foi indicado para 2 Oscars, de melhor figurino e de melhor atriz para Meryl Streep; ganhou 8 prêmios, destacando-se o Globo de Ouro (2007) e o prêmio da *National Society of Film Critics Awards* (2007), ambos para a performance da atriz Meryl Streep. O filme ainda teve mais 25 outras indicações de prêmios. Disponível em: <https://www.foxmovies.com/>. Com acesso em: 30 set. 2017.

mostrando que se pode integrar a moda com seu estilo próprio, e não tomar esses padrões como verdade. Com essas modificações de padrões de beleza sobre o corpo da mulher, as mídias procuram mudar junto a isso. Nota-se que a mulher hoje está conseguindo modificar essa realidade, de modo que as mídias procuram “ouvir” as críticas sobre o corpo feminino e buscam incorporá-las às suas produções. Como exemplo disso, temos as campanhas da cerveja *Skol*<sup>32</sup>, nas quais se procura modificar a maneira como o corpo feminino estava sendo visto. Com esse movimento, a empresa busca remodelar<sup>33</sup> as suas campanhas, fazendo com que a mulher também possa ser ouvida e vista com outro olhar.

Figura 10 - Arte feita por Camila Rosário. Para a Campanha Reposter da cerveja Skol.



Fonte: Natividad (2017).

---

<sup>32</sup> Marca de cerveja brasileira, produzida pela Ambev. Disponível em: <<https://www.skol.com.br/>> Com acesso em: 3 out. 2017.

<sup>33</sup> Utilizavam campanhas anteriormente com mulheres, no qual seus corpos eram objetificados e sexualizados. De maneira que a propaganda sempre comparava o corpo da mulher com a embalagem da cerveja ou simplesmente era sexualizado, utilizando mulheres quase que completamente nuas para que pudesse chamar a atenção do público masculino de maneira apelativa. Disponível em: <<http://www.skol.com.br/reposter#gallery>> Com acesso em: 3 out. 2017

### 2.3 Mudando perspectivas

Não só o corpo feminino, mas também o mito da beleza veio sofrendo oscilações devido à sociedade e a cultura, através de necessidades que foram se criando durante as décadas. Rosário (2002, p.01) afirma que, “precisamos considerar que cada sociedade constrói as particularidades de seu corpo, e enfatizando determinados atributos (físicos ou morais) em detrimento de outros: cria seus próprios padrões, sua própria linguagem corporal”. Na contemporaneidade, estimula-se as mulheres a acreditarem que são rivais umas das outras no que diz respeito à “beleza”. “O mito incentiva a desconfiança entre todas as mulheres com base na aparência, ele as isola de todas as outras mulheres que elas não conheçam e apreciam pessoalmente”. (WOLF, 1992, p.98). A mulher desconhecida é avaliada da cabeça aos pés, antes mesmo de abrir a boca, sendo ela bonita ou feia, e isso é um hábito que foi criado e vem passando de geração em geração.

Contemporaneamente, houve um despertar da necessidade da mulher de se ver fora do padrão. A vontade de “sentir-se bela por natureza” fez as mulheres acreditarem que são interessantes pelo que são e não pela máscara criada e ditada pelos padrões de beleza existentes. Com isso, podemos observar que a mulher que alcançou esse empoderamento pessoal – pode-se dizer também um “redescobrimto” de si – começou a sentir-se mais segura. Tomamos como exemplo as mulheres mais velhas e que já possuem seus sinais de idade. Essas, há muitos anos atrás, não podiam mostrar que estavam ficando mais velhas, visto que sinais da idade eram símbolo de feiura e velhice. As revistas que incluíam imagens de mulheres mais velhas retocavam seus rostos para que não aparentassem a idade e nem mostrassem seus sinais, revelando que essas mulheres não existiam, censurando-as de tal maneira. As mulheres comuns olhavam para uma revista e espelhavam-se em uma mulher da mesma idade, se comparavam com o que não era real, e isso promovia ódio delas em relação aos seus próprios corpos. “Eliminar os sinais de idade do rosto de uma mulher equivale a apagar a identidade, o poder e a história das mulheres.” (WOLF, 1992, p.109). De maneira a mostrar o quão isso era grave, e mexia psicologicamente com a cabeça de uma mulher, Wolf (1992) compara a eliminação de sinais da idade nos rostos femininos com a mesma ressonância política que seria provocada se todas as imagens de negros fossem costumeiramente clareadas.

A partir de algumas transformações acerca da beleza e da identidade, na contemporaneidade, vemos que as mulheres vêm descobrindo a liberdade de poder expressar seus desejos e suas vontades através de seu corpo. Considerando o que Barreto (2010, p.03 - 04) afirma, “é possível identificar efeitos de poder e produção de verdades, através da nudez

ousada feminina, e esta se torna sinônimo de libertação sexual”. No que diz a respeito à libertação sexual, podemos dizer que não se trata do poder sensual da mulher através da nudez, mas sim da liberdade do sexo feminino como forma de empoderamento pessoal e autoconhecimento.

Neste momento, como mulheres, temos a necessidade de encontrar a nossa própria essência, buscar o que realmente somos e queremos construir como nossa própria significação<sup>34</sup>. A mulher, na modernidade, tem o direito de fazer escolhas sobre o seu próprio corpo, sobre que é melhor para ela mesma. O corpo é base de criações e transformações de significados, que constroem nossa identidade individual e social. (VARGAS, 2008). Através da moda, o indivíduo se constrói ao apropriar-se de elementos da mesma para que constitua sua identidade, juntando seus gostos e a realidade que o cerca. Sendo assim, perante a moda, o corpo é apresentado como um objeto construtor de informação, que vai se modelando a partir da moda com nossas escolhas pessoais, colocando de forma que a identidade e a imagem mostrem a nossa necessidade de diferenciação. (VARGAS, 2008). Segundo Rosário (2011, p.04), “é um corpo que se constrói diferentemente para cada situação, para cada vontade, capaz de criar uma pluralidade de sentidos para si mesmo”. Assim, podemos dizer que a moda é uma ferramenta que, juntamente com os nossos gostos, ajuda na criação da nossa identidade. A partir daí, temos uma pluralidade de corpos, podendo mudar a todo instante, buscando uma diferenciação na imagem.

O corpo sofre, sim, influências da moda, e ver-se-á que o corpo da mulher sofre mais, no entanto, não só as tendências de moda são responsáveis por essas mudanças, considerando a cultura como uma relação de valores morais e estéticos, pode-se dizer que estes mesmos valores culturais são grandes responsáveis por tais decisões, são imagens que a sociedade impõe. (ARAÚJO; LEORATTO, 2013, p.736).

Muitas mulheres vivenciam em seu corpo padrões de beleza que são difundidos universalmente. Essa realidade, porém, vem mudando, e hoje podemos considerar que existe uma multiplicidade quando falamos na beleza da mulher, já que cada uma tem características e formas diferentes. E, por esse motivo, cada vez mais ela vem despertando a beleza que traz consigo perante a sociedade, caminhando assim em sentido contrário aos padrões de beleza vigentes que buscam homogeneizar o corpo feminino.

---

<sup>34</sup> Segundo Rosário (2011), que é a partir do simbólico, que o corpo tem a sua importância, mas também está intimamente ligado ao indivíduo e pertencente ao seu íntimo.

O corpo está em cena e vem sendo exposto, atualmente, em fenômenos sociais e diferentes manifestações culturais. O corpo do qual tratamos vem de uma construção social e cultural. É importante desconstruir estereótipos e preconceitos.

Tendo em vista a beleza feminina, principalmente suas diversidades, a mulher viu-se com a necessidade de poder “mostrar o que realmente ela é” e um dos meios que vem sendo utilizado como ferramenta de empoderamento pessoal é a fotografia intimista (sem referência à pornografia), que ressalta sua beleza e sensualidade nas busca de encontrar a sua essência.

### **3.4 O Bendito Fruto**

*O corpo que se vê hoje altamente explorado em sua imagem nua, nem é mais o corpo da mulher: é o corpo fetichizado da juventude, um corpo eternamente jovem e modelado. (BARRETO, 2010, p.11)*

#### **3.4.1 Como tudo começou**

Nessa primeira parte de contextualização, para que se possa compreender quem é *O Bendito Fruto* em minha pesquisa, busquei informações através de uma conversa via *WhatsApp*<sup>35</sup> com os criadores da marca, e obtive dados sobre a história da marca, como surgiu, o que eles buscam propor às pessoas e à sociedade com o ensaio sensual, qual é a proposta em fazer os ensaios e como são feitos os processos de produção dos ensaios sensuais.

*O Bendito Fruto*, inicialmente surgiu como um projeto pensado pelo fotógrafo Maiquel Borges, em 2014, no qual ele havia tido a ideia de fazer algo com cores em seu projeto. Como era tudo de baixo custo, as frutas foram escolhidas para fazer esse jogo de cores. Foi depois de alguns ensaios que, num banho, surgiu o nome: *O Bendito Fruto*.

Muitas meninas começaram a se candidatar para os ensaios, já que esses inicialmente eram de graça e bastava à mulher querer ser fotografada e deixar postar. Então, Maiquel as escolhia pensando nas cores e frutas que seriam usadas; com isso muitas das meninas que não se sentiam dentro do padrão começaram a ter interesse em serem fotografadas. No momento que as fotos foram postadas, muitas meninas começaram a se identificar. Mesmo tímido, procurava conversar com as mulheres antes do ensaio, então percebeu que esse momento era onde ele conhecia as mulheres e acabava entendendo-as.

---

<sup>35</sup> É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

Apoiado na ideia de conversar com as mulheres antes do ensaio, Maiquel resolveu unir ao lado da foto de cada ensaio feito, um diálogo delas. Segundo ele, essa ideia foi inspirada em *Humans Of New York*.<sup>36</sup> Nesse momento, o projeto acabou disseminando-se, pois a fotografia postada no site<sup>37</sup> não era apenas uma fotografia solta, mas era a voz pra mulher que estava sendo fotografada.

Com a chegada de Renata Schmorantz, namorada do Maiquel, entrou para trabalhar junto à marca, e os diálogos se tornaram textos que as próprias fotografadas escreviam. Foi importante esta iniciativa porque, assim, mostrava que elas tinham total controle do que gostariam de compartilhar. Assim, com o foco em produzir experiências únicas que estimulam os sentidos e mudam a forma como as mulheres se veem, através de ensaios sensuais, intimistas e de nu artístico que combinam fotografia com narrativa; buscam acreditar que juntamente criando um ambiente de liberdade e confiança, irão ajudar a perceber o quão maravilhosa é, exatamente do jeito que é.

Hoje *O Bendito Fruto* virou um estúdio fotográfico<sup>38</sup> e uma marca. Desde então, sempre vem existindo mudanças e melhorias para que, cada vez mais mulheres possam se identificar umas com as outras através das fotos e das narrativas. As fotos também não são mais publicadas só no site mas, também nas redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, assim procurando sempre interagir com quem os seguem. Depois de consolidados no mercado, eles vêm procurando montar muitas novidades e expandir suas ideias, mas sempre mantendo o nome e os ideais.

### 3.4.2 A beleza sem objetificação

Desde o início do projeto, que hoje é marca, o casal tenta propor como objetivo principal fazer com que as fotografadas se vejam se sintam e se aceitem da forma que são pelas pessoas que são. Tentam mostrar, através dos ensaios, que a beleza vai muito além da estética e dos padrões impostos pela mídia. Com diz Renata, “Beleza é amar a si mesma, é se ver com olhos que não pensam tanto, independente das suas formas.”

---

<sup>36</sup> É um blog e projeto, criado pelo fotógrafo Brandon Stanton, no qual em 2010, ele resolveu atravessar a cidade de Nova York, caminhando milhares de quilômetros a pé, na tentativa de capturar os nova-iorquinos e suas histórias. Essas fotos foram apresentadas ao lado de citações e anedotas. O blog acabou crescendo e tendo mais de um milhão de seguidores devotos. *Humans of New York* virou um livro inspirado no blog. Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork>> Com acesso em: 26 out. 2017.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://obenditofruto.com.br/>> Com acesso em: 26 out. 2017.

<sup>38</sup> Hoje localizado no bairro Independência na cidade de Porto Alegre - Rio Grande do Sul.

A proposta deles, ao fazerem o ensaio, é que a pessoa encare da forma que ela é, de todos os ângulos, jeitos e trejeitos. Procuram fazer com que a fotografada faça uma imersão em si mesma, que através do ensaio intimista ela possa ir além da imagem e buscar autoconhecimento. A intenção também do ensaio é que a mulher possa se ver nas fotos e pensar “essa sou eu, sem *Photoshop*, sem poses forçadas. Essa sou eu e sou linda!”. Além da representatividade, que faz tanta falta dentro da mídia, buscam mulheres reais, com corpos reais, sem nenhum tipo de ajuste digitalmente, sem poses extremamente alongadas, reforçando que a realidade é essa e que isso é lindo. A ideia que se busca é mostrar a naturalidade em ser, em se aceitar, em se amar, independentemente da forma física, do que nos é empurrado diariamente. Mostrar a beleza sem objetificação. Ensinar, também, às pessoas a separar a nudez de sexualidade e da sensualidade. Para eles, essa batalha é longa, mas como diz Renata, “temos certeza que queremos permanecer firmes nela, por que essa luta vale a pena”.

### **3.4.3 Nos bastidores**

A produção dos ensaios sensuais consiste em conhecer a pessoa que está ali, entender suas vontades, ideais, medos, receios e limites. Eles procuram conversar muito com as pessoas que fotografam, pois, segundo eles, isso determina muito a profundidade do ensaio que eles vão realizar. A partir disso, conhecendo a pessoa a qual vão fotografar, eles conseguem definir a linha de fotos, que pode ir de algo bem delicado até nu artístico ou algo mais sensual. Eles não criam nada que não faça parte da pessoa, inclusive a pessoa que é fotografada pode trazer peças de roupas ou lingerie, livros preferidos, pertences pessoais e até pets. Assim, buscam fazer com que a pessoa realmente se sinta bem, como se ela tivesse em casa, sem uma direção pesada, sempre dando espaço para que a pessoa seja ela mesma, que ela faça seus próprios movimentos. Como diz Renata, “Não limitamos ela as nossas ideias, queremos que durante o ensaio ela tome controle de si e da situação!”. Finalizadas as fotos, quem escolhem quais serão tratadas e entregues é a própria fotografada e as fotos, só serão publicadas caso seja autorizado.

## 4 PERSPECTIVAS PARA PENSAR GÊNERO, CORPO E FOTOGRAFIA

A partir da perspectiva traçada nos objetivos da presente pesquisa, considero necessário trabalhar alguns conceitos importantes que podem auxiliar a compreender melhor os fenômenos aqui pesquisados. A começar por **gênero**, conceito trabalhado por autores como Louro (1997) e Scott (1995, 2012) para pensar questões acerca das relações e distinções entre sexo e sexualidade e as complexas redes de poder, bem como esclarecer questões relacionadas à construção da identidade da mulher no contexto contemporâneo. Ao lado delas(e), dialogo com autores do campo do **corpo** (LOURO, 2000; FOUCAULT, 1988, 2008; LE BRETON, 2002; GUATARI, 2013; PONTY, 1994), enfatizando como o corpo físico feminino é constituído e construído na sociedade, relacionando junto a sexualidade para, a partir disso, fazer um esforço de desconstruir os padrões hegemônicos de beleza. Sendo assim, a experiências de um ensaio sensual me leva a pensar sobre as potencialidades para um exercício de uma cidadania comunicativa vinculada, à cidadania de gênero, conceitos trabalhados a partir do debate com teóricos como Cortina (2005), Faxina (2012), Maldonado (2012). Também para compor o quadro teórico, utilizo autores do campo da **fotografia** (KOSSOY, 2002; ROUILLÉ, 2009; GURAN, 2007; FOUCAULT, 1999a; DUBOIS, 2011) para pensar não só a técnica, mas também como sua linguagem – principalmente a intimista – trabalhada e desenvolvida no meio social.

Todos eles vão ajudar a pensar se a experiência da fotografia intimista pode promover a desconstrução de padrões de beleza hegemônicos relativos ao corpo feminino e se a visibilização dos ensaios podem ser experiência de empoderamento pessoal da mulher. Esses autores também possibilitam a reflexão sobre as especificidades que essas experiências assumem quando colocadas no ambiente digital e compartilhadas nas redes sociais.

### 4.1 O gênero

De maneira introdutória, podemos afirmar que o gênero foi formulado para distinguir as dimensões biológicas e sociais, apoiado na existência do feminino e masculino. Porém, a maneira de ser homem e mulher é identificada pela cultura e pelas relações sociais. Deste modo,

o gênero difere do sexo, sendo resultado da realidade social e não de uma natureza biológica, de como são os corpos fisicamente<sup>38</sup>.

Há várias teorias e debates sobre o que é gênero e a respeito de seu significado – dependendo de quem usa a palavra e para qual contexto e finalidade está sendo empregado. (SCOTT, 2012). Sabendo que esse conceito não vem de agora, irei tratar gênero como prática social e cultural, para que se possa entender como pode se realizar a desconstrução dos padrões hegemônicos de beleza.

Em âmbito mundial, o gênero pode ser definido, do ponto de vista gramatical, segundo a edição de 1992 do *American Heritage Dictionary of the English Language*, o qual oferece uma nota especial para o termo:

Tradicionalmente, gênero tem sido primariamente usado para se referir as categorias gramaticais de “masculino”, “feminino” e “neutro”, mas nos anos recentes estabeleceu-se à palavra um uso que se refere às categorias baseadas no sexo, como nas expressões “diferença de gênero” e “políticas de gênero”. Este uso é apoiado pela prática de muitos antropólogos, que reservam sexo para categorias biológicas, enquanto usam gênero para se referir a categorias social ou cultural. Conforme esta regra se pode dizer: A eficácia da medicação parece depender do sexo (não gênero) do paciente, mas nas sociedades camponesas, papéis de gênero (não sexo) são mais suscetíveis de serem mais claramente definidos. Esta distinção é útil em princípio, mas ela não é de modo algum amplamente observada, e uma considerável variação de usos, ocorre em todos os níveis.<sup>39</sup>

Assim, o termo se torna cada vez mais impreciso e levando a uma proliferação dos seus significados, o que muitas vezes gera um conflito entre aqueles que dizem que é uma definição estritamente biológica dos papéis dos homens e das mulheres e as feministas que argumentam que os papéis são socialmente construídos. (SCOTT, 2012).

E a partir da incerteza sobre o que é gênero, disputas políticas fazem com que esse conceito seja utilizado de vários modos, o que acaba “excedendo os limites de controle estável ou coerência. Tornando-se algo para estar infinitamente em luta”. (JHONSON, 1994, citado por SCOTT, 2012, p.332). Essas disputas e debates políticos se dão a partir do significado de masculino/ feminino que aprendemos e que são colocados no contexto com uma finalidade, para que se possa atingir o que deseja. Mas, no final, o significado acaba se perdendo e não tendo conexão alguma com aquilo de que se originou.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/liberdade-de-genero/materias/glossario-de-generos.htm>>  
Com acesso em: 26 nov, 2017.

<sup>39</sup> American Heritage Dictionary of the English Language. (3rd ed. 1992, p.754), citado por Scott (2012).

Não abordarei conceitos como religião, raça, etnicidade e classe relacionada a gênero, pois isso é diferente para cada lugar no mundo, são muitas variáveis. Relacionarei as noções de gênero e sexualidade, pensando a relação que esses conceitos têm com o corpo feminino. Desse modo, é importante enfatizar o conceito de gênero ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo. Ações coletivas ou isoladas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em vários momentos da história. A partir do século XIX, as manifestações contra as discriminações das mulheres adquiriram visibilidade e uma expressividade maior.

A primeira onda do feminismo teve como objetivo apresentar reivindicações ligadas à organização da família, oportunidades de estudo ou acesso a determinadas profissões. Ou seja, estavam ligadas ao interesse das mulheres brancas de classe média. Já a segunda onda do feminismo, iniciada em 1960, expressa inconformidade e descontento em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos. Nesse momento, o movimento já não estava mais ligado aos interesses de uma minoria, mas sim de intelectuais, estudantes, mulheres, negros, jovens, enfim, pessoas que já contestavam e buscavam a transformação a partir do conceito de gênero. O movimento feminista contemporâneo vem a ressurgir não só através de grupos de conscientização, marchas e protestos, mas através de publicações em livros e revistas. É nesse momento que surgem os estudos da mulher. (LOURO, 1997).

#### ***4.1.1 “Tornar visível àquela que foi ocultada”***

A partir da afirmação já famosa de Simone de Beauvoir em seu livro “O Segundo Sexo” – “Não se nasce mulher, se chega a sê-lo” – que inicio um parêntese. Essa afirmação de Simone, não é uma afirmação diretamente sobre “Gênero”, mas sobre a mulher, que para Beauvoir, não era compreendida como um “outro”, mas como uma subalternidade que só podia se constituir em relação ao sujeito “homem”, em sua dependência. (VIEIRA, 2017).<sup>40</sup>

E seguindo essa mesma lógica da fala de Vieira (2017),

Essa compreensão é importante, quando nos deparamos com discursos essencializadores do ser mulher. Judith Butler, em seu livro “Gender Trouble”, inicia

---

<sup>40</sup> Helena Vieira, Helena é travesti, transfeminista, pesquisadora de Teoria Queer, é educadora do [SSEX BBOX] e colunista do Brasil Post e também de ‘Os Entendidos’, blog parceiro da Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.ssexbbox.com/2017/09/o-que-e-teoria-queer/>> Com acesso em: 26 nov, 2017.

com um questionamento que considero vital: “Quem é o sujeito do feminismo?”, “É possível, pensar de forma categórica e universalizante em ‘mulher’?”. A resposta, obviamente é “não”, é possível pensar em “mulheres”, em “mulheridades”, em vivências femininas, mas não é possível universalizá-las na produção de um conceito identitário imutável.

O termo gênero foi utilizado pelas feministas contemporâneas para reivindicar a insuficiência de teorias existentes para explicar o porquê das desigualdades entre os sexos. E por esse motivo, começou a ser um substituto para o termo mulheres, inclusive sendo utilizado também para qualquer informação sobre as mulheres que implicaria em informações sobre os homens, já que estes estão ligados. “Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino.” (SCOTT, 1995, p.75).

Durante muito tempo, as mulheres foram afastadas do social e do político, o que, por consequência, tornou-as invisíveis como sujeitos. Essa invisibilidade foi caracterizada pela incorporação ao mundo doméstico. Apesar de algumas mulheres já terem rompido com o “verdadeiro” universo da mulher, muitas eram dirigidas por homens, além de geralmente ocuparem cargos ligados ao cuidado e à educação. (LOURO, 1997).

O gênero passou a ser referido, nos anos 70, pelo movimento feminista, que se preocupava em relação a como sua construção era realizada social e culturalmente. Foi nas primeiras ideias que noções de gênero “como uma construção social teve como objetivo analisar a relação de mulheres e homens em termos de desigualdade e poder.” (SCOTT, 2012, p.333).

Scott (2012) me ajuda a pensar que o gênero foi construído a partir do contexto social que as mulheres estavam vivendo. Tinha-se a necessidade da mudança para as mulheres porque, afinal, as diferenças de feminino do masculino as colocavam em situações estreitas nas quais a mulher via a necessidade de sair da objetificação e estereotipação impostas pelo mundo dos homens e vir a modificá-las. E isso foi politicamente visto como uma ameaça, como uma possibilidade de transformação do mundo que era dominado puramente por homens. Elas perceberam a necessidade de questionar estas construções e que era preciso, também, realizar reflexões acerca do que até o momento era tido como padrão. O movimento feminista, por um lado, foi visto como uma forma de manifestação de maus tratos a mulheres no contexto do patriarcado ou também para corrigir erros contra as mulheres<sup>41</sup>; neste contexto, “uma análise

---

<sup>41</sup> Pode-se fazer uma referência grotesca de como o movimento feminista estava sendo colocado, visto da mesma maneira injusta que os negros lutam pelos erros que foram cometidos contra eles nas Américas (escravidão).

detalhada de como os sistemas de poder se operavam ficava de lado na questão.” (SCOTT, 2012).

Os primeiros estudos iniciais acerca da mulher muitas vezes faziam descrições da vida e do trabalho. Algumas autoras, como Wolf (1992)<sup>42</sup>, Beauvoir (1949)<sup>43</sup>, Friedman (1963)<sup>44</sup> e Millett (1969)<sup>45</sup>, apontavam ou comentavam as desigualdades sociais, políticas, econômicas e jurídicas, denunciando a opressão e a submissão feminina. Isso foi muito importante para que se alavancassem pesquisas, estudos e empreendimentos coletivos feitos por mulheres que tratavam sobre questões relacionadas à mulher, e que por isso tiveram o mérito de transformar o que até então eram raras referências de notas de rodapé em temas centrais. (LOURO, 1997). Em oposição, existiram aqueles que explicaram que as desigualdades sociais entre homens e mulheres são ligadas as características biológicas, onde cada um deve desempenhar um papel que foi determinado historicamente. E, por isso, a distinção biológica para muitos serve como justificativa para a desigualdade social. (LOURO, 1997).

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 1997, p. 21).

Assim como para outros pesquisadores/pesquisadoras, para Louro (1997, p.21) é necessário que se “compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, é importante observar tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

#### ***4.1.2 As relações sociais e as identidades***

As feministas começaram a utilizar a palavra gênero para designar as relações sociais entre os sexos. O gênero começou a se tornar um meio de significar construções culturais. Na definição de Scott (1995, p.75) como “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens”.

---

<sup>42</sup> *O mito da beleza.*

<sup>43</sup> *Le deuxième sexe.*

<sup>44</sup> *The feminine mystique.*

<sup>45</sup> *Sexual politics.*

O gênero só veio aparecer como categoria analítica<sup>46</sup> nos estudos teóricos do fim do século XX. Muito antes disso, teorias foram construídas a partir do binarismo masculino/feminino, outras como uma “questão feminina”. Porém, como uma forma de relações sociais ou sexuais, o tema ainda não havia aparecido. (SCOTT, 1995).

Como foi dito, a partir das feministas o conceito de gênero começou a ser pensado como diferenciação do sexo, o foco voltando-se para o caráter social. Não se negava que o gênero era produzido sobre os corpos sexuados, mas se ressaltava que a partir das características biológicas eram construídas e reproduzidas as relações entre os sujeitos. “O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’”. (LOURO, 1997, p.22).

Dessa forma, não podemos pensar na construção de papéis<sup>47</sup> masculinos e femininos para gênero. “Precisamos entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos.” (LOURO, 1997, p.24). Entendemos que os mesmos têm identidades múltiplas, são identidades que se transformam. Também é importante saber que o gênero engloba questões de sexualidade. É interessante que façamos uma distinção entre gênero e sexualidade.

Identidades sexuais se montam através de como os sujeitos vivem com seus parceiros, seja do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros. Enquanto na identidade de gênero os sujeitos, através da experiência emocional e social, enquanto pessoas femininas ou masculinas são definidas pela cultura e podem ou não corresponder ao sexo atribuído do nascimento.

Contudo, as duas dimensões estão inter-relacionadas e, por isso, frequentemente nos confundimos, tornando difícil pensar diferente. Mas elas não são a mesma coisa. Como exemplo, Louro (1997) aponta que os sujeitos masculino/feminino podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais e ainda podem ser negros, brancos, ricos ou pobres, etc. Pode-se observar, com as leituras de Louro (1997), que as identidades são sempre mutáveis e passíveis de transformação. Os sujeitos vão se construindo durante a vida, a partir do social e do histórico.

---

<sup>46</sup> O gênero como categoria analítica é um modo de se referir a organização social das relações entre homens e mulheres, busca explicações para a discriminação da mulher sujeita aos papéis que as inferiorizam baseadas em sua função reprodutiva ou na força física do sexo masculino. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo4/completos/educacao-de-degenero.pdf>>

<sup>47</sup> Regras que uma sociedade estabelece para seus membros que definem todo o seu modo de comportamento, de se relacionar e de se portar. Aprendemos esses papéis, nos quais devemos considerar o mais adequado para cada sexo, numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

### 4.1.3 *Um longo caminho para as desconstruções*

Louro (1997, p.30) afirma que, “é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária, masculino-feminino”. Scott, em suas análises, observa que nas sociedades, historicamente e ainda hoje, existe um pensamento dicotômico, que geralmente configura a mulher e o homem como polos opostos que se relacionam em uma lógica de dominação-submissão. Aprendemos a pensar os outros e nós mesmos dentro dessa ideia. E, por isso, é necessário provocar um colapso dentro dessa lógica.

Louro propõe, aí, uma desconstrução, revelando que cada polo é plural e contém o outro, que o polo masculino contém o feminino (de modo desviado e reprimido), e também que cada polo é fragmentado. Existem diferentes e variadas mulheres/homens, que não são idênticas (os) entre si. Junto a isso também temos homens e mulheres de diferentes classes, religiões, idades, etc. “perturbando a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante versus mulher dominada’”. (LOURO, 1997, p.33).

Romper a ideia construída de oposição binária terá implicações na desestruturação da ideia de caráter heterossexual presente no conceito de gênero que se foi estabelecido, porém abrirá a possibilidade de entender as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que são representadas socialmente na contemporaneidade. Se a concepção de gênero se traduzir em uma oposição binária, com a ideia singular de que existe só uma feminilidade e uma masculinidade, isso acarretará negar que existem sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas e, portanto não são reconhecidas também como “verdadeiras (os)” mulheres e homens. (LOURO, 1997).

### 4.1.4 *Construção de gênero e relações de poder*

Segundo Louro (1997), a ideia que perdurou ao longo dos Estudos Feministas, até um tempo atrás, era homem dominante *versus* mulher dominada tendo, assim, uma concepção de que essa era uma ideia única, imutável e universal. Entendo gênero, a partir das propostas de Scott (1995), como constituinte das relações sociais que são percebidas através da diferença entre os sexos, e que dão da mesma forma significado as relações de poder. E, por esse motivo, toda mudança na organização das relações sociais condiz com as mudanças nas representações do poder. Para entender as relações de poder na sociedade, como pensa Michel Foucault, é necessário desorganizar as formulações convencionais que remetem à centralidade e posse de poder. O autor sugere que o poder é exercido por toda a sociedade. “Ele não seria, portanto, um

privilégio que alguém possui (e transmite) ou do qual alguém se ‘apropria’.” (FOUCAULT, 1987, citado por LOURO, 1997, p.38).

O antropólogo francês Maurice Godelier assim o formulou: “[...] não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar.” (SCOTT, 1995, p.88-89).

As relações se estabelecem a partir de gestos, modo de ser e estar no mundo, das formas de agir, falar e das condutas. É a partir daí que os gêneros se constituem, nas e pelas relações de poder na sociedade. (LOURO, 1997).

## 4.2 O corpo

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos [...] inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. [...] aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. (LOURO, 2000, p.08/09).

Tanto Louro (2000) como Foucault (1988) e Le Breton (2002) trazem colaborações para o desvendamento dos sentidos do corpo, propondo cada um, três diferentes níveis de sentido que o corpo adquire. De vias diferentes de abordagem, é possível chegar a perspectivas que a meu ver contribuem para uma construção simbólica do corpo. Pode-se perceber, nos diferentes estudos, que as marcas, significações e construções formam-se a partir das experiências socioculturais e também particulares que o sujeito vai adquirindo. Nesse mesmo processo, os sujeitos vão participando de uma rede de relações de poder junto com a sociedade. A produção dos sujeitos é um processo plural no qual o corpo assimila desejos externos e internos. São sujeitos ativos na construção de suas identidades. (LOURO, 2000).

O corpo é um dispositivo da sexualidade, que age controlando o desejo. Nossas vontades e necessidades mudam a todo o momento, dessa maneira “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar.” (LOURO, 2000, p.05). Porém essas representações do corpo e o conhecimento sobre ele são dependentes de um contexto social, de uma construção de uma visão do mundo que acaba nos definindo como

peçoas. Mesmo que o corpo seja uma estrutura individualista, como propõe Le Breton (2002), que é uma “embalagem” do sujeito que contem seus limites e liberdades, esse corpo pertence a um sistema econômico e social que produz necessidades sistêmicas. De certa forma, somos colocados dentro de uma estética, dentro de padrões, de sistemas aos quais temos que cumprir, entramos em uma dinâmica de consumo, que é outro dispositivo de controle. Também, de alguma forma, dentro desses esquemas “feitos” pela sociedade, podemos nos movimentar, somos livres e temos essa liberdade até o ponto que foi delimitado e, quando se sai dessa “liberdade”, muitas vezes se cai no periférico e marginal no qual acaba-se entrando em outro patamar, outra rotulação estabelecida e construída por esses sistemas. Então, parecemos livres quando na verdade não.

Dessas mesmas ideias de Foucault, Félix Guattari compartilha delas de uma forma um tanto quanto realista, colocando que,

[...] el Estado capitalista impone sus normas, fija sus modelos, imprime sus rasgos, distribuye sus roles [...] sin descansar, continúa su sucia tarea de castración, aplastamiento, tortura y cuadrículado del cuerpo para inscribir sus leyes en nuestras carnes [...] mutila nuestros placeres [...] Hace de cada individuo un lisiado, cortado de su propio cuerpo, ajeno y extraño a sus deseos. (GUATTARI, 2013, p.01)<sup>48</sup>

Sobre o olhar de Foucault (1988), utiliza-se a lógica do poder no qual todos os nossos discursos estão de alguma maneira em relacionamento com o poder e em disputa com o mesmo. Esse poder é econômico, social e político que acaba adquirindo algumas caras, que faz as normas e a regulamentações através da sociedade de acordo com alguns interesses. É nelas que são construídas as linhas demarcadoras dos que representam a norma e aquelas que ficam fora dela. Uma norma que foi estabelecida historicamente, constituindo uma hegemonia onde o branco, heterossexual, cristão e de classe média passa a ser referência em qualquer linha do tempo das sociedades.

A partir disso, foi definido pela sociedade que havia uma necessidade de rotulação ou classificação do que era anormal e normal, para que pudesse ser socialmente aceitável através da norma. Até mesmo aqueles considerados “anormais” terão marcas que farão a sua referência,

---

<sup>48</sup> Escrito originalmente publicado anonimamente na revista francesa *Recherches* nº. 12 de 1973, dedicado a um "grande enciclopédia da homossexualidades" intitulado edição " Três bilhões de pervertidos: homossexualidades Grande Enciclopédia ", que foi atendido por Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jean Genet, Guy Hocquenghem, Daniel Guérin, Jean-Paul Sartre, entre outros. O governo francês confiscou e destruiu as cópias da revista e acusou Félix Guattari, diretor da publicação, de "enfrentar a decência pública".

são rotulados pela sociedade. Sempre haverá uma forma de identificar e classificar a identidade do sujeito. “Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribuem rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina.” (LOURO, 2000, p.09).

#### **4.2.1 O controle do corpo**

“Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.” (FOUCAULT, 1988, p.28). Através de uma retrospectiva histórica de como a sexualidade e o sexo foi resignificando simbolicamente e se desenvolvendo através de uma regulamentação social, a sexualidade passa a ser um dispositivo de controle da sociedade, através do corpo, onde ela organiza e modela os corpos de maneira a padronizá-los e normalizar os comportamentos pessoais. Tal concepção supõe que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. (LOURO, 2000, p.02). Partindo dessa ideia, Louro (2000), em seus estudos, nos fala muito sobre o processo de escolarização do corpo, demonstrando como as instituições disciplinam os corpos desde cedo e como aprendemos e absorvemos essas ideias de maneira direta e indireta. Ainda contempla a ideia de que a sexualidade deveria dizer sobre nós mesmos e nossos corpos, mas a verdade é que ela fala muito mais sobre a nossa cultura, sobre as relações de poder.

Através destas relações de poder, necessitou-se um aumento do controle sobre os indivíduos, não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade. (LOURO, 2000, p.35). A partir disso, o resultado foi de uma nova configuração de poder que tinha como objetivo classificar uma pessoa através de uma identidade que expressava a “real verdade do corpo”, com uma adequação entre o corpo e a identidade de gênero, um corpo “normal”.

A sexualidade, afirma Foucault, é um “*dispositivo histórico*” [...] uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”. (FOUCAULT, 1988, p.24).

Fazendo uma retrospectiva, podemos notar que na Idade Média já apareciam resquícios desse dispositivo histórico onde a sexualidade e o sexo eram controlados pela Igreja, “[...] sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário.” (FOUCAULT, 1988, p.34), entrando em uma lógica do pecado, tornando a confissão sobre os atos cometidos

no sexo como um tipo de penitência. Pode-se notar uma característica forte nessa época: o sexo foi visto como um ato físico, onde o desejo se confidenciava ao corpo, se apresentando de maneira explícita não importando que tipo de relação fosse.

Nos últimos três séculos, houveram contínuas transformações em torno da finalidade do sexo. “[...] novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados [...] definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele: em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais”. (FOUCAULT, 1988, p.20/21).

Diferentemente da Idade Média, no século XVIII, o sexo e a sexualidade adquiriram outra configuração simbólica, encontrando outras significações, já que não era mais apenas uma relação sexual de duas pessoas. Já se podia encontrar um dispositivo, que era a sexualidade para organizar a sociedade, e junto a essa construção de significados veio à lógica da heterossexualidade, utilizando dispositivos como a medicina, a escola, a Igreja, todos atuando para manter um padrão binário. Foucault, falando sobre a sociedade burguesa, coloca o dispositivo sexual onde juntamente “nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo” (FOUCAULT, 1988, p.25), isso por que a família burguesa é uma das que mais representam esse dispositivo, nelas já existiam uma série de marcas.

Durante o século XVII e XVIII, muitas mulheres foram mortas. Mas esses assassinatos se estenderam além do simples conceito de gênero: morreram pessoas, corpos físicos e conhecimentos. Assim como na Idade Média também houve uma “caça às bruxas”, porque as mulheres começaram a descobrir uma relação com a natureza, começaram a se dar conta que não só ter filhos era importante, começaram a ter um poder e tinham que controlar esse poder. No século XVIII, já temos o sistema patriarcal, que é uma lógica de pensamento de dominação e de poder que não era unicamente para homens, mas sim como o sistema estava feito. Então, podemos dizer que hoje a maneira como pensamos o sexo, a sexualidade, vem em função da construção e das ressignificações que o patriarcado ao longo do tempo foi adquirindo, da maneira como foram impostos o sexo e a sexualidade simbolicamente na sociedade.

### ***4.2.2 Um corpo sexual***

Sobre a sexualidade, uma relação entre o que fazemos o que estamos obrigados a fazer, o que nos está permitido fazer, o que nos está proibido fazer no campo da sexualidade; e o que está proibido, permitido, ou é obrigatório dizer sobre nosso comportamento sexual (FOUCAULT, 1988, p.09).

Foucault (1988), fala do corpo sexual pensado a partir da genitalidade, no qual se tira o desejo do corpo e se coloca nas genitálias. E é a partir da construção dessa lógica estipulada pela sociedade que se “aprendeu” a pensar o sexo. Porém, é o corpo todo que tem que ter desejo, com relacionamentos, com as pessoas a nível de sexualidade que não estão sujeitos a genitalidade.

Dessa forma, tudo vai se relacionando. Pode-se notar que a sociedade dividiu em dois polos biológicos do sexo, masculino e feminino, a partir de uma biologia que também é construída e que aparentemente é natural; então, se você tem uma vagina e é mulher constrói-se uma sexualidade e se você tem um pênis constrói-se outra. É nesse momento que entra o dispositivo da sexualidade como controle e disciplinamento a partir do pensamento de Foucault (1988), quando se têm dois polos, feminino e masculino, e quando aparece o dispositivo da sexualidade do corpo sexual. Começam, então, essas divisões de gênero, quando o corpo passa a formar outro dispositivo, que é um dispositivo de produção. Então, como você é mulher vai fazer determinadas atividades e você que é homem vai fazer outras.

A partir disso, são formados os papéis de gênero. É aí que se junta o corpo sexual, se junta o gênero e também o espaço privado e o espaço público. A mulher está para o espaço privado – que é a casa – e o espaço público onde tem maior visibilidade é para o homem. Então, a questão não é competir com os homens, e sim conhecer onde estão esses lugares, do feminino e do masculino. O corpo não pode ser olhado como uma coisa etérea. É um corpo material, simbólico que tem uma subjetividade e que tem uma relação com o poder.

Por isso para Ponty (1994), nossos corpos são corpos de luta, são corpos que se ressignificaram a partir das lutas. O corpo não é um objeto com pernas e que caminha por aí, por que quando “se veste” lhe damos significações de uma época, de uma classe social.

### ***4.2.3 Escolarização do corpo***

Nessa ótica da aprendizagem, Louro (2000) propõe questões significativas de maneira a refletir por que os desejos e necessidades de uma pessoa precisam corresponder com a aparência do seu corpo e que características passaram a ser marcas definidoras de identidade, reconhecidas por uma sociedade.

A pedagogia, “[...] desde o século XVIII concentrou formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores [...] tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso.” (FOUCAULT, 1988, p.30-31, grifos meus).

No século XX, o sexo e a sexualidade não tiveram uma dimensão social. A mulher, em sua vida pré-casamento, tinha em sua mente que a sexualidade era um assunto a ser tratado como um segredo no mundo das mulheres, algo íntimo e particular o qual se confidenciava a uma amiga, já que na relação de mãe e filha não se tinha uma abertura para falar desses assuntos, era uma relação de respeito e obediência. “‘Viver’ plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com um parceiro do sexo oposto”. (LOURO, 2000, p.04).

“As profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e homens e alterando concepções, as práticas e as identidades sexuais teriam de ser levadas em consideração”. (LOURO, 2000, p.04). Comparando a mulher dessa época com a de agora, se pode perceber que, em função de transformações econômicas, sociais e políticas, hoje há mais abertura que antigamente. “As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente. Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas”. (LOURO, 2000, p.04).

Em função das transformações sociais, podem-se proporcionar outras formas de relacionamento e estilos de vida, que foram debatidas e construídas nos anos 60 e que hoje “passam a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.” (LOURO, 2000, p.05). Juntamente com as novas tecnologias, estas transformações permitiram que fossem quebradas as categorias sexuais e a relação corpo-sexualidade. Estas mudanças, de maneira direta e indireta, afetam todas as formas de viver, existir e de se construir como pessoa. Louro (2000) me ajuda a compreender que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas social e política e que sexualidade é construída ao longo da vida e vivida pelos sujeitos de maneiras diferentes.

No momento em que os grupos sociais classificados como normais, que representam a si mesmos, também acham que tem direito de representar aos outros e apresentar como verdade e padrão como sua própria estética, o que acaba transpassando por outro conceito que Foucault relaciona ao corpo, o político. As formas como elas são representadas e significadas atravessam e são marcadas por relações de poder, afirmando assim que as identidades sociais e culturais são políticas. (LOURO, 2000).

É nesse momento que Louro, trabalha a educação dos corpos. Esse processo de construção, padronização e significação do corpo vem através da escolarização. E para que marcas, que definem como ser homem e como ser mulher, sejam firmadas, não só atua a escola mas todas as partes da sociedade para essa produção de homens e mulheres desejáveis. (LOURO, 2000), demonstrando que a pedagogia da sexualidade e o disciplinamento dos corpos vêm sendo realizados de maneira sutil e discreta, mas eficiente e duradouramente. São feitos investimentos no corpo e sobre o corpo. São forjadas a construção, separação e categorização de características que definem e tornam um homem ou uma mulher. “[...] os corpos são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos [...]”. (CORRIGAN, 1991, citado por LOURO, 2000, p.09). Ensinos eram passados de forma discreta, mas que marcassem o corpo. “Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher ‘civilizados’, capazes de viver em coerência e adequação [...]” (LOURO, 2000, p.11) garantindo, assim, a formação de homens e mulheres “de verdade”. Existiam critérios e referências que mostravam se a criança estava se afastando ou aproximando da norma desejada. É a partir de marcas ensinadas aos corpos que construímos nossas identidades. O cinema, a televisão, as revistas e a publicidade (que também exerciam sua pedagogia) nos pareciam guias mais confiáveis para dizer como era uma mulher desejável e tentávamos, o quanto era possível, nos aproximar dessa representação. A escola, por seu lado, pretendia desviar nosso interesse para outros assuntos adiando, a todo preço, a atenção sobre a sexualidade. (LOURO, 2000).

O corpo dos indivíduos apresenta marcas desse processo educacional escolar que são valorizadas ou não por essas sociedades. Independentemente do lugar em que se passa, o corpo é um lugar de impressões desses lugares, do que a sociedade julga “adequado” ou não. Ao longo do tempo foram separados atributos que mulheres devem ter e que são diferentes dos homens. Foi padronizado quem é quem. Caso isso não ocorresse, era taxado como errado. Esses atributos foram incorporados ao corpo como método de definição. “Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram - e são - produtoras de ‘marcas’”. (LOURO, 2000, p.12). Vários âmbitos da sociedade contemporânea foram categorizados como para homens ou como para mulheres, estabelecendo, assim, o que um homem e uma mulher devem fazer. Um homem “de verdade”, segundo os padrões estabelecidos pela sociedade, é ensinado que deve se conter na expressão dos seus sentimentos ou manifestações impulsivas, já que estes são considerados atributos femininos (LOURO, 2000). Assim como também para fixar essas identidades, masculina e feminina, se utilizavam os “desajustados” desse “outro”, segundo o que a sociedade busca, como lição do que é errado

para afirmar e definir. Então, mesmo que as outras identidades sexuais alternativas sejam excluídas, elas têm um processo ativo na participação da construção das identidades julgadas como normais.

Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. (LOURO, 2000, p.18).

Dessa maneira, está-se de alguma forma bloqueando os desejos e as necessidades do corpo, porque temos formas pré-estabelecidas para que se seja mulher, sexo feminino, porque se não for dessa maneira não é reconhecida pela sociedade como mulher e quando não se é reconhecida em um sistema social, como essa mulher que se deveria ser, acaba-se ficando fora do ‘sistema’ e a partir disso temos problemas de *bullying*<sup>49</sup>, de discriminação, é assim que operam os dispositivos.

#### **4.2.4 Reconhecendo a sexualidade**

A sexualidade é mais que puramente o corpo, mas é pelo corpo biológico que ela se manifesta. É a conjunção de quem e o que somos com o que a sociedade nos torna.

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p.06).

Segundo Louro (2000, p.25), “A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico”. Nossas definições, convenções, crenças, identidade e comportamentos sexuais foram modelados no interior das relações de poder ao longo do tempo. Para Foucault (1988) a sexualidade era um aparelho histórico que se desenvolveu com a sistematização social que organizava e modelava os corpos e,

---

<sup>49</sup> Situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/o-que-e-bullying/>> Com acesso em: 27 mai, 2018.

principalmente, os comportamentos individuais que poderiam afetar o coletivo. Atualmente, ligamos à ideia de corpo à de sexualidade. “Estamos cada vez mais conscientes de que a sexualidade é tanto um produto da linguagem e da cultura quanto da natureza. Contudo, nós nos esforçamos constantemente para fixá-la e estabilizá-la, para dizer quem somos ao contar a respeito de nosso sexo.” (LOURO, 2000, p.51). A autora ainda complementa o que Foucault fala através de que a crença social criada por nós, diz que a sexualidade diz a verdade de quem somos e a história de nossos corpos quando na verdade ela fala sobre a verdade de nossa cultura social.

É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais e essas distintas identidades constituem os sujeitos, mesmo dentro de um agrupamento social existem múltiplas identidades nos sujeitos com marcas culturais. “Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. (LOURO, 2000, p.06).

Através da identidade de gênero e sexual que nos apresentamos a outros sujeitos, e com isso “[...] tentamos fixar uma identidade, afirmando que o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos. Precisamos de algo que dê um fundamento para nossas ações e, então, construímos nossas ‘narrativas pessoais’”. (LOURO, 2000, p.07). Essa identidade muitas vezes é transcrita para o corpo, que se torna uma referência. Assim, o corpo é visto como uma impressão sobre o que nós somos ou o que poderemos nos tornar, onde é depositada toda a carga de normatizações relativas ao que a sociedade julga ser certo ou errado. É a partir do corpo, mais especificamente de marcas biológicas, que os sujeitos deduzem a identidade, marcas visíveis nos corpos dos indivíduos que ao estarem de acordo com as adequações das sociedades passam a serem valorizadas e tonam-se referência e exemplo para todos. (LOURO, 2000).

### **4.3 A fotografia**

*“Tudo muda, contudo, se da fotografia como arte passa-se à arte como fotografia.” (WALTER BENJAMIN, Pequena história da fotografia).*

#### **4.3.1 Da pintura à fotografia: a arte de retratar o corpo humano**

Antes do surgimento da fotografia, a imagem estática que a humanidade conhecia provinha da imaginação dos artistas, mesmo que esta ainda fosse apenas uma tentativa de copiar

a realidade. As produções artísticas tradicionais – principalmente a pintura manual – dependiam da habilidade e da subjetividade do pintor. O olhar e o conteúdo dessa imagem ficavam “contaminados” por quem criava, e poderiam haver acertos e erros, dos quais dependia a credibilidade da imagem feita. (GURAN, 2007). Dessa forma, podemos afirmar que a fotografia e o desenho não são equivalentes, uma vez que a fotografia reproduz tudo aquilo que é visível e não visto, sem selecionar e sem perder o momento, enquanto o desenho é restrito e limitado, dado que só se pode “capturar” o que o artista percebe e compreende, tendo suas perspectivas e ideias preconcebidas em relação a um determinado assunto ou imagem (ROUILLE, 2009).

Durante o Renascimento, o corpo humano passou a gerar um grande interesse social, principalmente em relação ao seu funcionamento. Esse movimento influenciou também o ambiente artístico e, dessa forma, pinturas, esculturas e desenhos passaram a buscar um perfeccionismo cada vez maior na representação dos corpos. Nas obras da época, o corpo aparece de forma materializada, encarnada e muito humana, passando a ser visto e apreciado como fonte de beleza e realização. O humanismo, que torna o homem o centro dos interesses da humanidade, é a temática principal da arte renascentista, que está ligada diretamente ao comércio e à ascensão burguesa, que ajudam a financiar os artistas por meio da prática de mecenato.

Com o passar do tempo, a representação dos corpos por meio da pintura deixou de dar conta dos anseios da sociedade, já que o olhar do pintor não alcançava mais as perfeições que o mundo crítico necessitava. A imagem fotográfica, oriunda dessa evolução forçada, surgiu na primeira metade do século XIX, num contexto de transformações sociais, econômicas, tecnológicas e culturais advindas da Revolução Industrial. As duas primeiras invenções nesse sentido foram a câmara escura – mecanismo puramente óptico para captação da imagem – e os materiais fotossensíveis – origem química, que serviam para inscrever a imagem em uma superfície.<sup>50</sup>

Com estes avanços tecnológicos, os pintores passaram a utilizar a fotografia como forma de pré-visualização das cenas projetadas, esboçando seus temas para depois pintá-los. Isso causava uma aproximação da realidade, um aprofundamento da percepção do real. (MOLINA, 2013). Dessa forma, os pintores passaram a atingir um alto nível do realismo em suas obras, muito pelo uso do recurso da câmara escura. Nessas pinturas, já se revelavam elementos que

---

<sup>50</sup> Escrito por Filipe Salles. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/2017-03-19-18-18-02/historia-da-fotografia/168-histfoto>> Com acesso em: 23 set. 2018.

antes não eram vistos, como tridimensionalidade, volume, perspectiva, presença, retratos que tinham uma verossimilhança com os indivíduos reais. (HOCKNEY, 2001 citado por MOLINA, 2013, p.21).

A fotografia contribuiu para a evolução do olhar, ampliando sua visão de nível local para perspectivas mais globais, fazendo com que os limites tradicionais, que antes eram só o olhar do pintor, se tornassem mais amplos e visíveis. (ROUILLÉ, 2009). Nesse momento, em que a fotografia veio para redefinir e ressignificar conceitos, os meios de comunicação de massa passaram a exercer um papel fundamental na disseminação e popularização de uma narrativa visual.

A fotografia, enquanto máquina de ver surgiu quando o olho, mesmo o do artista, se sentiu desprevenido diante do advento de um novo real, vasto e complexo, em constante progressão. Na realidade, é a época da primeira revolução industrial, da estrada de ferro, da navegação a vapor, do telégrafo – que juntos, contribuem para expandir a área do comércio (portanto, do real e do visível) para dimensões mundiais. (ROUILLÉ, 2009, p.39).

A fotografia reproduz a realidade e, no seu processo de popularização, ajudou primeiramente a retratar pessoas e o mundo no qual todos viviam. (GURAN, 2007). Porém, a fotografia-expressão<sup>51</sup>, que por muito tempo esteve escondida ou foi rejeitada, surgiu após um século e meio de fotografia-documental<sup>52</sup>, quando esta entra em crise. Para Rouillé (2009, p. 27), “[...] cada imagem fotográfica contém, no entanto, um valor documental que, longe de ser fixo ou absoluto, deve ser apreciado por sua variabilidade no âmbito de um regime de verdade – o regime documental”. Por isso, a imagem fotográfica como documento não só tem valor a partir da sua técnica, mas depende muito mais do receptor-observador, já que todos criamos crenças e concepções a respeito de qualquer imagem.

Para Barthes e Rouillé (2009, p. 136), a fotografia é essencialmente representativa, ou seja, “as coisas e os estados de coisas estão lá, e a fotografia os registra”. Ao mesmo tempo, ao estar imerso numa sociedade midiaticizada - onde a imagem é crucial - a fotografia também vai desenvolvendo possíveis matrizes estéticas, noções de enquadramento, entre outras competências. “Através da fotografia-expressão, outras posturas, outros usos, outras formas,

---

<sup>51</sup> Para Rouillé, a fotografia-expressão exprime o acontecimento, mas não o representa. O que caracteriza a fotografia-expressão é o elogio a forma, a afirmação da individualidade do fotógrafo e o dialogismo com os modelos.

<sup>52</sup> Para Rouillé, a fotografia-documental propõe uma nova maneira de perceber a arquitetura, já que fornecia de modo real e incomparavelmente preciso. Como exemplo, temos a tela de Monet sobre a catedral de Rouen, no qual foi pintada como uma tentativa da cópia da realidade, mas sobre a perspectiva e imaginação do pintor.

outros procedimentos, outros territórios, até então marginalizados ou proibidos, emergem ou desenvolvem-se.” (ROUILLÉ, 2009, p.28).

#### ***4.3.2 Expressões e sentidos da fotografia na sociedade***

A sociedade da informação, que se estende ao ritmo das redes sociais de comunicação, age profundamente sobre um conjunto de atividades, particularmente sobre as práticas e as imagens fotográficas, segundo processos muitas vezes subterrâneos e silenciosos, mas que colaboram para o esgotamento da fotografia-documento. (ROUILLÉ, 2009, p.137).

Cada cultura tem suas expressões refletidas em suas identidades sociais, onde se constroem maneiras específicas de viver no planeta. Possuímos uma diversidade que nos possibilita infinitas maneiras “de ser em si e de se organizar socialmente possibilitando os incontáveis caminhos válidos para a realização plena do ser humano.” (GURAN, 2007, p.01). Porém, com o crescimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação, alguns padrões hegemônicos foram criados, levando ao enfraquecimento de algumas culturas que eram mais vulneráveis. Assim como Guran, Cortina (2005) tem a concepção de que um modo de resistência dessas culturas ora era absorvendo elementos da cultura dominante ora era introduzindo suas próprias referências culturais no meio da cultura que se impõe.

Numa época em que a cidadania se confunde com o consumo e os shoppings centers assumem a versão high tech da praça pública, instaura-se um novo princípio civilizatório. A ofensiva global impõe uma proposta cultural, na qual valores morais, comportamentos, projetos sociais, princípios de sociabilidade, enfim, toda a base de constituição do sujeito moderno foi disposta à lógica do mercado. (GURAN, 2007, p.01).

Ao propor uma investigação sobre a experiência da mulher com o ensaio intimista do *O Bendito Fruto* como uma ferramenta possível para a desconstrução dos padrões de beleza relativos ao corpo feminino, autoconhecimento e possibilidade de construção de uma cidadania comunicativa de gênero, é importante refletir sobre o processo de construção da fotografia, a visibilização do corpo através desse ensaio e, também, como as lógicas digitais afetam as interações que se estabelecem nesse cenário. Como propõem Kossoy (2002), a imagem fotográfica contém em si realidades e ficções. Dubois (2011, p.15) complementa que “a foto não é apenas uma imagem (produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer...) [...] mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação”. Isso quer dizer que a fotografia precisa ir muito mais além da técnica. Torna-se muito mais importante pensar em como essa fotografia vai ser vista e apreciada, quais os sentidos e

significações que os sujeitos irão atribuir a essa imagem. E, nesse aspecto, *O Bendito Fruto* busca - na veiculação das fotografias na internet (mídias digitais) - fazer com que a recepção pelos sujeitos que irão ver a foto traga, para a mulher fotografada e para os fotógrafos - a possibilidade de reconhecimento.

Hoje, a imagem - em especial a fotografia - tornou-se uma das principais armas de enfrentamento social. Mais do que nunca, parecer tornou-se mais importante que ser. “Isso porque a imagem é testemunho, é modelo, é o que se vê tudo ao mesmo tempo, portanto, é o que de fato subsiste.” (GURAN, 2007, p.01). É a partir de um dos dispositivos de controle, o corpo - que tem sido alvo e, ao mesmo tempo, instrumento de um exercício de poder que visa disciplinar as práticas dos sujeitos - onde a sociedade organiza, determina e exerce seus padrões. Mas é através dele, também, que muitos projetos tentam criar possibilidades de cidadania e de reconhecimento às sujeitas que muitas vezes já foram desvalorizadas - as mulheres são um exemplo disso. “Com o uso cada vez mais constante de mulheres em campanhas publicitárias, o corpo feminino tornou-se visível e desejado – criando assim padrões de perfis de beleza, passando a ser amplamente empregado nos mais diversos veículos midiáticos.” (MOLINA, 2013).

A fotografia, portanto, transformou-se em um elemento essencial na comunicação, pois sua linguagem dá mais credibilidade ao produto midiático, visto que é por meio dela que podemos perceber representações da realidade. Com a velocidade e a abrangência das comunicações atuais, a imagem fotográfica potencializou-se excessivamente. Com a chegada da Internet, há uma certa democratização da informação fotográfica. Por outro lado, há uma prevalência esmagadora de quem controla o processo. Isso ocorre tanto a nível global – de um país hegemônico sobre os demais - como dentro da própria sociedade onde as classes dominantes se sobrepõem ao povo em geral. (GURAN, 2007).

Aqui, os ensaios intimistas/sensuais são uma tentativa de desmistificar a imagem marginalizada das corporeidades da mulher, que não condiz com o padrão de estética vigente em nossa sociedade. Ressaltar a beleza da mulher através desses ensaios torna-se sinônimo de vulgaridade, porém acredito que toda e qualquer manifestação acerca do corpo está sujeita a interpretação de como foi expressa e como a sociedade, que é o público, faz a leitura daquela representação.

A fotografia é vista como uma representação do mundo visível, sendo que a vida existente por trás das imagens é o principal fator de valorização da foto (GURAN, 2007). Nessa significação, um grupo social ou uma sociedade que renuncia sua própria imagem deixa de existir, se tornando extinto, invisível ao mundo. (GURAN, 2007). Podemos pensar que a

fotografia também pode ser uma forma de atestado da cidadania, onde pode estar ligada aos processos de inclusão social, como é o caso do *O Bendito Fruto*, que traz a possibilidade de uma cidadania de gênero através da experiência com a imagem. “O direito à representação, o direito à imagem está relacionado às políticas de identidades próprias, à redefinição dos sujeitos em termo planetários.” (GURAN, 2007, p.02). Nesse sentido, considera-se que um corpo, de certa forma, é reflexo do discurso que ele reproduz em sua história. Através disso, o corpo feminino é tido pela sociedade como um corpo domesticado. Segundo Foucault (1999), há uma descontinuidade na história que apresenta fissuras, e estas fissuras fundam outras posições dos sujeitos no fio da história. Essas posições invertem construções que estavam impostas socialmente. Nessa inversão se critica a especificidade do corpo feminino, pensando-se em outra especificidade.

Mesmo que a fotografia seja capaz de apresentar aspectos do real, situado num determinado tempo e espaço, ela sempre será fruto das escolhas de certo ângulo, determinados cenários. O ato de fotografar se faz através dos efeitos de sentido que a fotografia irá gerar, e terminará quando essa foto for lida e interpretada pelas pessoas. Porém Kossoy (2002, p.22) propõe que “a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro no contexto da vida passada”. Ele defende que a fotografia caracteriza-se por um processo de construção onde os sujeitos são receptores-produtores. Assim, consomem produtos midiáticos, mas também produzem suas narrativas e podem ainda compartilhar no ambiente digital.

Talvez um dos principais elementos da linguagem fotográfica, responsável por definir aquilo que deve ser destacado, é o enquadramento feito pelo fotógrafo. O conteúdo de qualquer fotografia “é o resultado de uma sucessão de escolhas, fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas” (KOSSOY, 2002, p.27). A decisão do enquadramento é um fator que condiciona que tipo de mensagem será apresentado neste registro fotográfico. Nessa perspectiva, Guran (2007) concorda que, juntamente com o enquadramento, os elementos que fazem parte dessa linguagem - própria e inconfundível - seriam a luz, a escolha do momento, o ajuste focal e o enquadramento, sendo que essas características constituem uma técnica da representação da realidade subjetiva.

Dubois (2011), em seu livro *O Ato Fotográfico*, reflete acerca da fotografia e apresenta três ideias distintas: 1) a fotografia como espelho do real; 2) a fotografia como transformação do real; 3) a fotografia como traço de um real. Para esta pesquisa, procuro debater sobre a segunda ideia de Dubois (2011, p.37), onde esse ponto de vista desconstrói a imagem afirmando que a foto é “eminentemente codificada (sob todos os tipos de ponto de vista: técnico, cultural,

sociológico, estético etc.)” sendo que essa codificação afasta da noção do real. “Se observarmos concretamente a imagem fotográfica, ela apresenta muitas outras falhas na sua representação pretensamente perfeita do mundo real” (DUBOIS, 2011, p.38).

Desse modo, os “defeitos” da fotografia foram sendo cada vez mais expostos, rompendo cada vez mais com a “verdade” vista como característica própria à subjetividade da foto. Hoje, não só as fotografias publicitárias, mas as fotografias em geral “não representam as coisas sem agir sobre elas – ao mesmo tempo em que as coisas se desenvolvem através das imagens” (ROUILLÉ, 2009, p.167). Ou seja, quando a fotografia retrata pessoas, o discurso dos sujeitos reflete ou retrata elementos ideológicos, e assim, o sujeito pode se constituir ou ser constituído também pelo seu discurso.

Nesse sentido, *O Bendito Fruto* busca, em sua metodologia fotográfica, trazer à tona os discursos dos sujeitos, através das narrativas de suas próprias histórias, e *desobjetificar* a mulher e seu corpo. Neste sentido, é possível refletir se com isso, abre-se a possibilidade de uma cidadania comunicativa de gênero a elas. Hoje, movimentos são necessários para que possamos, como sociedade, desconstruir padrões de beleza que subjugam a mulher há muito tempo, ressignificando os sentidos intrínsecos aos corpos femininos.

#### **4.4 Sujeitos comunicantes gênero e cidadania**

Além da necessidade de refletir sobre os processos comunicacionais, nessa investigação especificamente vinculados à fotografia, para repensar o papel da fotografia intimista para a experiência da mulher como sujeita cidadã, faz-se necessário pensar estas mulheres, os contextos em que estão inseridas e como as mídias contribuem para a construção do corpo e suas vinculações com a cidadania comunicativa. Trata-se, portanto, de pensar como a mulher, enquanto sujeita, vivencia a experiência dos ensaios fotográficos e, ao mesmo tempo, de que forma a fotografia e as mídias digitais vão se vincular a esta experiência, pensando as possibilidades e impossibilidades para a constituição de uma cidadania de gênero.

##### **4.4.1 Pensando a cidadania vinculada ao gênero e ao corpo**

Pensar essas mulheres, enquanto sujeitas constituídas em sua identidade de gênero, é pensar a cidadania no campo cultural, tomando o gênero como um elemento muito importante nessa construção. Porque o que elas vão sentir, que sentidos elas vão dar, a experiência que elas

vão ter, e a própria possibilidade ou não de desconstruir elementos de gênero, também tem haver com suas trajetórias, como todo um conjunto de multidimensionalidades que as constituem.

Entender o que acontece através da experiência permitida pela fotografia intimista com as mulheres que são generificadas, é tentar entender toda a sua construção, nesse processo que possibilita a ela ser reconhecida em sua diferença, na sua diversidade, nos seus corpos.

Assim, pensar a experiência que investigo como um processo cidadão implicaria que esta experiência aportasse para uma reflexão de elementos não só relacionados à desconstrução dos padrões hegemônicos mas, também, de elementos de subordinação da mulher e da sua própria experiência de subjugação, vinculada ao seu corpo. Nesta perspectiva, essa mulher que faz o ensaio poderia passar por uma reflexão sobre alguns de seus contextos vivenciados, como também uma autoconscientização das amarras aí presentes, a ampliação da visão de si e auto-aceitação em relação ao corpo como constitutivos da sua identidade - o que possibilitaria a emergência de uma experiência cidadã.

Junto a isso, podemos identificar elementos no ambiente social que oprimem, dificultando a constituição de uma identidade de gênero cidadã. A experiência com o ensaio intimista em *O Bendito Fruto*, numa perspectiva cidadã, deveria abrir a possibilidade de que essas identidades sejam reconhecidas, procurando entender a complexidade da constituição feminina dentro de um cenário mediado e midiático onde ela faz sua trajetória e que vai constituindo também o seu lugar, sua identidade de gênero e sua relação com o corpo.

A mulher, enquanto sujeita, é constituída multidimensionalmente a partir da trajetória que desenvolve no seu contexto, no seu lugar social, familiar, na sua inserção histórica nos mais variados cenários. Tentar pensar essa sujeita em termos de uma mulher constituída através do gênero é refletir como ela se constrói através do modo como ela pensa, como ela constitui sua identidade e como ela vai se expressar enquanto sujeita feminina. É pensar que isso tudo é atravessado, também, por todas as experiências de contexto que ela viveu, pela sua trajetória de vida em um cenário, em um momento histórico e também pelas incidências das mídias. Dessa forma, a mulher que vai fazer as fotografias sensuais no *O Bendito Fruto*, já se constitui como sujeita generificada num processo, onde é atravessada por múltiplas dimensões que vão constituindo essa particularidade de gênero dela.

Relacionando com o que Louro (2000) argumenta acerca de um corpo educado que precisa ser socialmente aceito, são utilizadas práticas e linguagens, que produzem marcas, que constituem os sujeitos (as). Determinados comportamentos e modos são ensinados através de uma metodologia do corpo educado, inscritos nas histórias pessoais dos sujeitos (as), sendo carregados de experiências que inicialmente vem a partir da escola, e não só dela, mas de outras

instituições que contribuem para essa produção – de modo às vezes imperceptíveis. “Todas essas instâncias [...] frequentemente, aparecem de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras [...], contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.” (LOURO, 2000, p.16). Entretanto, as sujeitas - pensando esta pesquisa - não são só *receptoras* dessa produção, mas também participantes ativas da construção de suas identidades. Por isso, experiências como a fotografia intimista, podem contribuir na construção delas como sujeitas e cidadãs.

Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplina e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2000, p.17).

Cortina (2005, p. 30), ao pensar como nos formamos cidadãos, reflete:

A cidadania, como toda propriedade humana, é o resultado de uma prática, a aquisição de um processo que começa com a educação formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação, ambiente social). Para que possamos aprender a ser cidadãos, como aprendemos tantas outras coisas, mas não pela repetição da lei de outros e pelo castigo, e sim chegando a ser mais profundamente nós mesmos.

Na fotografia intimista realizada *O Bendito Fruto* propõe trabalhar a sensualidade sem objetificação e desenvolver, através do ensaio intimista, uma imersão da mulher em si mesma de maneira que a fotografada possa ir além da imagem e buscar autoconhecimento e aceitação. Será que isso se efetiva na experiência realizada pelas mulheres? Esta é uma das perguntas que nos acompanham na realização desta pesquisa.

É necessário entender um pouco sobre o conceito de cidadania e o que ele propõe para que se possa depois pensar a cidadania em relação à mulher generificada. Faxina reflete sobre a cidadania, pensando-a como “conjunto de direitos e deveres ao qual uma pessoa está sujeita na sua relação com a sociedade em que vive, mas também na sua condição de indivíduo, a cidadania é resultado de um processo em permanente construção. Sua natureza não é estática, acabada, é processo.” (2012, p.94). Esta dinâmica é própria do cenário social, que vai “gerando novas necessidades, novos direitos, especialmente no campo do respeito aos direitos fundamentais do ser humano” (FAXINA, 2012, p.94). Cortina (2005) também propõe que a cidadania está relacionada com a realidade social em que seus cidadãos vivem.

É preciso compreender, nesse sentido, que cidadania é um conceito complexo, que envolve várias dimensões e, por isso, vem sendo pensado e repensado de muitas formas ao longo dos anos, se modificando de acordo com a realidade em movimento. Portanto, é necessário fazer uma reflexão profunda sobre o conceito e, depois, para fins da minha investigação, pensar quais especificamente são essas dimensões, tanto do âmbito cultural quanto do comunicacional, para pensar as mulheres, tanto em suas vivências quanto no momento em que elas vão experienciar a fotografia sensual.

As sociedades industriais tinham interesse em criar “entre seus membros um tipo de cidadania na qual se reconheçam e que os faça se sentir pertencentes a elas...”. (CORTINA, 2005, p.18). Não só a noção de cidadania veio a seguir tradições republicanas e liberais, mas também todos os direitos dos cidadãos sociais, culturais e econômicos foram embasados nestas tradições. Com isso, os direitos dos cidadãos sociais acabaram se confundindo com o conceito de cidadania.

Um conceito de cidadania plena, segundo Cortina (2005), integra um conjunto de direitos, um conjunto de responsabilidades e uma identidade, da qual uma pessoa sabe e sente-se pertencente a uma sociedade. Porém, sabe-se que é difícil efetuar uma cidadania plena já que possuímos grandes desigualdades sociais. Esse conceito de cidadania se converteu a um padrão em nossos dias.

A autora propõe outros dois tipos de conceitos relacionados ao problema de uma definição para a atual cidadania: o de *cidadania social*<sup>53</sup> que proporciona o mínimo aos seus cidadãos como acesso a saúde, educação, moradia; e de *cidadania econômica* que os cidadãos exercem sua cidadania a partir da construção das atividades econômicas, que “[...] habitualmente restrita ao âmbito político, parece ignorar a dimensão pública da economia, como se as atividades econômicas não precisassem de uma legitimação social, procedente de *cidadãos econômicos*.” (CORTINA, 2005, p.29). Não se pode falar de uma cidadania política se essa não tem uma legitimação, um reconhecimento dos cidadãos que estão exercendo atividades sociais e econômicas e que essas atividades e essa cidadania econômica legitima essa cidadania política.

---

<sup>53</sup> Conceituada por T. H. Marshall, diz “que só o Estado de Bem-estar conseguiu satisfazer, por mais deficiências que tenha apresentado. As dificuldades por que passa essa forma de Estado despertam sérias suspeitas de que as exigências apresentadas pela noção de cidadania social não vão diminuir. Um Estado de Justiça parece tornar-se imprescindível.” (CORTINA, 2005, p.29).

Mas o problema não pára por aí. Temos, além das desigualdades sociais/materiais, as diversidades culturais, que muitas vezes tornam difícil a convivência e, por consequência, tem-se a preponderância de uma cultura dominante e as outras ficam em segundo plano.

Certamente, se a cidadania deve ser um vínculo de união entre grupos sociais diversos, não pode ser senão uma cidadania complexa, pluralista e diferenciada, e no que diz respeito às sociedades nas quais convivem culturas distintas uma cidadania multicultural, capaz de tolerar, respeitar ou integrar as diferentes culturas de uma comunidade política de tal modo que seus membros se sintam “cidadãos de primeira classe”. (CORTINA, 2005, p.140).

Ainda temos algumas restrições em relação a estas dimensões na própria constituição das mulheres; no momento que a cidadania não permite sua expressão na sua totalidade, tem-se uma sociedade que não possibilita a constituição dessa identidade, da sua diversidade, que formata e que fecha através de padrões hegemônicos – geralmente modelos - estipulados pelas mídias, onde o ambiente restringe. É o que acontece com a cultura do corpo, onde um padrão de corpo se sobressai e, por consequência, os outros “tipos de corpos” ficam marginalizados na sociedade. Por outro lado, experiências como a que propõe *O Bendito Fruto* poderiam ser um espaço interessante para configuração de uma cidadania intercultural no processo de comunicação entre as mulheres e os sujeitos e na própria expressão comunicativa dessa mulher no ensaio.

Para que se possa compreender como os corpos são pensados e entendidos em uma sociedade onde são objeto de relações de poder e porque os corpos de mulheres acabam se tornando marginalizados, é importante entender a diversidade cultural para que se possa propor uma cidadania a esses corpos que muitas vezes acabam sendo objetificados. Para isso, penso com Cortina (2005) o conceito de *multiculturalismo*, que consiste em um conjunto variado de fenômenos sociais, que derivam da difícil convivência e/ou coexistência em um mesmo espaço social de pessoas que se identificam com culturas diferentes.<sup>54</sup> O problema se expressa quando pessoas com diferentes experiências e vivências culturais acabam tendo que conviver em um mesmo espaço social onde muitas vezes já se tem uma cultura dominante, onde não se “aceita” ou não se convive com o “diferente”.

Podemos pensar que o que Cortina (2005) observa para os países que possuem diferentes culturas, também acontece em relação aos diferentes tipos de corpos. “[...] a assimilação das culturas relegadas pela dominante foi o modo habitual de proceder dos grupos imigrantes, aos

---

<sup>54</sup> Emilio Lamo de Espinosa, *Culturas, Estados, Ciudadanos*, Madrid, Alianza Editorial, 1995, 14 e 18.

quais se pede que abandonem a própria cultura e adotem a do novo país”. (CORTINA, 2005, p.141). Isso acontece de modo similar com os corpos nos quais se adota um padrão homogêneo estipulado por uma cultura dominante e que de forma imposta e implícita acaba atingindo corpos “diferentes” e gerando consequências.

Ao pensar a construção da cidadania intercultural, Cortina (2005) propõe o projeto de *ética intercultural* que “convida a um diálogo entre as culturas, de forma que respeitem suas diferenças e esclareçam conjuntamente o que consideram irrenunciável para construir, a partir de todas elas, uma convivência mais justa e mais feliz.” (CORTINA, 2005, p.144). A ideia de uma ética intercultural poderia ser interessante para pensar como se dá a inter-relação entre *O Bendito Fruto* e as mulheres. Será que as relações – fotógrafo e fotografada - vão se construir dentro desta dimensão ética? Um dos problemas vistos foi a experiência de algumas mulheres em relação a fotógrafos que prometem um ensaio intimista humanizado, mas que no final acabam trazendo mais marcas traumáticas a essas mulheres. Será que na proposta de *O Bendito Fruto* a mulher será reconhecida na sua dignidade, nos seus pontos de vista? Esse ambiente e essas inter-relações vão se dar de uma maneira que ela possa exprimir e ser reconhecida na sua diferença, provocando – não só no momento da foto mas em todo o processo – reflexões e a capacidade também de, nesse encontro com o outro, desconstruir alguns elementos da cultura, do seu gênero que ela não via antes e nem a sociedade?

Penso que uma experiência cidadã em relação ao *O Bendito Fruto* deveria possibilitar uma tradução da experiência da mulher nesse processo, permitir a expressão de elementos que não estão no padrão hegemônico. A relação entre a mulher e o fotógrafo é importante e deve se dar de maneira que possibilite que ela possa se sentir, se expressar fora dessa padronização; e por outro lado, essa constituição das relações deve se constituir dentro da ética intercultural de que fala Cortina; que a mulher possa se expressar e ser reconhecida. Talvez o próprio processo leve essa mulher a alguma reflexão referente principalmente ao seu corpo, que desconstrua algumas dessas construções estereotipadas, do corpo fechado, já que o ambiente em questão se coloca como um ambiente que gostaria de desconstruir padrões.

#### **4.4.2 Cidadania comunicacional**

Para Faxina (2012, p.127), “pensar comunicação, hoje, inclui necessariamente pensar em que sociedade ela se processa”. Com tal afirmação, considero o cenário atual em que as sujeitas estão imersas, incluindo as redes sociais digitais.

Com o desenvolvimento tecnológico, a noção de cidadania comunicativa não dá conta da realidade que vivemos hoje, onde a sociedade é globalizada, multicultural e midiática. Por isso, viu-se a necessidade de transformar o conceito de cidadania comunicativa pela ideia de que fenômenos como a comunicação mediada pelo computador – que acontece hoje principalmente nas redes sociais – criaram uma nova convivialidade a partir da imagem representada pelo ator social (FAXINA, 2012). A imagem do outro, portanto, é de fundamental importância porque essa troca, baseada na representação, (re)constrói a identidade dos sujeitos enquanto atores sociais. Consequentemente, o olhar do outro têm grande participação e influência na construção da identidade das sujeitas mulheres que experienciam o ensaio sensual e, também, ajudam a entender o significado de cidadania comunicativa.

No caso das mulheres, a cidadania comunicacional é pensada na configuração da experiência do ensaio sensual onde elas vão se enunciar, se exprimir, e se afirmar comunicacionalmente através do seu corpo. Mas, também, irão produzir sentido para a experiência. A expectativa é de quebrar os padrões hegemônicos impostos pela sociedade, que possibilitem processos enriquecedores de diversidade cultural quanto aos vários corpos produzidos como fruto da experiência nas formações sociais contemporâneas; que permitam uma ética de respeito entre produtores e sujeitas, da sua singularidade, particularidade e que possam fazer de fato a mulher ser reconhecida em toda sua complexidade, oferecendo também a possibilidade de reflexão em relação aos seus corpos já que essas podem chegar com muitas marcas de opressão, subordinação, vindas como produto da própria sociedade.

São os usos sociais feitos pelo ciberespaço, dos sites e de redes sociais na internet, que mostram ainda mais como a cidadania está sendo construída agora. Até mesmo, que valores estão sendo discutidos para a reconstrução da cidadania pensando a temporalidade atual da comunicação. Pensar, portanto, a cidadania comunicacional é entender a “incorporação da cidadania como horizonte de uma comunicação que se democratiza a partir das narrativas” (FAXINA, 2012, p.127).

O cenário criado por *O Bendito Fruto* permite que imaginemos a ação dos fotógrafos em mostrar para a sociedade o que a fotografia tem a dizer; mais do que poses sensuais e outros enquadramentos adotados pela sociedade e pela mídia, a fotografia intimista pode construir outra ideia de corporalidades da mulher levando em conta, por exemplo, as marcas que elas carregam consigo em suas trajetórias.

Si no existen posibilidades de ejercer esse conjunto de derechos y prácticas expresivas, se debilitan las capacidades y posibilidades de los individuos para constituirse como sujetos de demanda y proposicional en múltiples esferas de la realidad, toda vez que la producción de esas demandas y proposiciones resulta impensable sin el ejercicio autónomo del derecho a comunicar, es decir, a poner en común. (MATA, 2006 citado por ALENCASTRO, 2014, p.14).

Vivemos em um cenário onde as mídias passam a ocupar um lugar significativo na sociedade, e à presença no ciberespaço passa a ser importante para os indivíduos comporem-se e colocar suas visões e opiniões. E uma dessas construções se dá através da fotografia no ambiente digital onde se expressa ainda mais determinante na medida em que diferentes meios de comunicação auxiliam na construção de um padrão estereotipado da fotografia sensual e, principalmente, do corpo da mulher, contribuindo assim para sua visão estigmatizada, objetificada e inalcançável da mulher.

A cultura midiaticizada, com forte penetração, reconhecimento e eficiência, participam de modo estratégico nos intensos processos de urbanização como consequência da reorganização econômica orientada por estratégias neoliberais. (MALDONADO, 2012). Porém, múltiplas experiências comunicacionais nos mais variados lugares vêm mostrando que é possível mudar através de experiências o bem-estar social e do “próprio eu” na maioria da população, mesmo com os enquadramentos das culturas comunicacionais e midiáticas.

Como foco nas mulheres, a fotografia intimista como experiência comunicacional pode possibilitar reflexões acerca do corpo e do lugar da mulher generificada como sujeita na sociedade. E as mídias nesse processo tem um papel importante já que as fotos nas quais foram e são tiradas são muitas vezes expostas com o objetivo de contar histórias de mulheres que possuíam marcas de uma sociedade que não tem espaço para seu corpo, marcas essas de subordinação. Porém em contraponto, vários elementos da mídia atuam contrariamente para a opressão da constituição da identidade da mulher comunicacionalmente. Na experiência do *O Bendito Fruto*, geram questionamentos se há possibilidade de uma experiência cidadã através das fotos sensuais que fazem com que haja um processo de reconhecimento dessa mulher e de si mesma e de sua expressão comunicacional através da fotografia desse corpo.

Como argumenta Maldonado (2012), “Um passo imprescindível na vida cidadã comunicativa é aquele que permite superar, quebrar a vivência e a concepção unidimensional que só reconhece os sistemas midiáticos comerciais, capitalistas, como a melhor possibilidade de estruturação e realização social comunicativa.” (2012, p.25). Concordando com o autor, é necessário que se desenvolvam novas realidades culturais em comunicação quanto em uma cidadania generificada a respeito da mulher.

A partir das reflexões trazidas por diferentes autores que vêm trabalhando o conceito de cidadania, fica clara a necessidade de considerarmos nesta investigação que a cidadania comunicativa abre a possibilidade de construção de uma narrativa própria a partir das experiências da mulher com seu corpo através da fotografia intimista. Questionamos se isso acontece, se esta experiência permitiria a constituição de enquadramentos plurais e diversos da cultura dos corpos das mulheres e a construção de si mesmas como sujeitas comunicativas no espaço público digital.

## **5 O BENDITO FRUTO E AS MULHERES: GÊNERO, TRAJETÓRIAS COMUNICACIONAIS E SENTIDOS SOBRE O ENSAIO SENSUAL**

Nesse capítulo é dedicado à descrição e à análise dos dados da pesquisa empírica. Primeiramente reconstruo os relatos dos produtores relativos às concepções, processos e sentidos da proposta de ensaio de *O Bendito Fruto*. Depois, trago o relato das mulheres participantes da pesquisa sobre suas trajetórias e sobre a experiência do ensaio. Em seguida, reconstruo minha experiência de realização do ensaio fotográfico, que foi parte dos processos da pesquisa. Finalmente, realizo uma análise dos dados à luz das teorias trabalhadas para entender a experiência das mulheres nos processos de ensaio com *O Bendito Fruto*.

### **5.1 Maiquel e Renata: produtores de *O Bendito Fruto***

A equipe do *O Bendito Fruto* é formada por Maiquel e Renata. Ele tem 31 anos, é nascido em Gravataí, mora em Porto Alegre, e atualmente não estuda. Possui médio completo e é fotógrafo. Renata, nasceu em Coronel Barros/RS, mora em Porto Alegre, estuda de forma autônoma, assim como no trabalho. Fez um semestre de técnico em zootecnia mas na época saiu de casa e teve que começar a trabalhar. No fim, percebeu que não era aquilo que buscava. É fotógrafa, influenciadora, administradora, trabalha com criação de ideias e conteúdo, com comunicação.

Sobre a experiência de *O Bendito Fruto*, Maiquel, afirma que 99,9% das pessoas das quais ele já fotografou tem baixa autoestima, e Renata afirma: “quem tem autoestima hoje é porque não teve ontem”. Ele mesmo disse que sua autoestima era um lixo, mas que fotografar tanta gente ajudou a entender o processo de construção da autoestima, o significado dela.

Maiquel começou a fotografar em 2008, tinha dois empregos, o que ele trabalhava por necessidade para pagar as contas e o seu *hobbie*. “Eu só me senti seguro pra cobrar por um trabalho depois de 2 anos fotografando”, afirma ele, que já fazia tudo profissional mas não cobrava. Maiquel nunca teve a oportunidade de estudar fotografia em uma universidade, então, diz que se virava com os vídeos do Youtube.

A ideia do ensaio sensual – que era assim chamado antes dele descobrir o que estava fazendo, partiu de uma menina em uma festa na qual ele estava fotografando.

[...] queria muito fazer um ensaio fotográfico” e eu falei “da hora, legal, vai lá, boa sorte”. Ela falou “mas eu queria que tu me fotografasse” e eu falei “não, eu sou homem e não sei fotografar mulher pelada”. Eu não era machista, mas eu era grosso e não tinha contato com mulheres pra saber o que leva uma a fazer um ensaio sensual. Mas ela insistiu bastante, mostrou uma referência muito legal e me convenceu a fotografar. Aí a gente foi pro apartamento em que eu morava na época e fez muitas fotos. Antes de fotografar eu estava tentando fazer ela desistir da ideia de fotografar. A gente conversou por quase 4 horas, entre relacionamento, trabalho, família, e eu consegui fazer um raio-x dela de uma forma muito honesta. [...] A gente fez mil fotos, mais ou menos, e eu gostei de umas 20. Foi daí que surgiu a ideia de fazer um pacote fotográfico, porque se eu fizer mil fotos umas 20 vão ficar boas, então eu vou fazer 20. Eu fotografei ela e foi muito do caralho a experiência. Pra um cara que, apesar de ter convivência com mulheres não conhece elas tão a fundo, ver o resultado de um ensaio no olho da mina, quando ela tá ali se olhando nas fotos, velho, isso é muito da hora.

Vendo a possibilidade de conversar com elas e fotografá-las, ele foi em busca de referências que pudessem auxiliar nesse processo. Porém nessa época, no Brasil só existia gente fotografando mulheres “padrão”, em um lugar caro, com uma equipe profissional. E ainda nesse momento só existiam referências da Playboy, que era o que a sociedade nos mostra. Foi a partir daí que ele viu que não haviam referências sobre a ideia que ele tinha e viu a necessidade de criar, colocando no papel.

A construção do *O Bendito Fruto* não se deu logo de início, foi um foi durante o processo dos ensaios e até hoje se dá.

Eu pensei “vou chamar mais pessoas pra fotografar, mas eu preciso de mais alguma coisa”, porque uma das dificuldades da menina que eu fotografei primeiro foi não saber o que fazer com as mãos, eu precisava de algo pra pessoa usar. Aí comecei a pensar. Tava duro de grana, zerado, na merda, morando de favor com minha ex, depois que já tínhamos terminado. Meu estágio de depressão tava enorme. Mas daí pensei em coisas que eu podia fazer e pensei “uma coisa que é barata e colorida é fruta”. Encontro fruta em qualquer lugar e com 10 reais eu pago tudo que eu preciso pro ensaio. Fui pro Mercado Livre e pensei “manga combina com cabelo amarelo, uva com mina de cabelo roxo que conheci na festa”. Comprei um balde de frutas. Tu pode ver que os primeiros ensaios tem uma paleta de cor, todos eles, porque era a ideia original. Eu não entendia nada de fotografia sensual, de fotografia de mulheres. Eu tava fotografando porque queria uma coisa colorida.

As mulheres que ele havia fotografado foram se reconhecendo em festas e acabam se juntando, se fortalecendo, já que no início era bem mais complicado, imagina mulheres fazendo ensaio de calcinha e sutiã?

Desde o início as mulheres nunca foram dirigidas, apesar das fotos parecerem. Ele nunca dirigiu as fotos, no início porque não tinha experiência e depois porque ele viu que não dirigir fazia parte do processo do autoconhecimento da mulher no ensaio, fazendo com que as mulheres estivessem no controle de tudo. “Eu sou tipo um *câmera* man, eu escolho os ângulos,

eu escolho a luz, mas quem decide o que vai ser feito na frente da câmera é a mulher. E isso no começo surgiu pela minha falta de direção, depois foi se tornando o ponto central da experiência.” O lance do tom mais sensual se deu por parte das mulheres, elas que vieram trazendo consigo essa necessidade, as roupas – *lingerie*, e pra ele era indiferente, ele só fotografava o que elas queriam.

Eu sempre conversei muito antes do ensaio e então sempre fui ouvindo as histórias mais loucas do mundo. Foi aí que eu conheci uma página chamada “Humans of NY”, no Facebook, e o cara, quando eu vi a primeira entrevista na qual ele participou, ele falou “eu sou um cara de 1,90m, se eu ficar falando pras pessoas o que fazer elas vão ficar assustadas. Então eu chego, converso com elas, e elas acabam se abrindo. A frase dele que mais me marcou foi assim: “eu não sou um ótimo fotógrafo, não tenho técnica nenhuma, mas sou muito bom em fazer as pessoas se abrirem”. Eu falei “é isso”. Aí, concomitante a isso, nessa época os movimentos feministas em POA começaram a crescer, a gente começou a enfrentar uma avalanche de críticas. Porque as meninas estavam querendo ficar mais sensuais nas fotos, não era eu que definia, eu não defino porra nenhuma, eu sou fotógrafo e não diretor.

Mas ao mesmo tempo, ele era fotógrafo homem e toda referência de objetificação da mulher é masculina. E a mulher também possui essas referências, então, quando as mulheres iam fazer o ensaio acabavam mostrando a bunda. Era objetificado, mas foi o que ela aprendeu. “Só que no momento em que as meninas tavam mais indignadas, a Débora sorrindo e comendo banana foi motivo pra perdermos a nossa conta por uma semana. Foi *trash*.”

Os primeiros ensaios foram de graça, porque ele nunca achou que pudesse viver da fotografia. Então as pessoas se convidavam, ele trocava ideia com elas e fotografava. A produção do ensaio inicialmente durava quase 8 horas com cada pessoa, e ele já não estava mais conseguindo trabalhar e viver o *hobbie*. Foi então que ele pensou “será que tem uma forma de capitalizar isso, cobrar das pessoas? [...] Minha ideia foi fazer um site e ganhar acesso com publicidade, pra pagar o aluguel pelo menos. E foi uma ideia frustrada, não deu certo. Aí pensei ‘vou cobrar um valor de custo, mínimo, por cada ensaio. Foram os 250 reais e as pessoas começaram a pagar”.

Sobre as postagens das fotos, eles perguntavam se a pessoa gostaria de postar e esse método continua até hoje, ninguém era obrigada a colocar sua foto exposta nas redes sociais. No início teve um movimento de libertação não só do trabalho deles como também do corpo das mulheres, “mas das meninas tirarem a roupa e falarem ‘meu, esse aqui é meu peito”’. Hoje eles vivem um pouco de repressão já que a conta deles no Instagram foi bloqueada em função do conteúdo; também, eles pensam muito pra não expor a pessoa com o nu mesmo que ela permita.

Nesse meio tempo, Renata acabou surgindo e *O Bendito Fruto* crescendo, ela acabou ficando com a parte dos atendimentos, da cobrança e de começar a trabalhar com as redes sociais.

No meio da entrevista, conversamos sobre várias coisas e Maiquel, para me explicar como tudo funcionava, me fez uma pergunta um tanto quanto estranha até aquele momento, e conseguiu me explicar a necessidade de toda aquela experiência.

Maiquel: coloca a língua pra fora. Tu consegue ver ela?

Rai: não.

Maiquel: a gente consegue. Entendeu a lógica? Nós não conseguimos biologicamente falando nos enxergarmos. Como predadores, olhamos pra frente e não tem um campo de visão adequado sobre o próprio corpo. Isso modifica até a forma como a gente entende a realidade, porque a realidade é aquilo que a gente sente a partir do corpo. Se tu ver o teu corpo de um ângulo diferente do que tu vê o corpo de outro ser vivo, significa que tu vai achar que tu é diferente. Aí tu somas isso aos excessos de cobrança que tu sofreu a vida toda por ser filha de militar. Todo o teu problema é centralizado no excesso de treta que tem na tua vida. (análise psicológica da Rai...).

Mas o que é *O Bendito Fruto* hoje? Maiquel me responde que é uma forma das pessoas se expressarem, inclusive ele. E Renata complementa que é uma ferramenta de comunicação. Comunicação e representatividade. As pessoas que escolhem se expor simplesmente escolhem se expor, elas aguentam todas as consequências disso.

O Bendito Fruto é um estúdio que faz retratos intimistas. Ponto. Porque assim: o intimista define bem o clima do que é o ensaio. Tanto na conversa quanto na execução do ensaio, é uma coisa íntima, é uma coisa fechada, é uma coisa que é profunda, mas é pra dentro. [...] porque todo mundo que a gente fotografa tem essa imersão em si, esse autoconhecimento, esse encontro.

Quanto às atualizações do mercado, para eles é não tentar se apegar tanto à parte técnica e tendência e trabalhar muito mais a necessidade do cliente. Quanto às tecnologias, é muito melhor ficar atento ao que está acontecendo e vendo as necessidades de determinada área e suprir ela do que tentar enlouquecidamente acompanhar todas as atualizações em tempo real.

[...] mas o ponto é: é muito mais fácil tu tentar entender o teu próprio negócio ao extremo e tu exaurir ele de tanto testar possibilidades do que tu observar uma tendência de mercado, tentar te adequar a ela, mudar todo teu fluxograma de trabalho, teu cronograma de datas, tudo pra entrar numa tendência de mercado, sabe? É suicida. Então hoje é auto nutritivo, o que a gente faz é observar.

Em relação aos objetivos e significados da proposta do ensaio, ele diz:

[...] a proposta do ensaio é que seja um momento de encontro consigo mesmo através da fotografia, uma certa terapia, talvez. [...] Que você se encontre consigo mesmo, que

você se entenda, principalmente se veja fisicamente e a partir daí comece a construir uma imagem mais realista de si. Geralmente a nossa autoestima está alienada à imagem que a gente vê de si e ao valor que a gente dá a si. Essa imagem se deturpa, se perde, se confunde, e aí o ensaio vem trazer de volta a realidade, vem fazer as pessoas pararem, respirarem, perceber que o stress delas não é delas, é gerado pelo exterior. O objetivo é basicamente esse, é promover um encontro das pessoas consigo mesmas (através da ferramenta de fotografia) pra que elas consigam... e hoje, muito mais do que a fotografia, é o que a gente conversa com as pessoas, é a comunicação. A fotografia sempre representou pouco, porque se tu olhar não tem nem técnica, e o significado, ele é individual. E pra cada pessoa ele é único, com certeza. É uma experiência vir aqui e se encarar.

O *Bendito Fruto* hoje tem sido para eles uma forma de se ver e ajudou mulheres em relação ao seu próprio corpo. A parte mais importante do processo desenvolvido pelo *O Bendito Fruto* que ajuda nas experiências das mulheres é a metodologia de como irá se desdobrar o ensaio. O processo da divulgação hoje é muito mais Instagram e boca a boca. Tanto a captação de clientes como os ensaios possuem metodologia, mas o principal para essa pesquisa é a metodologia dos ensaios.

[...] a gente dá bastante atenção no atendimento pra elas, ali no primeiro contato. E ainda assim não conseguimos atender tão rápido, tanta gente, conversamos bastante por WhatsApp e Instagram. [...] no dia do ensaio, onde a gente prioriza muito a conversa com ela de uma forma bem aberta e bem ampla pra que ela nem perceba que está sendo questionada sobre as coisas, e com o tempo ela começa a contar as origens, a razão pela qual ela decidiu fazer o ensaio, o que isso significa pra ela, quais foram os gatilhos... então a gente tenta nessa primeira conversa já trabalhar um pouquinho do processo [...] de compreender mesmo. Prá entender os gatilhos dela, porque a gente tem que sacar a pessoa pra entender o porquê dela estar aqui. Nem sempre a pessoa fala, a gente precisa compreender os sinais. [...] conseguindo conversar a gente parte pro ensaio em si. A gente começa a olhar as coisas que a pessoa trás, a gente sempre recomenda que ela traga coisas que ela goste, que ela se sinta bem, não impõe restrições no que a pessoa pode trazer, recomenda apenas que ela use entre 2 e 3 looks, pra ela ir trocando. Aí, a fotografia durante o ensaio é bem livre, mesmo. Eu falo as regras pra pessoa, ela entende as regras, e ela começa a andar pela casa, né. A regra mais importante é respirar. O ensaio é livre, a pessoa tem liberdade pra fazer o que ela quiser, na real. No começo ela trava, a gente convence a pessoa a continuar respirando, vai trabalhando e fotografando. Finalizou o ensaio, a gente mostra as fotos pra ela e ela é liberada pra ir pra casa porque a gente envia um *link* pra ela olhar depois as fotos e escolher em casa, com calma.

Teve muitas mudanças ao longo do processo. Mas essa é a metodologia que eles procuram utilizar nos ensaios atualmente. Renata, por exemplo, já não fica mais nos ensaio porque foi percebido que flui muito mais, assim como a pessoa se sente muito mais confortável quando está fotógrafo e fotografada. As posições, como foi falado anteriormente, a pessoa se movimenta do jeito que ela quiser. “Pode parecer uma pose baseado num olhar de uma foto no Instagram, porque é estático. Mas a ideia é justamente fugir das poses, porque as meninas não são modelos e não vem aqui buscar serem modelos, elas vem buscar serem elas.”

Com relação ao corpo, ele afirma que perceberam que “as mulheres que tem bunda grande, tem problemas com o peito, se ela tem peito grande ela tem problema com a bunda, isso tudo tem como base no que a sociedade cobra, nos padrões de beleza.” “A gente apela muito pra racionalidade”, afirma Maiquel. As pessoas precisam ter a noção da realidade, a ideia é não criar dependência a ponto da pessoa se ver bonita somente no ensaio. A fotografia trabalha com lentes muito próximas do ponto de vista do olho humano. Muitas vezes ele pede que a pessoa coloque o olho na câmera para que ela possa entender que a foto é exatamente o que outra pessoa irá ver da posição que ele está tirando a foto. Em relação ao ato de fotografar o corpo feminino e à concepção de se relacionar com as mulheres, eles afirmam:

Maiquel: sendo bem honesto, repercutiu na minha forma de viver, ver o mundo e existir e conviver, tudo. Fotografar outras pessoas foi a experiência mais enriquecedora que eu poderia ter feito na minha vida. [...] Porque eu consegui estabelecer conexões com outras pessoas.

Renata: bom, eu que sou mulher posso falar que tá mudando a cada mulher que passa aqui. É uma experiência... é bizarro, é único, tá ligado? Acho que a gente se descobre a cada pessoa, mesmo, que entra aqui. A cada coisa que pessoa descobre em si a gente acaba se questionando e descobrindo na gente, se questionando.

Renata, que é mulher, percebe as experiências das mulheres no ensaio como sendo gratificantes pelo fato de serem a ferramenta para que elas se vejam e se sintam. “Cada mulher está enfrentando algo específico, e é nesse momento que falamos de pluralidade, se percebe a transformação de cada um o tempo todo.”

No início, *O Bendito Fruto* teve um grande impacto por não ter nada parecido na época e, por consequência, estar existindo movimentos sobre o corpo, de mulheres, etc. Por isso teve uma boa visibilização, as pessoas gostavam do que viam mesmo não entendendo o que viam. Sabiam que era uma coisa simples. Conforme as mudanças na sociedade foram acontecendo, a visão que as pessoas tinham mudou.

E a gente teve logo depois do início, quando a Renata entrou, teve uma fase crítica em que as pessoas viam como algo ruim. E a gente começou a enfrentar preconceito. [...] então a gente acabou entendendo, nessa hostilidade que gerou num segundo momento, que a gente precisava fazer com que as pessoas entendessem o que era, ou pelo menos tentar, né. A gente não tinha experiência nisso, podíamos pelo menos tentar fazer com que as pessoas entendessem o que era pra que daí sim elas pudessem escolher, gostar ou não.

Dessa forma aprendeu a usar as palavras, a significar as coisas. Como, usar ensaio intimista, não ensaio sensual,

[...] a gente aprendeu que algumas fotos não poderiam ser postadas, não porque a gente acha ruim ou porque não foi a gente que dirigiu, mas porque se eu postar uma foto de uma mina numa cozinha aquilo lá é, mesmo que ela que quis tirar foto na cozinha, vai ser objetificação e as pessoas vão cair de pau em cima da gente, entendeu? A gente foi aprendendo.

*O Bendito Fruto* por um tempo colocou no seu Instagram conteúdos relacionados ao corpo, à mulher, ao comportamento, à alimentação, aos padrões de beleza, à sexualidade... Porém tiveram que parar, pois não estavam conseguindo dar conta de tudo já que só são os dois para atender as demandas. Mas um dos planos é voltar a falar mais sobre alguns conteúdos, fazerem as pessoas se questionarem.

Por fim, *O Bendito Fruto* foi finalizado em setembro de 2018, por motivos financeiros, como Maiquel explica:

[...] a primeira vez que a gente cobrou, foram 150 reais. Aí a gente ficava 6 horas com a pessoa por 150 reais. Mano, fotografia. Isso aqui custa muito caro. Eu só uso *full frame*, uso equipamento bom, a gente alugou um apartamento gigante pra melhorar as fotos das pessoas... o sofá vermelho custou 1200 reais, cara. A gente sempre teve que ir atrás de um ambiente grande, confortável, iluminado. A gente pagava aluguel pra pessoa não ter que se preocupar com locação. Hoje mesmo a gente gasta 2500 reais por mês com aluguel e condomínio. Eu tenho que fazer 10 ensaios! E aí tem todos os custos extras. Então, a gente hoje não lucra com o Bendito. É por isso que ele tá acabando, porque ele só se paga. A gente tentou fazer com que ele fosse lucrativo, mesmo. Porque a nossa ideia era manter ele por mais tempo, porque a gente ama.

Quanto aos furtos colhidos, Renata reflete que:

Os frutos foram o amadurecimento da gente como ser humano, como profissionais, a minha carreira. Eu aprendi a ser mulher através do Bendito Fruto, através de outras mulheres. Eu achei muito da minha identidade através desse conhecimento de outras mulheres. Eu percebi uma identificação, eu descobri um amor, que é a fotografia, que é a comunicação, que é a rede social, porque eu amo trabalhar com rede social.

Recuperadas as concepções dos produtores sobre a proposta e os processos de ensaio de *O Bendito Fruto* passo, nos itens seguintes, a descrever o que revelam os relatos das mulheres entrevistadas que realizaram ensaios com *O Bendito Fruto*.

## 5.2 Lea: participante da pesquisa

Lea tem 53 anos, é solteira e não possui filhos. É publicitária, reside em Porto Alegre, mora sozinha. Ninguém está preparada para responder perguntas acerca de gênero, e essa foi a primeira coisa que percebi e questionei em pensamento logo depois de entrevistar Lea. Será que eu saberia dizer por que me considero do gênero feminino? Foi isso que aconteceu quando fiz perguntas sobre isso para Lea. A reação dela à primeira pergunta foi *“por que eu me identifico como mulher né, que coisa esquisita”*.

Isso vem de uma educação na qual os homens têm mais privilégios que as mulheres. Lea conta que nas rodas de amigas, quando se toca no assunto de diferenças e igualdades de gênero, algumas falam *“se eu tivesse nascido homem eu seria melhor, eu ia ter mais privilégio, eu não tinha que precisar de tal coisa”*. Ela diz que adora fazer as unhas, adora moda e se fosse homem teria algum receio, porque hoje a moda masculina sofre alguns preconceitos, o que a torna mais limitada. O que mais destaque de nossa conversa é seu relato sobre duas características que pra ela representam o que é ser feminina:

[...] eu gosto dessa coisa da sensibilidade, porque eu não gosto de dizer “homem é assim, mulher é assim”. Eu acho isso bem chato. Mas tem, diferenças existem, fisicamente temos hormônios diferentes, então eu acho que a mulher tem um pouco mais sensível e percebe melhor as coisas, eu acho que a mulher tem uma sutileza assim, parece que o subjetivo é mais compreensível pra mulher do que para o homem, e eu sou uma pessoa assim que eu amo poesia, então para gostar tem que ter essa coisa da delicadeza e da sutileza e do subjetivo. Então, eu acho que a forma como eu encaro, eu sou muito intensa e eu gosto da minha intensidade eu acho que os homens não são tão intensos assim, nem todas mulheres são intensas assim. Eu gosto de ser mulher, eu curto pelo jeito que eu sou, sou feliz com a minha condição como mulher.

Ainda com relação ao gênero, Lea – além de uma sensibilidade nos gestos e nas atitudes – reconhece que possui um comportamento sexual quase masculino e que gosta muito disso. Ela percebe que esse fato restringe muito sua relação com os homens muitos acham isso estranho. Lea, porém, não tem vontade de mudar.

[...] uma coisa engraçada, porque eu sou uma mulher de tomar atitudes, eu dou em cima, e muitos caras já me disseram “nossa, tu tens atitudes muito masculinas assim”. Eu sou muito, eu digo que sexualmente também, eu sou uma pessoa que se eu quero isso eu quero, se eu não quero eu não quero, eu falo.

Ela complementa, ainda a respeito disso:

[...] eu trabalho, eu tenho meu dinheiro, eu tenho a minha vida, eu me banco. Não acho que isso seja de homem, mas algumas pessoas acham que tem que ser ele, entendeu? Eu fui casada por 7 anos, a gente dividia todas as contas, o apartamento é meu, ele morava aqui, a gente dividia todas as contas, nunca teve “o homem que faz

isso, eu sou a mulher, eu faço isso”. Não, a gente trabalhava igual, dois publicitários trabalhando igual, no mesmo pique, ganhando a mesma coisa. Eu ganhava um pouco mais que ele, porque ele era mais jovem, eu gosto de homens mais jovens. Mesmo assim, entende, então acho que nesse lado eu não sou mulherzinha, sabe, eu não sei ser mulherzinha. “Ah, meu bem, a luz queimou. Tu troca pra mim? Ah, o carro estragou, vem me buscar?” Não, eu vou lá e troco a luz, eu ligo pro seguro, meu carro estragou, eu resolvo. Então sim, eu sou feminina para algumas coisas e para outras as pessoas dizem que é um comportamento mais masculino.

Filha de mãe professora de matemática e pai economista, Lea se diz uma pessoa privilegiada, pois sua família sempre teve uma cabeça muito aberta. Seus pais sempre foram flexíveis, dando muita liberdade para que ela fizesse suas escolhas, buscando colocar as coisas de uma forma que a fizesse entender o que era bom e o que não era, mas sempre dando a ela a liberdade de escolher. Neste sentido, ela relata: “Quando a gente ia para a praia no final de semana, meninos e meninas, não tinha 18 anos ainda, ia de ônibus que ainda não tinha carro, e eu tinha muitas amigas que tinham que mentir que estavam indo para a casa de alguém, não sei o que. Eu nunca precisei mentir”.

Diferente das duas irmãs, Lea não quis casar. Tem tatuagem e *piercing*, e relata que nunca houve qualquer tipo de proibição da parte dos seus pais. Sua educação foi rica e sem preconceitos. Ainda na sua adolescência, lembra das comparações entre as amigas em relação ao corpo, usando como exemplo sua menstruação, que foi mais tardia que a das colegas. Ela diz que se sentia um ET por não menstruar e que comparou seu corpo e suas imperfeições com suas amigas na adolescência. Em seu ambiente familiar, seus pais trabalhavam da mesma forma e, segundo ela, não havia diferença na prática pelas diferenças entre homem e mulher. Cada um com seu dinheiro, o pai e a mãe viviam em igualdade. Lea não aprendeu que homem faz isso e mulher faz aquilo. “*Eles me ensinaram que podemos fazer qualquer coisa, desde que respeite o limite dos outros*”. Suas duas referências na família são a mãe e a avó. Sua avó, aliás, foi a primeira mulher a trabalhar na viação férrea de Canela, sempre firme e determinada em seus ideais. Sua mãe fez faculdade em vez de seguir os caminhos normais de uma época onde se considerava errado que uma mulher estudasse. São história de mulheres firmes, que não se deixaram subjugar pelos maridos.

Em seu relato, Lea conta que as mídias a influenciaram muito. Seu olhar foi todo voltado para a estética, uma vez que trabalhava como produtora de elenco e foi obrigada a desenvolver um olhar crítico para “defeitos” de estética corporal nas seleções de atores. Lea diz que não podia colocar uma gorda na TV, por exemplo, e não conseguia ver um comercial que tivesse uma mulher acima do peso usando *lingerie*. Ela simplesmente não conseguia aceitar, porque

aquela opinião era fruto da sua própria construção, da sociedade em que vivia e do seu trabalho. Ela conta que se sentia um horror diante das mulheres maravilhosas que trabalhavam com ela.

Lea relata que tinha pânico de foto e, por isso, resolveu fazer um ensaio sensual pela primeira vez. Ela não possui sequer um histórico fotográfico familiar, justamente porque se sentia horrorosa em qualquer fotografia. Tinha como padrão de mulher, em sua época, a atriz Kate Moss. Hoje, Lea faz regime para ganhar mais peso de tão magra que é, tudo em função de um padrão estético no qual se espelhou cegamente. Ela afirma que sua profissão também auxiliou nesse processo, e que já se sentiu mal por estar fora do padrão não só em relação a pessoas famosas, mas a pessoas do seu dia a dia.

Uma amiga na minha época, ela foi minha amiga por muitos anos, desde o colégio até uns 28 anos, ela era muito bonita e eu me sentia muito patinho feio. Quando meu pai morreu, há muitos anos, a gente teve uma discussão em função disso. Eu entendi que ela me fazia mal, porque reforçava o lado de eu me sentir o patinho feio, ao lado dela que era mulher linda e desejada. E que quando a gente saía e os homens olhavam para ela, ela fazia questão disso; então, assim, só me interessava um cara quando eu via que ela tava saindo com o cara, então eu me sentia diminuída.

Lea conta que já foi atacada na rua. Estava caminhando, indo encontrar o namorado, usava mini saia, bota e meia, quando um homem a atacou e derrubou no chão. Ela lembra que haviam pessoas por perto e que todos ficaram olhando sem fazer nada, enquanto ela não tinha força nem para se mexer, quiçá para sair da situação. Recorda que o abusador era morador de rua, que tinha um cheiro horrível e falou coisas horríveis para ela. No fim, um desconhecido chegou para socorrê-la e a ajudou a sair da situação. Lea contou sobre o episódio para sua família, que ficou desesperada.

[...] meu pai foi falar com um amigo dele, que era Delegado de Polícia. Aí tu vê o machismo, né. Ele disse pro meu pai: “se fosse minha filha eu não faria nada. Ela vai ficar exposta, outros vão dizer ‘também quero essa gostosa’”. Eu não consegui entender aquilo, que não podia fazer nada. Eu me lembro dele e minha mãe conversarem, eu estava junto, toda machucada [...] ele falou assim: “minha filha, não vai adiantar”. É uma pena, porque ele fez com outras três meninas, estupradas no mesmo lugar que eu fui atacada.

Lea estudou no Colégio Anchieta até a 5ª série, onde usava uniforme e seguia uma rotina mais rígida. Depois, estudou na Aplicação, uma escola que tinha um formato totalmente diferente, mais livre onde não havia uniforme. No colégio, tinha insegurança em relação às mulheres bonitas da turma e a todo o padrão de beleza que se seguia.

Tenho amigos meus que dizem que homem não gosta de osso. “Tu tem que ter um pouco de gordura”. Eu sempre respondo “o meu corpo não é para os homens, eu tenho que gostar do meu corpo, entendeu?”. Mas eu não gosto. Coloquei o peito de silicone e preciso colocar a bunda de silicone.

Para ela, uma mulher modelo é alguém bem resolvida profissional, emocional e financeiramente. Uma mulher que encontre seu equilíbrio, que seja bem resolvida consigo mesma, que possa ter uma boa autoestima. Uma mulher que esteja acompanhando o que está acontecendo nas redes sociais, preocupada com o outro, com muita empatia. Interessada pelo social, saúde, educação.

Sobre os ensaios, Lea conta que O Bendito Fruto não foi o seu primeiro: já havia feito outros oito anteriormente. O contato com O Bendito Fruto se deu através da indicação de um amigo, em um dia em que acordou e resolveu fazer um ensaio sensual. Ela conta que ligou para Maiquel, que realizou o ensaio no mesmo dia da ligação. Nessa época, O Bendito Fruto estava começando a encontrar sua orientação metodológica enquanto ensaio intimista. O processo de ensaio, segundo ela, foi fácil e simples.

Lea afirma que seu primeiro ensaio sensual serviu para quebrar a fobia de fotos. “Quando eu vi as fotos do primeiro ensaio, eu disse: ‘meu Deus, eu não acredito’. Eu olhava as fotos e não parecia eu, porque eu gostei. Eu não queria ver as fotos, quando ele me mandou eu levei um tempão para abrir as fotos e olhar porque eu tinha medo.”

Para Lea, a única preocupação na hora das fotos é saber se estará inspirada consigo mesma, para trazer à tona algum sentimento que possa passar para as imagens, já que ela gosta de fotos conceituais. A ideia de Lea nunca foi fazer fotos que realcem a sensualidade. Ela conta que a experiência causou uma mudança radical:

Eu me olhar... eu demorei muito tempo para postar a primeira foto, e aí postei a primeira foto meio assim, meio cortada. Foi complicado, mas mudou muito, assim, porque hoje eu não tenho mais esse problema de me expor, entende? Ah, tem gente que diz que eu sou magra demais, e essa gente vai ver as fotos e diz “meu Deus, ela deve estar doente, estar com AIDS, eu não sei o que”.

As significações em relação ao seu corpo oriundas do processo foram, de alguma forma, afetadas, conforme vemos em seu relato. Lea diz que nunca achou seu corpo bonito, mas ao postar a primeira foto do ensaio viu pessoas elogiando o seu corpo exatamente como estava nas fotos.

Tipo, alguém diz. ‘Não pode ser, uma mulher 53 anos, não é verdade.’ Então, teve uma coisa assim de eu gostar um pouco mais do meu corpo, de me curtir um pouco mais em termos de corpo, porque mal ou bem, as pessoas falam e quando começam a falar tu começa a sentir.

Ela manifesta preocupação com o envelhecimento, diz que é um processo bem sofrido e que as fotos ajudam no entendimento do corpo, da beleza pessoal. Conseguir olhar para o próprio envelhecer e ouvir pessoas dizendo coisas do tipo “*bah, que bacana, nem parece é uma mulher que tem 53 anos*” de certa forma ajuda a repensar a ideia de corpo.

Depois de vários ensaios, Lea diz que vê menos problemas com seu corpo do que antes. Apesar disso, segue sem gostar de sua bunda. Em relação a repensar seu corpo, refletiu sobre como expô-lo, muito porque as críticas pelas fotos sempre chegam.

Tem muita gente, por exemplo a minha mãe, que diz que eu sou muito corajosa. Porque minha mãe é uma pessoa que tem a cabeça aberta e tudo, mas minha mãe não anda nua dentro de casa. Eu ando nua por toda a casa. Meu ex-marido fechava as cortinas e eu ficava “*ai, que diferença vai fazer?*”. E eu tenho, o meu primeiro ensaio, eu imprimi fotos e botei na parede do meu quarto. Eu lembro que minha mãe veio aqui e disse “*Lea, se precisa vir o homem do ar-condicionado, o encanador*” e eu dizia “*fazer o que? eu não tenho vergonha dessas fotos minhas nua na parede*”. Já veio o homem da *Net* várias vezes, fazer o que, né? Eu acho que nisso ajudou muito, talvez há alguns anos atrás eu não faria isso.

Em relação à narrativa para postar, Lea diz que procurou ser bem crítica consigo mesma. Pensou muito sobre o que as pessoas iriam dizer, como reagiriam às fotos, o que iriam pensar, como iam enxergar o que ela escrevesse. Ela diz que, ao encarar os pensamentos de uma sociedade, temos muitas dúvidas, principalmente em se tratando de mídias sociais, onde se veicula e dissemina conteúdo com muita agilidade. Ela acredita que toda vez que verbalizamos alguma coisa, tanto na fala quanto na escrita, encaramos melhor as situações.

Sobre as fotos produzidas por O Bendito Fruto, Lea conta que teve um sentimento totalmente diferente de suas outras experiências. Isso porque, na época em que ela fez o ensaio, as fotos eram bem mais sensuais. Quando viu as fotos, Lea achou muito diferente de tudo. Ela conta que precisou se distanciar, voltar e olhar novamente para o trabalho para poder se entender e se compreender naquele momento. Relata que foi bem difícil postar em seu perfil no Instagram, pois seus pensamentos afirmavam que aquilo “*não pegava bem*”. “*Acabei postando algumas fotos sensuais e vou te dizer: são as fotos que as pessoas curtem, porque infelizmente a gente tem uma coisa machista, né. Daí tu vê que tem muito mais curtidas de homens nas fotos que são mais sensuais...*”. As fotos, conta, causaram tanto resultados positivos como negativos. Houveram homens que mandaram mensagens bastante apelativas, mas também tiveram mulheres que mandaram mensagens interessantes, conselhos, incentivos.

[...] os comentários foram super bacanas, as mulheres dizendo assim: “bah, que mulher bacana, que foda, quando eu chegar na tua idade quero ser que nem tu”. Muito comentário assim, então foi bacana, até de inspiração, assim. Muita menina comentando, mulher da minha idade não. Eu não sei, eu acho que eu sou mais ou menos uma exceção.

Em relação ao modo como as fotos impactaram a maneira de ser ver em relação ao seu corpo, ela comenta:

[...] acho que essa história, assim, de tirar um pouco de mim aquilo que vinha da publicidade, né. Do padrão de beleza, e compreender melhor o que eu só tinha na teoria, que não existe padrão de beleza né, existe a beleza de cada um. Teoricamente eu sabia, mas eu acho que na prática era difícil enxergar isso e eu acho que na verdade eu passei a enxergar melhor isso.

Ela também expressa que a experiência com O Bendito Fruto, não foi tanto uma experiência de modificação da relação com seu corpo, mas com a sua sensualidade. A última pergunta da entrevista era para averiguar se ela faria um ensaio sensual novamente. Lea respondeu: “Faria, com certeza. Faria porque assim, pra mim fez parte da minha terapia, fez parte de um processo terapêutico. Ajudou muito, claro que eu ainda tenho muita coisa pra melhorar em termos de autoestima, mas caminhei bastante.”

### **5.3 Letícia: participante da pesquisa**

Com 23 anos, Letícia está no 6º semestre de psicologia na FADERGS, trabalha como operadora de caixa em uma hamburgueria. Nasceu e mora em Viamão.

Ela se identifica com o feminino, é como ela se reconhece desde que nasceu, diz. Nunca teve curiosidade nem desejo de mudar de gênero. Ela conta que teve uma fase da vida – aos 12 anos, que só se vestia como guri praticamente “[...] isso foi meio que quase um autoconhecimento, mas fora isso nunca”. Quando perguntei a ela o que era ser mulher, ficou surpresa e bem pensativa depois respondeu:

[...] a primeira coisa que vem na minha cabeça é ser uma pessoa batalhadora, tu tem que lutar pelo que tu quer sabe, porque querendo ou não pra gente cada dia é uma luta para nós né, independente do que aconteça a gente tem tudo, mas cada momento tipo, por exemplo no momento tu tá me entrevistando mas eu posso sair ali na esquina e ser abusada ou qualquer coisa pelo simples fato de eu ser mulher. Querendo ou não é uma coisa que a gente vive de lutas e ao mesmo tempo de medo né.

Ela se acha feminina, mas acredita que cada uma é feminina do seu jeito, “o meu feminino pode não ser o mesmo que pra ti” e concorda comigo quando falamos que não há

problemas em não ser feminina, pois continuamos mulheres. Sobre a concepção dela, ser feminina é “usar qualquer coisa que me dá vontade, abrir a porta do meu roupeiro e tipo, tô a fim de usar camiseta, calça e tênis, mas amanhã eu posso usar saia e regata e salto e vou continuar sendo mulher de qualquer forma”.

Quase sem muito que pensar, ela me diz que o que difere homens e mulheres é que homens tem muito mais prevalência do que mulheres, muito mais poder perante a sociedade do que as mulheres.

Quando perguntei como ela se vê em relação ao seu corpo, ela riu e me olhou como quem disse, acho que as perguntas estão ficando mais difíceis. Mas me respondeu que depois do ensaio, ela teve muita mais aceitação corporal, antes não se aceitava de forma nenhuma.

Eu me olhava no espelho, eu não gostava do que via, pra mim eu tinha que seguir aquele padrão de beleza, que é a mulher vestindo 36 e ser linda maravilhosa, sabe, mas não tipo eu visto 44 e eu acho, não eu sou mulher e eu não tenho corpo perfeito. Só que o momento que eu fiz as fotos, eu conheci uma pessoa que eu não sabia que existia ali, que até eu recebi todo apoio do Maiquel, que ele me incentivou bastante no momento do ensaio – ‘não, vamos tirar as fotos, tu vai ver uma mulher que tu vai te olhar no espelho’, mas as pessoas que estão olhando ao teu redor tem uma visão totalmente diferente de ti. E quando ele tirava as fotos, ele me mostrava e eu ficava ‘bah, não é eu, não é eu’ e quando eu vi o trabalho todo pronto que ele me mandou assim, meu Deus foi a melhor coisa da minha vida foi tirar as fotos.

Na infância, ela diz que aprendeu que mulher tinha que nascer, crescer, se reproduzir, casar e morrer. Só que, com o tempo, foi modificando essa concepção assim como a mãe dela mudou o pensamento. Diz que aquela frase que veio com nosso histórico como mulher “a tu sabe cozinhar, dá pra casar” é o clichê máximo de uma sociedade patriarcal. Já foi casada, “meu primeiro amor, meu príncipe encantado” e não foi o melhor relacionamento pelo fato de sofrer violência doméstica durante um ano e meio, ela tinha 16 anos quando aconteceu. “Aquilo foi um murro na cara que fez eu acordar pra vida toda”. Hoje ela pensa mil vezes com quem vai se relacionar, pensa muito no que vai fazer em função desse fato. Segundo ela “praticamente eu meti os pés pelas mãos”. Ela acredita que foi um baita aprendizado depois desse fato.

A mãe dela sempre ensinou que o corpo era dela e que precisava preservar ele, “tua virgindade tu vai perder só quando for maior de idade, por causa que tu é uma menina; depois da tua menstruação tu vira mulher...”. Em sua adolescência, ela odiava seu corpo, teve várias fases, mas a pior foi quando ficou muito magra, que seus ossos apareciam. Não sabe o que houve nessa fase que chegou a esse ponto e sentia que todos olhavam “torto” para ela, diz que ninguém queria falar com ela, achavam que ela tinha alguma doença, anorexia, AIDS e aquilo a prejudicou muito psicologicamente. “Ah se eu sou magra assim então se eu engordar vão achar melhor, aí eu engordei horrores e também fui julgada”. Então sua adolescência de

qualquer maneira foi terrível, pois sofreu *bullying*, era considerada no grupo das amigas o “patinho feio”.

Ela conta que as mídias, em sua adolescência, influenciaram de certa maneira, ela gostava muito de assistir Bom Dia & Cia, e queria muito ser a apresentadora Jaqueline quando crescesse. “Não vou comer porque quero ser magra, eu botei na cabeça que queria ser loira, dizia pra minha mãe que queria comprar lente porque queria ter olho azul, porque daquele jeito que eu era não ia ser bonita [...] dizia que comia mas não comia, vivia de água”. Para ela outro tipo de programa que influenciava muito os padrões de beleza era novela, como exemplo Malhação, meninas no ensino médio lindas, ricas, poderosas, namorando o cara mais bonito e popular do colégio, com o celular de última geração, com as roupas da última moda. Ela botava na cabeça que queria ser aquilo e fazia de tudo, mas infelizmente não conseguia.

Não teve restrições quando ao que era de homem ou mulher, ela foi criada só pela mãe e tinha três irmãos, então fazia o que gostava, se estava a fim de jogar futebol jogava, se queria brincar de boneca brincava. Na parte da casa todo mundo ajudava nas tarefas domésticas. A referência dela como mulher em sua família sempre foi a mãe,

[...] minha mãe sempre foi batalhadora, sempre fez de tudo por nós, pelos filhos, até pela história de vida dela, que ela passou fome, passou trabalho, ela sofreu violência doméstica, minha mãe quase morreu por causa de um cara, que não era o pai dela, então teve toda uma trajetória, então ela sempre deixou ciente, ‘tudo que eu passei, eu não quero que meus filhos passem, mas se tu passar, levanta a cabeça e segue a vida, porque a vida não vai parar para aquele momento’, não vai ser por causa de pedras no caminho que tu não vai seguir teu caminho, tua trajetória, então tira elas do meio do caminho e segue a vida.

Como todo jovem, independente de mulher ou homem, ela diz que tinha aspirações para futuro, quando tivesse 18 anos, estaria morando sozinha, ia ter carro, estar na faculdade, ser aquela “linda bonitona de salto”.

Quando perguntei se havia sofrido algum tipo de violência como mulher, ela me respondeu “é mais fácil perguntar quem nunca sofreu né”. Ela me relatou que quando sofreu violência doméstica pela primeira vez foi por nada, pelo ex-marido.

Eu trabalhava em uma padaria, por que eu mudei de cidade para casar com ele, eu morei em Parobé durante dois anos, e eu trabalhava em uma padaria no centro, eu tinha 17 anos e ele tinha 20, aí naquele dia eu saía à noite, aí eu disse ‘tu vem e me busca’ por causa que é de noite, tenho medo e ele disse ‘beleza’. Eu saí da padaria. era 10 horas da noite, ele chegou na padaria era meia noite, bêbado, mas padre de bêbado, aí eu sei que a gente foi indo embora e ele mudou o caminho e quando ele mudou o caminho eu senti, tem aquele negócio que tipo, ‘vai dar merda’, aí eu sei que ele tava indo na minha frente e ele dobrou em uma esquina, quando ele dobrou na esquina eu fui dobrar junto, eu só lembro que eu caí no chão aí quando eu caí no chão ele me deu um soco no estômago e me faltou ar, me deu aquela agonia de ‘cadê o ar’

e comecei a chorar e eu perguntava ‘porque tu fez isso comigo’ e ele não me falava nada, ele só dizia ‘vem vamos pra casa’, e eu chorando desesperada e indo, e do nada a gente passou no meio do matagal, quando a gente passou pelo meio eu só olhei assim ‘é agora que eu vou morrer’, e tipo tinha um cara mais adiante lavando o carro e a primeira coisa que eu pensei eu vou gritar pro cara e aí ele só parou e me disse assim ‘se tu gritar, amanhã eu pego o primeiro ônibus e vou lá e mato tua mãe’, então tipo aquilo ali me deu um desespero interno terrível, eu continuei seguindo, aí quando a gente chegou no meio do mato ele só me empurrou e começou a me chutar e bater várias vezes, ele fez de tudo e eu não conseguia chorar porque eu tava em pânico, eu não conseguia reagir, aí simplesmente ele saiu de cima de mim, eu peguei a minha bolsa e fui indo pra casa. Eu cheguei em casa, tomei banho, me deitei e ele veio, e eu disse ‘só não me toca’, aí eu dormi. No outro dia eu acordei tinha café na cama tinha flores e dizia que nunca mais ia fazer aquilo ali e eu acreditei.

Ela conta que isso aconteceu por um ano e meio. Ela só não saiu porque o medo dele matar a mãe dela era muito maior. Quando ela apanhou nessa primeira vez, ficou quase dois meses sem sair de casa pelo estado que ficou fisicamente. Ela conta que perdeu o emprego porque todos os ferimentos eram muito marcantes e visíveis. Ela começou a apanhar porque não queria ter relação sexual com ele, não queria fazer janta ou sair com os amigos dele. Esse tipo de violência foi visto pelos amigos e pela família do homem, mas nada foi feito, todos ficaram calados. Ela ficou todo esse tempo sem falar com sua mãe. Ela se libertou dessa situação com a ajuda de um amigo de Porto Alegre. Ela fez o boletim de ocorrência, mas diz que “infelizmente não acontece nada”. Na questão de se sentir desvalorizada, foi justamente na fase em que era casada, onde o ex-marido tentava atingir ela psicologicamente, falando do seu corpo, inferiorizando-a.

Na sua época de escola, a única coisa que ela ressalta sobre algumas orientações específicas é na educação física ou em atividades ao livre, onde menina só podia jogar vôlei, pular corda, brincar de bambolê, não podia jogar futebol ou pega-pega com os guris, isso ia em direção contrária ao que ela aprendeu em casa.

Outra situação que ocorreu com ela foi quando ela bateu em um colega e a professora falou que aquilo não era coisa de menina, que menina precisava ser delicada, isso era atitude de menino. Em sua fase de ensino médio, os padrões de beleza já colocavam pressões sobre seu corpo, tanto que suas amigas andavam mais arrumadas e ela era cobrada em função disso. Ela lembra que as amigas a deixavam de lado, a chamavam de desleixada e falavam que daquele jeito nenhum menino iria ficar com ela.

Em relação tanto aos estereótipos, eles estão presentes, também, nas suas relações de trabalho:

[...] me caracterizam como ‘menina macho’, aí eu não tô nem aí se é pesado, se tem que fazer força eu vou e faço sabe, então todo mundo tipo diz que eu sou muito ‘machinho’ por causa disso, na questão de trabalho físico, tipo carregar caixa, mas todo mundo fala, ‘tu és a única mulher que faz isso’, ‘porque eu tenho capacidade e duas mãos pra isso’, mas as mulheres dizem, ‘tem uns homens para fazer isso’, ‘mas eu to sem fazer nada não me custa fazer isso, não vai cair minha mão se eu fizer’ [...] a eu sou a única das gurias que tem unha comprida, então elas dizem ‘a tu não faz nada, tu só fica em casa, tu não sabe lavar uma louça, tu não limpa uma casa, cara não é por causa que eu tenho unha comprida que eu não sei fazer essas coisas sabe, então, tipo eu sou obrigada a usar maquiagem no serviço porque eu trabalho com público, mas tem dias que eu chego de cara lavada, às vezes tem dias que eu só passo um rímel e deu, tem dias que tu tá a fim de te maquiar e tem dias que tu não tá a fim, tu não é obrigada. Às vezes eu posso estar nos meus piores dias, mas no momento que eu entro no meu serviço e deixo para o lado de fora, porque isso não tem nada ver com os meus problemas, meu cliente tá ali, querendo ou não ele que paga o meu salário e ele não é obrigado a ter um mau atendimento.

Para ela, o trabalho de operadora de caixa é considerado feminino porque as pessoas dizem que mulher consegue fazer mais coisas que os homens ao mesmo tempo, infelizmente têm áreas que ainda são estereotipadas, que precisam da desconstrução. Quando se trata de fazer força em seu trabalho, ela ajuda como havia falado, mas isso é considerado como masculino simplesmente pelo fato de estar fazendo força, porque mulher “só toca nos botões”, mulher não tem capacidade de fazer força, por que mulher “é o sexo frágil”, “eu sou julgada pela força que eu faço”.

Quanto ao tratamento do homem para com as mulheres e vice-versa, ela vê como totalmente diferentes,

[...] tu mulher, chega em um homem, conversa com delicadeza, tu conversa com educação, se um homem te responder com educação tu vai pensar que ele tem educação, mas agora normalmente quando um homem chega numa mulher e conversa com educação e ela responde com educação o homem entende que ela tá a fim dele, infelizmente é assim. Tu vai em festa, homem te vê com um pedaço de carne, meio que acaba rolando uma competição pra ver quem pega quem.

No seu trabalho, é exigido que se tenha mais cuidado com o cliente no atendimento e, segundo ela, muitos acham que ela está dando em cima deles, e ela acaba ficando sem jeito, “quantas vezes tu tá ali atendendo e o cara diz, me passa o teu número, mas falar não é uma falta de educação, afinal fomos criadas a ter que agradar os homens”. Ao mesmo tempo, ela diz que em seu trabalho tem auxílio da sua supervisora, que procura empoderar as mulheres, já que esse tipo assédio moral acontece muito com elas. Outras situações com relação ao trabalho já aconteceram, como o cliente solicitar atendimento masculino dizendo que a mulher não tem capacidade de entender as coisas, ou de homens chegarem bêbados da festa e abusar verbalmente da caixa operadora, e o problema de tudo isso “é que temos que aceitar, não

deveríamos”; mas, como ela, diz “o cliente sempre tem a porcaria da razão”. Outros tipos de regulamentações que ela sofre em seu ambiente de trabalho são relativas à questão do uniforme, que é muito justo e acaba moldando o corpo.

Perguntadas se teve ou tem mulheres modelos, ela diz não possui, acha que não deve ser importar com o que os outros pensam ou acham e se manter saudável.

A respeito do ensaio, ela conheceu o Bendito Fruto na internet, pelo Instagram. O ensaio só foi feito a partir do término de um relacionamento, pois tudo que ela não havia se permitido fazer em função das restrições do namorado, começou a se permitir, isso aconteceu em janeiro de 2018. O processo do ensaio começou através da segurança, era necessário criar esse laço e foi através de um breve resumo da história da vida dela que tudo começou. “[...] eu falei que eu não gostava de mim, que eu não me achava bonita, que eu não gostava do meu corpo, eu dizia que meu corpo era horrível, eles foram passando a confiança através das conversas, tu se sente relaxada e mais calma.”

Na produção das fotos quem participa do ensaio é somente o fotógrafo e a fotografada. Nesse processo de caminhada, tudo começa pela escolha de *lingerie*, da *playlist* de música. O processo durou aproximadamente três horas, e é um tempo que passa rápido e não se vê. Ela conta que as fotos são feitas em todos os cômodos do apartamento, nesse processo tu vai se movimentando,

[...] só que é um negócio que tu vai indo e vai vendo as fotos e tu não acredita naquelas fotos que é tu realmente e quando terminou a sessão ele só deixou eu ver uma prévia das fotos tiradas, não me mostrou tudo, eu olhei tipo assim ó, foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, foi as fotos e quando tu recebe o *link* de todas as tuas fotos, é uma coisa mágica, o problema de tudo ainda é tu escolher as fotos que tu quer editadas.

Os dois momentos mais marcantes do ensaio para ela foram quando tirou o sutiã, tirou porque quis e não porque foi solicitado, se sentia confortável e “porque naquele momento eu consegui me revelar e não é assim não, é um negócio que tu faz qualquer hora, em qualquer momento na frente de uma pessoa da qual tu nunca viu na vida”, e o segundo momento mais importante foi a conversa inicial, quando eles passaram confiança, “querendo ou não a confiança é a base de tudo né”.

Para ela o ensaio mudou a forma como se percebe, ela se olha mais, gosta mais do que ela é atualmente, diz que não tem mais vergonha do corpo dela, que se olha no espelho hoje de calcinha e sutiã. Quando o link das fotos chegou, ela conta que a primeira reação dela foi “meu Deus, que mulherão da porra é essa daqui, senhor”, ela não acreditava no que via, e até hoje olha suas fotos e pensa “cara não é eu, não pode ser eu”.

[...] tipo, eu olhei a primeira foto, que é a primeira foto do meu Instagram que eu tô na frente do espelho, que eu olhei e falei ‘essa foto é minha’, e quando eu olhei aquela primeira foto e pensei ‘cara eu posso ser gostosa de qualquer forma’ [...] eu gosto de olha na frente do espelho e dizer ‘essa é a Letícia de verdade, essa é a Letícia que eu gosto, não é aquela coisa moldada pra sociedade, que tem que ter aquela coisa perfeita e ser aceita, se a sociedade não aceita quem eu sou só lamento, porque tá perdendo uma puta mulher.’

A produção da narrativa para o ambiente digital foi refeita várias vezes, ela fez conta que fez no meio da aula, começou a escrever pensando muito, mas acabou fazendo da maneira que vinha em sua mente. Assim como tem mensagens positivas e bacanas em resposta às fotos, “há também ainda muito macho escroto que está presente. Mas tem muito mais pessoas que dizem ‘caralho, tu é foda’”. Em relação a sua própria percepção nas fotografias, ela diz:

[...] eu percebia uma pessoa que eu nunca tinha visto na vida, tipo eu percebi uma pessoa que eu escondia sabe, é uma pessoa que existia, parece que era uma pessoa que eu tinha medo de mostrar sabe, por julgamento, porque tu faz a foto ali, tu não quer ser sensual, tu não quer seduzir, tu quer mostrar o verdadeiro eu.

Ela diz que vê direitinho o processo de evolução da própria mulher durante as fotos, “tu começa num casulo, quando vê tu viras uma borboleta no final”. É uma coisa que só realmente passando para entender. Se expor como mulher com suas próprias características nas redes sociais ela diz:

Consegui mostrar mais ainda quem realmente sou sem ter medo de mostrar sabe, eu sou e deu, não vou pensar ‘ah tô falando aqui pra ti’, eu tô nem aí pro que tu tá pensando sabe, o que importa é minha opinião, eu não tô aqui para agradar todo mundo, eu tô aqui para me agradar, então eu faço as coisas para me deixar feliz, mas o que importa é minha felicidade, já fui muito de deixar de fazer as coisas pro mim pra deixar os outros felizes, já fiz muito disso, então hoje em dia se eu quero eu vou lá e faço e vai me deixar feliz, é o que importa pra mim.

Quanto ao questionamento sobre fazer a experiência novamente, a resposta dela foi sim, “é uma experiência tão boa, que não pode ser vivido só uma vez na vida”.

#### 5.4 Minha experiência com o ensaio em *O Bendito Fruto*

Para começar, não imaginava que a auto experimentação do ensaio se concretizaria. Primeiramente era só uma ideia que me acompanhou por quase um ano e meio da pesquisa. Com a chegada do período final da pesquisa, a experiência veio com tudo, sem aviso e simplesmente aconteceu. Posso dizer que, mesmo que tentemos transmitir essa experiência da forma mais fiel possível, é bem difícil chegar perto do real - é algo para ser vivido.

*Matucha* - expressão que define quem nasce no Mato Grosso do Sul mas vive em solo gaúcho - é como posso me denominar hoje. Com 24 anos, em processo de finalização do curso de Publicidade e Propaganda, trabalhando em uma agência de comunicação como atendimento de contas, vejo que mesmo na minha área - que possui muitas mulheres atuando - sempre somos postas à prova diariamente, inclusive concorrendo umas com as outras. “Para os homens, tudo parece mais fácil, até arranjar emprego. Mulheres precisam mostrar do que são capazes, pensar no que vestir, onde vão andar, como vão se comportar. É sempre preciso se afirmar”.

Acredito, baseada na minha experiência, que “descobrimos” nosso gênero na infância, antes mesmo de entrar na adolescência, quando começamos a escolher nossas roupas, nossos brinquedos, quando começamos a nos olhar no espelho de brincadeira e a pegar aquele batom vermelho e o sapato alto da mãe para brincar.

Minha família sempre foi do tipo conservadora, então fui educada como uma menina “deveria ser e se comportar”: usar cores de menina, ser educada e prestativa, aprender desde cedo os afazeres de casa. Estudei nas melhores escolas particulares, escolas de freiras, religiosas, onde também haviam alguns aprendizados sobre como se portar. Apesar de aprender todas as “etiquetas” possíveis, minha adolescência teve várias fases, com diferentes comportamentos e pensamentos. Algumas dessas fases foram permitidas e outras não eram consideradas aceitas como certas pelos meus pais e pela sociedade. Por isso, precisavam ser repreendidas, pois aquilo era “feito” para uma menina - ainda mais uma menina que cresceu no interior do Rio Grande do Sul, onde todos se conheciam.

Meu corpo nunca foi meu, apesar de eu sempre contrariar tudo aquilo que me era imposto. “Menina rebelde”, dizia meu pai, quando entrei na adolescência. Fui muito influenciada pelas mídias nesse período, e o que mais me afetou foi a maneira de me vestir. Eu consumia todo tipo de revista adolescente: *Capricho*, *Atrevida*, *Todateen*; e elas ditavam o que era um corpo adolescente desejável. As revistas eram, basicamente, um manual de como seguir esses padrões, pois possuíam conteúdos de beleza, cabelo, roupas e até perfil de atrizes e cantoras como “dica” do que fazer. Cresci, e os padrões de beleza, apesar de terem se modificado, seguiram presentes.

Independente de tudo que já aconteceu na minha vida, minha referência feminina na família sempre foi uma construção de todas as mulheres, avós, mãe, tias, uma mescla de tudo. Fortes, guerreiras, batalhadoras, inteligentes, persistentes, lindas e extrovertidas. Todo mundo tem suas qualidades e defeitos, cabe a nós pegar o melhor de cada um e aproveitar como espelho. Amo todas elas e só tenho eterna gratidão por todos os aprendizados.

Assim como referências de mulher na família, acredito que não tenho uma referência fixa de mulher e de corpo que me fizesse seguir um padrão fixo. Porém, sempre busquei referências de mulheres que eu pudesse ter como exemplo de construção. Não acredito que possa existir mulher modelo e anti-modelo. Cada mulher tem um contexto histórico diferente, marcas diferentes, e não podemos colocar todas em uma caixinha e querer todas no mesmo padrão. É apagar suas histórias e suas vivências. É impensável, é errado.

Quanto à experiência, conheci O Bendito Fruto pelas redes sociais – principalmente no Instagram, na época ele estava em processo de crescimento, descobrimento. A proposta se deu a partir da ideia de fazer a auto experimentação do objeto de referência da pesquisa, mas eu também sabia que essa experiência era necessária para a minha vida pessoal. Eu tenho muitas marcas de subjugação que ninguém imagina pela minha aparência corporal, magra, jovem – o tipo do padrão de beleza talvez.

Eu já conhecia a metodologia do processo de ensaio, pois já havia entrevistado os produtores, mas saber não é a mesma coisa que vivenciar. O ensaio é um processo de nos desmontar e remontar novamente sob outra perspectiva, outro olhar. Desde o início, o Maiquel deixa bem claro que estamos no controle de tudo, fazemos o que queremos, tudo é permitido, é livre, e ele só captura nossos momentos. Nós escolhemos as roupas, a *playlist* de música e as poses, principalmente. Acredito que isso nos deixa com mais medo, ainda mais nervosas, porque estar no controle é uma coisa pela qual sempre estamos lutando. A sociedade sempre nos deu a insegurança e a confiança ao mesmo tempo, e acabamos não sabendo o que fazer nesses momentos em que controlamos a situação. Uma coisa bem simples pode nos gerar uma tremenda ansiedade, tudo nos deixa desconfortáveis, nossas reações e movimentos travam. Posso dizer que é um processo dolorido, não é fácil. É preciso muita coragem para se olhar e desmistificar tudo aquilo que foi construído por anos. Para algumas o relaxamento e a mudança de postura vêm logo, para outras demora muito. Para mim, a percepção de mulher que foi se autoconhecendo apareceu no final do ensaio, e foi preciso muita confiança e quebra de barreiras para ver a transformação aparecer.

O impacto de como nos vemos pós-experiência é outro: ao mesmo tempo que nos desgasta emocionalmente, nos fortifica psicologicamente, pois nesse processo de amadurecimento, o

Maiquel vai nos mostrando algumas fotos na própria câmera, e de alguma forma não acreditamos que somos aquela pessoa. A mudança pode ser vista na medida em que o ensaio vai acontecendo: fotos iniciais mais “duras” e, depois, fotos mais relaxadas, onde somos mais nós mesmas.

A experiência do ensaio influenciou tanto na percepção do meu corpo como no impacto sobre ele. Por mais que eu seja magra e bonita para os padrões sociais- que era o que as pessoas falavam - eu não achava isso e não tinha argumento que adiantasse. Eu odiava me olhar no espelho, e tentava ao máximo fazer o que os outros gostassem. Tinha baixa autoestima, só porque aconteceram coisas durante a minha vida que me fizeram acreditar em padrões inatingíveis culturalmente, assim como houveram pessoas que deixaram marcas sobre o meu corpo. A percepção sobre mim mesma foi mexida em processos lentos, nos quais pude aos poucos me reconectar comigo e me permitir ser o que eu quisesse ser, sem julgamentos. Fazer o ensaio intimista não é fazer mágica com a nossa autoestima, com a nossa mente e com o nosso corpo mas é, sim, o início de um processo de autodescobertas e amor próprio.

Tanto a produção da narrativa quanto a circulação na internet ainda não foram feitas, e por esse motivo não falarei sobre isso aqui. Os processos de construção dos sujeitos estão em constante movimento.

### **5.5 Gênero, corpo, fotografia e cidadania comunicativa: pensando as experiências das mulheres**

Por que sorrimos tanto?  
 Por que tentamos ser sempre agradáveis?  
 Por que temos tanto medo de mostrar nossa raiva?  
 Por que a raiva é considerada “não-feminina”?

Essas são perguntas de uma sociedade que existe, desde sempre, na perspectiva de um homem. Como mulheres, ouvimos durante toda a vida frases do tipo “seja uma boa menina”, e isso tem como pressuposto a ideia de que não somos boas o suficiente ao natural. Há quem ache tudo isso uma besteira, mas a necessidade de ter que falar mais alto para ter poder de voz vem sendo uma luta constante, um desafio diário em nossas vidas. Os padrões de beleza não escolhem que mulher irá ser atingida, eles se alastram e deixam todas abaladas psicologicamente. A fotografia, a televisão e a publicidade ajudaram nesse processo de obsessão ao culto do corpo, bombardeando as mulheres com milhões de imagens representando corpos de forma padronizada, com as mesmas medidas, pele perfeita e jovem. Nossos corpos pertencem a um sistema econômico e social que produz necessidades sistêmicas. Esse poder é

econômico, social e político e acaba adquirindo algumas caras que fazem as normas e a regulamentações através da sociedade de acordo com alguns interesses.

Como humanos, somos seres construídos socioculturalmente e, dessa forma, podemos entender que o gênero é constituinte da identidade dos sujeitos (LOURO, 1997). Isso faz de cada ser humano um sujeito único, de múltiplas identidades, contextos e marcas sobre vários processos da vida. É esse processo que nos torna o que somos hoje. É importante lembrar que essas identidades são sempre mutáveis e passíveis de transformação. Assumimos o corpo como lugar dessas experiências e produção de sentidos, onde esse corpo vivencia significações que auxiliam nos processos comunicacionais e midiáticos de cada sujeito.

O corpo, tomado de forma objetiva e subjetiva, constitui lugar de construção e expressão das subjetividades. Edifica, por excelência, a nossa forma de viver e estar no mundo. Com efeito, experienciar, sentir e ver o mundo – ou atribuir-lhe sentidos – só pode se dar única e exclusivamente no corpo e pelo corpo. Indissociavelmente objetivo e subjetivo, o corpo não constitui uma entidade acabada, definida ou predefinida, mas em constante construção. Cabe, assim, ao sujeito da constituição corpórea a aventura de inventar-se e reinventar-se ao longo de sua narrativa existencial, que é constituída no seio de construções simbólicas, desenhadas a partir de um conjunto de códigos e valores culturais, partilhados no âmbito social, conforme assinala Foucault (1988). Hoje, mais do que nunca, tudo isso está em cena e vem sendo exposto em fenômenos sociais e diferentes manifestações culturais.

Nesse contexto, experiências como a do *O Bendito Fruto* vêm auxiliando na libertação de amarras sobre o gênero, contestando construções hegemônicas relativas ao corpo feminino e procurando olhar estas mulheres como sujeitas comunicantes inseridas em contextos socioculturais. Os relatos sinalizam que *O Bendito Fruto* abre possibilidades, através da experiência do ensaio intimista para que as mulheres se reconheçam e possam fazer uma reflexão acerca da sua complexa constituição como mulher, em um cenário mediado e midiático.

A mulher, enquanto sujeita, é constituída multidimensionalmente por tudo que a cerca. Os fotógrafos procuram, na metodologia do ensaio, tentar compreender um pouco da trajetória de cada mulher para poder ajudá-la em seu processo de redescoberta, através de como ela se pensa, como ela se expressa enquanto sujeita feminina e tudo isso é atravessado por contextos históricos nos quais ela viveu. O corpo que foi educado durante a infância, produz marcas nos quais experiências de ensaio intimista tem o intuito de reconhecê-las e desconstruí-las, através do seu entendimento. Os corpos nas quais se adota um padrão hegemônico estipulado por uma

cultura dominante e que de forma imposta e implícita acaba atingindo corpos diferentes e gerando consequências

Nessas relações e trocas de experiências não só a fotografada passa por um processo de reflexão, mas o fotógrafo também que sofre processos de autor reconhecimento. O fotógrafo tem papel fundamental na experiência das mulheres já que o mesmo faz o exercício de enxergar a própria desconstrução dos padrões.

Vivemos em um cenário onde as mídias passam ocupar um importante papel na sociedade. Porém vários elementos da mídia atuam contrariamente para a opressão da constituição da identidade da mulher comunicacionalmente. A cidadania comunicativa requer a participação do cidadão nas práticas comunicacionais, o respeito pelo seu espaço nas mídias e principalmente o respeito pelo seu relato. Trata-se de utilizar o ambiente comunicativo para ampliar as demandas vindas de todos os setores sociais. Trata-se, do direito de ser escutado, de produzir conteúdo, de decidir sobre os modelos de comunicação que precisa ter a sociedade na qual se vive. Neste sentido, as práticas comunicacionais ocupam um papel de destaque na construção deste “outro”, geralmente ao adotar discursos de exclusão, reforçando estereótipos de costumes e estéticas tidos como “padrão”, e invisibilizando aspectos positivos, que demonstrem as complexidades e semelhanças dos sujeitos.

A cidadania comunicacional se exprime também através de onde elas vão se enunciar, e nesse caso, são as fotografias e nas mídias sociais, que contribuem que outras pessoas vejam essa experiência podendo também gerar processos de reflexão de outros sujeitos. Não só através da foto, mas das narrativas que as mulheres vão se exprimir, lugar onde vão poder contar suas marcas de subjugação com suas trajetórias, tornando-as mais humanas e menos objetificadas.

Entendo que a expressão das pluralidades através de uma cidadania comunicativa compromissada poderá promover não apenas o conhecimento, mas também a compreensão do diverso e consequentemente a afirmação da própria cultura percebida justamente no contato com o diferente.

O Bendito Fruto apresenta possibilidades de gerar uma experiência cidadã através da metodologia aplicada no ensaio, fazendo dessa forma com que haja um processo de reconhecimento da mulher e de si mesma, de sua expressão através da fotografia do seu corpo.

Com o avanço desta pesquisa, os sentidos passaram a emergir e as conexões entre teoria e empiria se efetivaram. O processo de entrevista com as mulheres, nessa investigação, foi impactante e desafiador, tanto para mim como para elas. Foram feitas perguntas sobre as quais ninguém para pra refletir, e isso trouxe um certo desconforto. Ao mesmo tempo, trouxeram

esclarecimentos que ajudaram nesse processo de auto-reconhecimento. Foi a partir do entendimento de “que mulher sou eu” que elas conseguiram realizar suas próprias reflexões.

Neste trabalho, parti de uma problematização teórica em torno do gênero como conceito que busca pensar as construções culturais a partir das quais se criam papéis adequados a homens e mulheres e como categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995). Entende-se o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos (LOURO, 1997), construído num processo histórico com marcas e significações mas, também, como uma identidade que a todo o momento se transforma. Problematiza-se, ainda, os sentidos que são adquiridos nesse processo, que servem para que possamos refletir sobre como o corpo está sendo percebido e instrumentalizado no contexto contemporâneo.

Assim, dialogar sobre gênero foi o primeiro caminho tomado para que elas se conhecessem e me possibilitassem entender o papel a experiência propiciada pelo ensaio teria para a visibilidade da mulher e a possibilidade de exercício de cidadania comunicativa vinculada ao gênero e ao corpo.

Refletindo acerca das entrevistas, pude perceber que a classe social muitas vezes interfere no modo de criação das mulheres. Lea e Letícia foram ensinadas de maneiras parecidas, mas com alguns aspectos distintos, talvez pelo fato de suas figuras de referência familiar serem femininas e bem presentes. Lea é melhor situada em termos de condição de classe; considera-se uma pessoa privilegiada, com pais bem instruídos que lhe deram um modelo de igualdade entre os gêneros na família, além da liberdade de poder se expressar, se vestir e se comportar. As coisas sempre lhe foram colocadas de uma forma que se pudesse entender o que era interessante e o que não era, de uma forma que também lhe dava liberdade para fazer suas próprias escolhas. Sua família possui um histórico de mulheres batalhadoras, que iam atrás do que queriam, mesmo isso muitas vezes sendo exatamente o contrário do que a sociedade na época afirmava.

Letícia, por sua vez, é de classe popular. Foi criada somente pela mãe, que lhe ensinou que mulher tinha que nascer crescer, casar, se reproduzir e morrer. Com o tempo, ela foi modificando essa concepção, assim como sua mãe mudou muito de pensamento em comparação ao seu passado. A mãe de Letícia buscou sempre tratar tanto ela quanto seus irmãos de maneira igual, sendo que todos ajudavam nos afazeres de casa, por exemplo. Nenhum deles recebeu, em sua trajetória, uma orientação específica de que algo era “coisa de menina”.

Podemos notar, aqui, diferenças acerca de como suas construções sociais se deram a partir de como suas mães lhe ensinaram concepções de o que é ser mulher. As mães já lhes apresentavam a necessidade de mudança para as mulheres. Antes em situações complicadas,

viram a necessidade de sair da objetificação e estereotipação impostas pelo mundo dos homens e modificá-las.

Em relação à personalidade e aos modelos de feminilidades, Lea apresenta características como sutileza e sensibilidade nos gestos e nas atitudes – reconhece que possui um comportamento sexual quase masculino e que gosta muito disso. Já Letícia não apresenta nada disso em suas atitudes. Isso mostra o quão incorporado estão os imperativos masculinos hegemônicos. Penso que se criou uma necessidade de se fazer reconhecer como mulher por meio dos mesmos. São características que as pessoas precisam nomear: o que é de homem e o que é de mulher? Nesse contexto em que elas estão inseridas, quando se possui uma característica rotulada pela sociedade como masculina, há um estranhamento e há um movimento de desfazer essa particularidade na mulher. O poder relacionado ao gênero masculino hegemônico, assim, é de certa forma reforçado nessa formatação para o cotidiano, nesse enquadramento que as mulheres precisam fazer para entrar na “caixa” da masculinidade.

Se a concepção de gênero se traduz em uma oposição binária, com a ideia singular de que existe só uma feminilidade e uma masculinidade, nega que existem sujeitos sociais que não se enquadram em uma dessas formas e, portanto não são reconhecidas também como verdadeiras (os) mulheres e homens (LOURO,1997). Louro (2000) fala ainda nesse sentido, que a educação na escola afeta nossas percepções, nos levando a crer no binarismo, em um separatismo do que é certo e errado, do que podemos e não podemos em relação a gênero, entrelaçando dessa maneira a ideia do corpo que traduz esses ensinamentos.

Ainda hoje, existem aqueles que explicam que as desigualdades sociais entre homens e mulheres são ligadas às características biológicas, onde cada um deve desempenhar um papel que foi determinado historicamente de maneira natural. Por isso, a distinção biológica serve para muitos como justificativa para a desigualdade social entre os gêneros (LOURO,1997). Por esse motivo, é primordial que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, assim como é importante observar tudo o que se construiu socialmente sobre os sexos.

O patriarcado, que se constituiu como um modelo organizador da sociedade, como problematiza Foucault (1999), deixou um legado histórico de poder e dominação masculinos, que dão base para a educação e normatizam os olhares das sujeitas, que valoram de formas distintas os atributos masculinos e femininos. Elas são postas à prova justamente por questionarem um sistema hegemônico, que impõe lógicas masculinas. Quando se reconhecem e entendem suas diferenças, a identidade das mulheres se afirma, e elas são capazes de lutar para mudar os vetores de força, disputando seu espaço no mundo. O processo de escolarização

do corpo, demonstrado por Louro (2000), explica como as instituições disciplinam os corpos desde cedo, de maneira sutil e discreta, mas eficiente e duradoura. São forjadas a construção, a separação e a categorização de características que definem e tornam o ser humano um homem ou uma mulher.

Com referência aos espaços escolares e ao corpo, como mulher eu já imaginava o que poderia vir como resposta, e foi justamente como eu pensava. O que não é difícil imaginar, já que estamos em uma sociedade onde somos ensinadas a machucar outras crianças de maneira subjetiva, muitas vezes criando traumas que as acompanharão pela vida inteira. Tanto Lea como Letícia tiveram problemas em relação a sua estética na escola. Havia, para elas, muitas inseguranças no colégio, baseadas na presença das meninas bonitas da turma, além da pressão dos meninos bonitos que definiam quais eram as meninas desejadas. Para Letícia, as estéticas de beleza impostas a ela na época do colégio foram muito mais fortes, pois ela era deixada de lado pela turma, não era convidada para ir aos lugares, e suas amigas diziam a ela o quanto as suas roupas eram horríveis. Letícia era o “patinho feito” do seu grupo de “amizades”. Para Lea, as concepções e ideias de corpo tomaram forma a partir do colégio, mas ela foi muito mais afetada pelas concepções de padrão de beleza através do seu trabalho. Letícia teve muito mais marcas em relação ao corpo oriundas do tempo de escola.

O corpo dos indivíduos apresenta marcas desse processo educacional escolar, e essas marcas são valorizadas ou não por nossa sociedade. Independentemente do lugar em que a existência daquele sujeito se passa, seu corpo é um antro de impressões desses lugares, do que aquela sociedade julga “adequada” ou não. Dessa maneira, bloqueamos os desejos e as necessidades do corpo, porque temos formas pré-estabelecidas de ser mulher, de existir como sujeitas do sexo feminino. Se não for dessa maneira, não somos reconhecidas pela sociedade como mulheres. Quando não é reconhecida em um sistema social como a mulher que se deveria ser, essa sujeita acaba ficando fora do padrão, e a partir disso sofre problemas como *bullying* e outros tipos de discriminação. O corpo não pode ser olhado como uma coisa etérea. O corpo é material, simbólico, e tem uma subjetividade e uma relação com o poder. Por isso, para Ponty (1994), nossos corpos são corpos de luta, são corpos que se ressignificam a partir das lutas. O corpo é visto como corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar (LOURO, 2000). Nossas necessidades mudam a todo o momento, e isso pode ser visto claramente na adolescência, onde ainda estamos nos experimentando e nos construindo como sujeitos. A construção dos indivíduos é um processo plural no qual o corpo assimila desejos externos e internos. Os sujeitos são ativos na construção de suas próprias identidades. Porém,

essas representações do corpo e o conhecimento sobre ele são dependentes de um contexto social, de uma construção de visão do mundo que acaba nos definindo como pessoas.

Percebe-se até aqui que os traumas criados pelas entrevistadas nasceram a partir de construções sociais vividas. Aprendemos a pensar os outros e a nós mesmos dentro da ideia do binarismo, alimentados pelas escolas e não necessariamente pelos seus ambientes familiares. Além disso, as mídias participaram ativamente, muitas vezes de forma negativa, da construção de seus corpos na infância. Letícia odiava seu corpo na adolescência. Seus modelos de beleza vinham da TV, de novelas e programas infantis, o que a fez pensar várias vezes sobre as modificações corporais das quais necessitava para ser aceita. Teve várias fases complicadas, sofreu *bullying*. Para mim, por exemplo, sempre foram os modelos das revistas que me influenciaram. Eram padrões que até mesmo para a época eram difíceis de alcançar, deixando-me com baixa autoestima. Lea também consome muitas revistas, como a Vogue, que em sua casa está por todos os cantos, no quarto, no corredor, no lavabo. Isso também influenciou a forma de se ver dela, que teve como modelo de mulher a atriz Kate Moss. Na atualidade, ela se inspira em mulheres como Angelina Jolie, Katie Blush, Fernanda Torres, Fernanda Montenegro, porém nunca tomou nenhuma decisão relacionada a seu corpo inspirada nessas mulheres ou em qualquer outra.

Lea já foi atacada na rua e quase estuprada pelo fato de estar usando minissaia, meia calça e coturno. Estava caminhando para encontrar seu namorado e foi atacada de repente. Começou a gritar e as pessoas olhavam a cena pela janela e não faziam nada. Ela foi salva por um homem que achou que a “briga de casal” estava exagerada demais e resolveu se aproximar. Lea ficou toda machucada. Ela foi até a delegacia, onde sugeriram que ela não fizesse nada para evitar que ela fosse exposta a outros homens, já que não conseguiriam pegar o cara que a havia machucado. Letícia sofreu violência doméstica aos 16 anos, nas mãos do homem com quem era casada na época. Ficou um ano e meio sofrendo violência até conseguir ir embora com a ajuda de um amigo. Ela fez o boletim de ocorrência, mas revela que “infelizmente nunca acontece nada”.

Os espaços das redes sociais, conhecidos por todos, são outro referente de reflexão e luta. E é desse meio que O Bendito Fruto tenta se apropriar, já que é um lugar onde o alcance é maior para possibilidades de cidadania comunicativa. É possível perceber que muitos dos sujeitos nas mídias digitais são jovens, e acredito que esse ciberespaço seja mais flexível para espalhar e consolidar mudanças. Creio que, ao lerem histórias de outras mulheres, as pessoas podem encontrar pontos em comum em suas trajetórias, o que as fazem não se sentirem sozinhas no mundo. Conectadas por problemas em comum e lutas por igualdade, essas mulheres são capazes

de transcender os traços biológicos, ou seja, contrapor os efeitos da dominação masculina e reconhecer-se cultural e socialmente como mulheres, fortes e livres de subjugação. Conseqüentemente, o olhar do outro têm grande participação e influência na construção da identidade das sujeitas mulheres que experienciam o ensaio sensual e, também, ajudam a entender o significado de cidadania comunicativa.

As mídias digitais participaram dessa construção de forma mais positiva do que negativa, de acordo com o relato de Lea e Letícia. Quando suas fotos foram postadas ao lado de suas narrativas, houve um momento de impacto, medo de rejeição, medo do ridículo, expectativa e receio do que viria a acontecer. Mas os comentários e as curtidas geradas foram, de maneira geral, com a intenção de elevar a autoestima da mulher e fazê-las perceber que tudo bem ter aquele corpo, aquele jeito. Pude perceber, tanto através da observação exploratória no Instagram do *O Bendito Fruto* quanto através das entrevistas com as mulheres, que os comentários bons e incentivadores partem principalmente de mulheres, em especial as mais jovens, que já possuem um pouco mais de reconhecimento de si ou que estão desde cedo envolvidas nas lutas por essa causa. Já os comentários negativos, invasivos e desrespeitosos partiram sempre de homens que seguem o perfil. Isso mostra o quanto o mundo masculino está presente, de forma negativa, até mesmo nas tentativas de desconstrução e empoderamento.

Foi muito difícil, para Lea, postar as fotos produzidas pelo *O Bendito Fruto*, já que essas tinham um caráter mais sensual e ela se preocupava com como as pessoas iriam reagir ao fato de que ela não é mais uma pessoa jovem. Porém, ver as pessoas elogiando suas fotos, seu corpo, ajudou na desconstrução do seu olhar em relação a si mesma. Na questão de suas narrativas, por ela ser bem crítica, se questionou muito sobre como as pessoas ia reagir, também. As fotos que mais tiveram curtidas foram as que tinham alguma conotação sensual, e ela acredita que isso se dá porque infelizmente ainda vivemos uma cultura extremamente machista.

*O Bendito Fruto* chama atenção das mulheres por vários motivos, mas principalmente pela sua metodologia única de ensaio, onde o protagonismo feminino está presente nas fotos e nas falas de todas. É importante considerar aspectos relativos à produção do ensaio, que faz com que a mulher se sinta especial, afinal é um momento único, um passo de transformação, de movimento de se reconhecer. O que as mulheres vão sentir, que sentidos elas vão dar à experiência que elas vão ter e a própria possibilidade ou não de desconstruir elementos de gênero, também tem a ver com suas próprias trajetórias, como um conjunto de multidimensionalidades que as constituem. Entender o que acontece através da experiência permitida pela fotografia intimista com as mulheres que são generificadas é tentar entender toda a sua construção, nesse processo que possibilita a ela ser reconhecida em sua diferença, na sua

diversidade, nos seu corpo como ele é naturalmente. Os ensaios do *O Bendito Fruto* nunca possuem resultados iguais. Cada mulher tem uma marca que dói mais, e a experiência serve justamente para enxergar ela, compreender e se reconstruir.

Lea descobriu *O Bendito Fruto* através da indicação de um amigo. Por não ter sido seu primeiro ensaio, ela considerou a experiência fácil. Toda vez que ela faz um ensaio, se preocupa em estar inspirada, porque gosta de foto conceitual. O que ajuda ela na inspiração é ouvir música. Experiências como ensaios intimistas, para ela, impactam muito em como se vê. Principalmente em relação ao processo de envelhecer. O ensaio ajudou, também, a mudar um pouco de suas ideias oriundas da publicidade, dos padrões de beleza hegemônicos, para compreender melhor o que ela só tinha na teoria: não existe padrão de beleza, existe a beleza de cada um. A fotografia a ajudou muito a se entender e repensar a ideia do seu corpo. As fotos produzidas pelo *O Bendito Fruto* são muito sensuais, e quando ela viu o resultado, achou muito diferente de tudo o que já havia feito. Lea precisou se distanciar e voltar a olhar de novo, para no fim perceber que gostava muito do que via – depois desse processo, ela teve mais coragem até de se ver no espelho. Lea acredita que essa experiência com as fotografias é um processo terapêutico que ajudou muito, e apesar de ainda ter muita coisa para melhorar em sua autoestima, ela acredita que já caminhou bastante nesse sentido. O resultado do ensaio mostrou que sempre temos alguma coisa para desconstruir. É preciso respeito com nós mesmas e muita paciência, pois estamos em constante mudança. Para ela, o ensaio serviu para compreender seu processo de envelhecimento, sua sensualidade que não diminui pela idade.

Letícia, por sua vez, estava em um relacionamento quando conheceu o perfil do *O Bendito Fruto* e foi proibida de fazer o ensaio pelo seu ex-namorado. Quando terminou a relação abusiva, foi uma das primeiras coisas que ela fez. Para ela, a experiência do ensaio precisa de confiança para que a mulher se sinta confortável, e o fotógrafo conseguiu fazer com que ela se sentisse assim, dando início ao processo de entendimento de si próprio. Para ela, o ensaio mudou a forma como se percebe. Agora ela se olha mais, se gosta mais e não tem mais vergonha do corpo dela. Tudo isso ajudou na forma como ela se percebe como pessoa, uma pessoa que ela escondia que existia não se mostrava por medo. O resultado do ensaio para Letícia foi o processo do amor próprio, um movimento de aprender a amar seu corpo. Para mim, teve a ver com o respeito com o corpo, mas também com o entendimento de que os padrões de beleza me afetam. Todas nós concordamos que voltaríamos a fazer, pois o que define o ensaio é a experiência, e cada experiência é uma descoberta, uma amarra solta. É necessário fazer isso aos poucos, para que possamos compreender melhor os aprendizados.

Nesta perspectiva, a mulher que faz o ensaio poderia passar por uma reflexão sobre alguns de seus contextos vivenciados, por uma autoconscientização das amarras presentes em seu cotidiano e pela ampliação da visão de si e auto aceitação em relação ao corpo como constitutivos da sua identidade - o que possibilitaria a emergência de uma experiência cidadã. Junto a isso, podemos identificar elementos no ambiente social que oprimem as mulheres, dificultando a constituição de uma identidade de gênero cidadã. O ensaio intimista ajuda a permitir que essas identidades sejam reconhecidas.

No momento em que os grupos sociais classificados como normais, que representam a si mesmos, também acham que tem direito de representar aos outros e apresentar como verdade e padrão a sua própria estética, estes acabam transpassando outro conceito que Foucault relaciona ao corpo: o político. A forma como as mulheres são representadas e significadas atravessam e são marcadas por relações de poder, afirmando assim que as identidades sociais e culturais são sempre políticas (LOURO, 2000). Louro (2000) ainda propõe questões significativas sobre maneira de refletir acerca do porquê de os desejos e necessidades de uma pessoa precisarem corresponder com a aparência do seu corpo. Além disso, o autor aborda as características que passaram a ser marcas definidoras de identidade reconhecidas por uma sociedade. Juntamente com as novas tecnologias, todas estas transformações permitiram que fossem quebradas as categorias sexuais e a relação corpo-sexualidade. Estas mudanças, de maneira direta e indireta, afetam todas as formas de viver, existir e de se construir como pessoa – e principalmente como mulher.

Na vida adulta de Lea, os estereótipos de gênero estão presentes através da comparação de suas amigas com ela. Lea é magra, e este fato para muitos é um privilégio. Segundo os padrões sociais, basta ser magra para ser bonita. Hoje ela precisa fazer regime para ganhar peso, já que está muito magra e isso pode não ser. Em contraponto, outros amigos de Lea falam que “homem não gosta de osso”. Para ela, porém, o corpo não é para os homens, e sim para ela. A necessidade de engordar é única e exclusivamente uma questão de saúde. Letícia, no entanto, precisa lidar com o assédio em sua profissão. Onde se lhe é exigido cuidado com o cliente na hora do atendimento, e muitos acham que ela está dando em cima deles quando na verdade a educação deveria ser uma coisa normal entre as pessoas, outras situações que acontecem são homens que chegam de festas, bêbados e abusam verbalmente, e o problema é ter que aceitar, por que afinal o cliente sempre tem razão. Lea foi produtora de elenco e conseqüentemente tinha que escolher os modelos que trabalhariam nas peças publicitárias. Isso a influenciou muito, de modo que a estética padronizada sempre esteve presente em sua vida. Por isso, ela se

achava um horror perante todas aquelas mulheres que selecionava. Ela ainda afirma que a sociedade constrói isso dentro das pessoas.

No reconhecimento da mulher e de seus atributos, se inicia um movimento de respeito e inserção mais justa, equilibrada entre os sujeitos independentemente do sexo. Esse movimento pode levar ao diálogo intercultural proposto por Adela Cortina (2005), em que a riqueza humana é valorizada e reconhecida como dever de uma sociedade que leve em conta seus cidadãos e os cidadãos do mundo. Ao se manifestarem, as mulheres se politizam e lutam por cidadania no campo do gênero.

A família e as pessoas próximas têm papel fundamental no desenvolvimento da identidade de gênero e desse reconhecimento cidadão. Mesmo que a mulher descubra por conta própria quem é ou se entenda intimamente, no âmbito doméstico e social é que ela recebe as primeiras referências e orientações de comportamento e do papel a desempenhar em sociedade. Com o desenvolvimento tecnológico, a noção de cidadania comunicativa nem sempre dá conta do que vivemos hoje, onde a sociedade é globalizada, multicultural e midiaticizada. Por isso, viu-se a necessidade de repensar o conceito de cidadania comunicativa pela ideia de que fenômenos como a comunicação mediada pelo computador – que acontece hoje principalmente nas redes sociais – criaram uma nova convivalidade a partir da imagem representada pelo ator social (FAXINA, 2012). Esta dinâmica é própria do cenário social que vai “gerando novas necessidades, novos direitos, especialmente no campo do respeito aos direitos fundamentais do ser humano” (FAXINA, 2012, p.94).

Assim, pensar a experiência que investigo como um processo cidadão implica que esta experiência aporte para uma reflexão de elementos não só relacionados à desconstrução dos padrões hegemônicos, mas, também, de elementos de subordinação da mulher e da sua própria experiência de subjugação, vinculada ao seu corpo. Entretanto, as sujeitas - pensando nesta pesquisa - não são só *receptoras* dessa produção, mas também participantes ativas da construção de suas identidades. Ainda temos algumas restrições em relação a estas dimensões na própria constituição das mulheres: no momento em que a cidadania não permite sua expressão em totalidade, tem-se uma sociedade que não possibilita a constituição dessa identidade e das diversidades, que se formata e se fecha através de padrões hegemônicos estipulados pelas mídias.

Uma dessas construções se dá através da fotografia no ambiente digital, onde se expressa ainda mais determinante na medida em que diferentes meios de comunicação auxiliam na construção de um padrão estereotipado da fotografia sensual e, principalmente, do corpo da mulher, contribuindo assim para sua visão estigmatizada, objetificada e inalcançável. Porém,

múltiplas experiências comunicacionais nos mais variados lugares vêm mostrando que é possível mudar essa realidade através de experiências que foquem no bem-estar social e no “próprio eu”, mesmo com os enquadramentos das culturas comunicacionais e midiáticas fazendo exatamente o movimento contrário. Como argumenta Maldonado (2012), “Um passo imprescindível na vida cidadã comunicativa é aquele que permite superar, quebrar a vivência e a concepção unidimensional que só reconhece os sistemas midiáticos comerciais, capitalistas, como a melhor possibilidade de estruturação e realização social comunicativa.” (2012, p.25). Concordando com o autor, acho necessário que se desenvolvam novas realidades culturais em comunicação a uma cidadania comunicativa generificada a respeito da mulher.

Experiências como a que propõe *O Bendito Fruto* podem ser um espaço interessante para a configuração de uma cidadania intercultural no processo de comunicação entre as mulheres e os sujeitos e na própria expressão comunicativa dessa mulher no ensaio. É importante entender a diversidade cultural para que se possa propor uma cidadania a esses corpos que muitas vezes acabam sendo objetificados. Penso que *O Bendito Fruto*, nos casos aqui analisados, possibilitou uma tradução da experiência da mulher nesse processo, permitindo a expressão de elementos que não estão no padrão hegemônico, atuando, assim, de forma cidadã. Creio que o próprio processo de ensaio leva mulher a alguma reflexão referente ao seu corpo, desconstruindo alguns desses estereótipos de corpo fechado. O cenário criado por *O Bendito Fruto* permite que imaginemos a ação dos fotógrafos mostrando para a sociedade o que a fotografia sensual tem a dizer: mais do que poses sensuais e outros enquadramentos adotados pela sociedade e pela mídia, a fotografia intimista pode construir outra ideia de corporalidades da mulher levando em conta, por exemplo, as marcas que essas mulheres carregam consigo em suas trajetórias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Deixe-me ir  
Preciso andar  
Vou por aí a procurar  
Rir pra não chorar  
Se alguém por mim perguntar  
Diga que eu só vou voltar  
Depois que me encontrar  
(Cartola – Preciso me encontrar)*

Os padrões de beleza não têm cor, classe social e muito menos estética corporal. Eles afetam a todas as mulheres em ritmo epidêmico. A sociedade, hoje mais do que nunca, consome mídia muito mais do que antigamente. Crescemos em um ambiente altamente competitivo, no qual as pessoas se sentem obrigadas a disputar além das suas possibilidades de seguir em frente. O importante é ser o melhor. Mas para que tudo isso? Estamos deixando de lado às divagações, as reflexões, a liberdade de deixar o pensamento voar. E o que resulta do que deixamos de lado? Arte, criatividade, momentos extraordinários de conexão humana. Obviamente existem os momentos de dor e sofrimento intenso, mas eu os descreveria como experiências inerentes ao ser humano.

Percebo que, apesar de estarmos em um espaço diverso, operamos ainda em uma lógica de saberes/poderes hegemônicos, numa dinâmica opressiva de atributos femininos e masculinos. Mantemos um sistema patriarcal que se constrói na educação, por muitas vezes de modo subjetivo. Assim reflito que, quando a base da formação dos sujeitos está marcada pelas lógicas de cultura colonialista europeia, branca e heterossexual, libertar-se disso exige uma postura de resistência, encontrada através de movimentos que possam fazer a diferença. Movimentos contra hegemônicos, que vem aparecendo através de experiências do sujeito, são fundamentais para quebrar os binarismos e permitir o avanço da igualdade ou, ao menos, uma perspectiva de respeito e solidariedade coletiva.

Acredito que existam possibilidades de desconstruir os padrões de beleza, como é o caso d'*O Bendito Fruto*, para trazer às mulheres um olhar para dentro de si. E é nesse tipo de experiência que penso que possamos contribuir para o começo de uma transformação. Os lastros da hegemonia estão desmoronando, porque quem é considerado subalterno começou a bater os pés e gritar, fazendo com que as estruturas se abalem, ainda que devagar. Vejo nos movimentos sociais, na visibilidade midiática e nas experiências dos sujeitos, espaços de luta para mudar essa realidade que acontece em múltiplos contextos. No entanto afirmo que, se cada sujeito pudesse *vivenciar* o diálogo com essas pessoas, através de um intercâmbio efetivo, cidadão,

com o comprometimento de *ver* o outro, talvez não fosse necessário elevar tanto as nossas vozes.

Nesta pesquisa, precisei reconhecer as operações do poder, as relações entre ele e os saberes disseminados na escola, na vida, no trabalho e no mundo – meu e das sujeitas com quem conversei. Consegui fazer reflexões acerca do corpo e do gênero que me fizeram encarar de forma diferente um mundo que ainda gira em torno de valores e padrões hegemônicos. As mulheres entrevistadas não apenas confirmaram situações de abuso, violência, exploração e subjugação que eu já poderia imaginar. Eu também consegui adentrar seus mundos e me fazer sentir os seus espaços sociais, que permanecem acontecendo dentro da hegemonia branca, heterossexual e masculina. A cidadania se efetiva através da compreensão do seu lugar como sujeito, parte de uma sociedade que precisa de transformações e da empatia do outro. É necessário um movimento de aproximação e de sutileza com o sujeito ao lado, pois cada um possui suas vivências e seus contextos históricos. É importante entendê-las.

Construímo-nos como masculinos ou femininos a partir das nossas relações sociais, do nosso eu em contraste com o outro. São os discursos, as linguagens, as práticas e os posicionamentos que nos colocam em um ou outro lugar em relação ao poder hegemônico. O quão injusto é isso? O quão “não-cidadão” é isso? O gênero não está no corpo, não está num determinismo biológico. Ele é singular em cada sujeito, muito além de seus “atributos” valorados como masculino ou feminino. É preciso valorizar as resistências, a força ressignificada, as lutas de cada pessoa ou grupo social.

Em relação ao foco central da minha pesquisa, sob o aspecto de experiência e da significação do corpo das mulheres através do ensaio, posso afirmar que *O Bendito Fruto* tem potencialidade, através da metodologia desenvolvida para o ensaio, de auxiliar na desconstrução dos padrões de beleza bem como na significação e autoconhecimento do próprio corpo da mulher. Essa experiência para mulher é vivida de modo intenso, mas com processo lento onde ela tem possibilidade de refletir sobre cada passo que se dá durante a vivência.

O corpo nessa experiência é o foco central, onde toda a marca de subjugação vivenciada em sua construção histórica bem como a formação da sua identidade sociocultural é a base de todos os questionamentos. As trajetórias comunicacionais e midiáticas relativas às mulheres participantes da pesquisa e seu corpo foram colocadas de maneira a fazer com que se sentissem oprimidas e os padrões que lhes eram impostos fossem inalcançáveis. Nesse sentido, as narrativas auxiliam no processo de contar a história daquele corpo para uma sociedade onde o corpo virou sinônimo de objetificação e sexualidade, na tentativa de construir uma cidadania comunicativa de gênero.

Sob o olhar de quem vivenciou o ensaio, é possível que essa experiência possa auxiliar muitas mulheres na reflexão sobre seus corpos e para a melhoria de sua autoestima. É preciso ter coragem, confiança e mergulhar de cabeça nessa experiência. Afinal fomos criadas a nos calar e nunca dizer não. Acredito que está por vir uma nova fase de libertação dos nossos corpos e empoderamento pessoal, promovendo o direito de levantar a voz e confrontar todas as marcas de subjugação.

Finalmente, não pretendo tratar como encerradas as questões apresentadas nesta pesquisa. As deixo abertas para que sirvam de base inicial para futuros trabalhos, tanto para uma sequência de carreira acadêmica desta autora em um curso de mestrado quanto de outros colegas pesquisadores que se aventurarem em trabalhos que abordem experiências libertadoras de gênero e corpo. O momento atual é propício para pensarmos acerca das possibilidades de transformações em que possamos contribuir para a compreensão do próprio ser humano, como homem e mulher. É tempo de repensarmos as lógicas que operam dentro das sociedades, compreendendo a mídia como peça importante da construção de um futuro melhor para todos.

## REFERÊNCIAS

- A BELEZA natural da mulher Renascentista. [S.I], 5 out. 2014. Disponível em: <<http://2014/10/a-beleza-natural-da-mulher-renascentista.html>> Com acesso: 3 set, 2017. Blog: GGPremium.
- AGUIAR, Lisiane Machado; ROSÁRIO, Nísia Martins do. Multiplicidades: perspectivas metodológicas para pensar a pesquisa científica em comunicação. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 43-58.
- ALENCASTRO, Bruno Schmidt. **Das ruas para as redes sociais: Usos, apropriações e práticas cidadãs desenvolvidas pelos fotógrafos populares da favela da Maré**. 2014. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.
- ARAÚJO, Denise. C; LEORATTO, Daniele. Alterações da silhueta feminina: A influência da moda. **Rev. Bras. Ciênc**, Florianópolis, v.35, n.3, p.717-739, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4013/401338594014/>> Com acesso em: 30 set, 2017.
- BARRETO, Nayara Matos C. Política de Feminino na Mídia: Nudez, sexualidade e padrões de beleza. 2010. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul, RS: Intercom, 2010. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2338-1.pdf>>. Com acesso em: 1 set, 2017.
- BOCCHI, Josiane Cristina; FURLAN, Reinaldo. **O corpo como expressão e linguagem em Marleau-Ponty**. Estudos de Psicologia. Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto. 2003. pp.445-450.
- BONIN, Jiani Adriana. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy. et al. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012.
- \_\_\_\_\_. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.
- \_\_\_\_\_. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: \_\_\_\_\_; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.
- BORGES, Guilherme Figueira; COSTA, Haloana Moreira. Discursividades em fotografia: Constituição do corpo feminino na história. IN: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, 3, 2016, Pirenópolis, Goiás. **Anais eletrônicos...** Goiás: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE), 2016. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/7615>> Com acesso em: 10 set, 2017.

BREVIGLIERI, Paula. **Análise de publicidade:** Perfume J'adore Dior. [S.I.], 2012. Disponível em: <http://criticaqueeugosto14.blogspot.com.br/2014/06/analise-de-publicidade-perfume-jadore.html>> Com acesso em: 27 out, 2017.

BUENAMARCA.COM ESPAÑA. **CH Eau de Parfum Sublime by Carolina Herrera.** Youtube, 2013. (10 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=834uQP8xoaQ>> Com acesso em: 27 out, 2017.

CALVIN KLEIN. **Euphoria Calvin Klein,** Youtube, 2015. (30 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=becqj-Gnx00>> Com acesso em: 27 out, 2017.

CARMO, Mayara Silveira. “Alma não tem cor” - Um breve estudo sobre a representação social do feminino através do corpo. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: olhares diversos sobre a diferença, 3, 2011, João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/06/05.pdf>> Com acesso em 17 set, 2017.

CHANG, Shelton. **Check out this sizzling David Gandy ad for Dolce & Gabbana's Light Blue Eau Intense.** [S.I.], 2017. Disponível em: <http://www.mens-folio.com/26899/check-sizzling-david-gandy-ad-dolce-gabbanas-light-blue-eau-intense/#X4WAeyvPA8xYXTW.97>> Com acesso em: 27 out, 2017.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo:** para uma teoria da cidadania. Trad de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

COSTA, Émerson Luiz. **A cobertura noticiosa latino-americana do processo de paz colombiano:** uma análise sobre a atuação de Granma, El Tiempo e TeleSUR. 2016. 131 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018.

DOLCE & GABANNA. **Light Blue Eau Intense, the new chapter,** Youtube, 2017. (45 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vVzDEJZx6K8> > Com acesso em: 27 out, 2017.

DOS GOTAS. **Charlize Theron, anúncio J'adore Dior – 2011,** Youtube, 2013. (30 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sCcT7rBMZzc>> Com acesso em: 27 out, 2017.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FAXINA, Elson. **Do mercado a cidadania:** O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira. 2012. 314f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2012.

FOLETTTO, Rafael. Desenhando os caminhos do fazer científico através da concepção epistêmica transmetodológica. In: **Processualidades metodológicas:** configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 69-86.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: vontade de saber**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **“Topologías”**, Fractal n° 48, enero-marzo, 2008, año XII, volumen XII, pp. 39-40.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

GUATTARI, Félix. Para acabar com La masacre del cuerpo. **Revista Fractal**. n°69, p.59-68, mai/agosto. 2013. Disponível em:

<<http://www.mxfractal.org/RevistaFractal69FelixGuattari.htm>> Com acesso em: 20 abril, 2018.

GURAN, Milton. O olhar engajado: inclusão visual e cidadania. Studium Projetos Especiais. n. 27. 2007. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/27/06.html>> Com acesso em: 19 ago 2018.

JEAN PAUL GAULTIER. **Jean Paul Gaultier - Welcome to the Factory**, Youtube, 2017. (30 s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=BdGs7Sihf\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=BdGs7Sihf_s)> Com acesso em: 27 out, 2017.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê. Editorial, 2002.

LIMA, Heloisa Rodrigues. **A autenticidade do corpo na fotografia de Mariana Janeiro**. 2013. Disponível em:

<[http://www.academia.edu/6382141/A\\_autenticidade\\_do\\_corpo\\_na\\_fotografia\\_de\\_Mariana\\_Janeiro\\_-\\_Helo\\_Rodrigues](http://www.academia.edu/6382141/A_autenticidade_do_corpo_na_fotografia_de_Mariana_Janeiro_-_Helo_Rodrigues)> Com acesso em: 06 set, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado**. Pedagogia da sexualidade. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUZ, Paulo Júnior Melo. **Alice no país da cocaína: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série *Queen of the South***. 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

MALDONADO, A. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, A. et al. (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.p. 271-294.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In:\_. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. pp.21-43.

\_\_\_\_\_. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs). **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-104.

MEMÓRIA, Paula Roberta Fernandes. A imagem da Mulher: Uma análise da representação do corpo feminino nas fotografias publicitárias contemporâneas. 2010. IN: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12, 2010, Campina Grande, PB. **Anais eletrônicos...** Campina Grande, PB: Intercom, 2010 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0373-1.pdf>> Com acesso em: 01 set, 2017.

MOLINA, Márcia Morais. **DAS MITOLOGIAS CLÁSSICAS ÀS MITOLOGIAS POP** – A performance como linguagem nas imagens de David La Chapelle. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000007/0000076D.pdf>> Com acesso em: 30 ago, 2017.

MOTA, Clarice. **Marketing e a busca pelo real**. [S.I], 2016. Disponível em: <<http://multiad.com.br/marketing/marketing-e-a-busca-pelo-real/>> Com acesso em: 26 out, 2017.

NATIVIDAD, Angela. This Brewer Hired Women Illustrators to remake the Cringingly Sexist Ads it used to run. [S.I], 2017. Disponível em: <<http://www.adweek.com/creativity/this-brewer-hired-women-illustrators-to-remake-the-cringingly-sexist-ads-it-used-to-run/>> Com acesso em: 26 out, 2017.

NATURABR OFICIAL. **Eu, dentro de um padrão? Tô fora!**. Mountain View: Google, 2016. (1 min 36 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eAmuTR3FmXo>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

O BENDITO FRUTO, **Fruteira**. Disponível em: <<http://obenditofruto.com.br/fruteira/>> Com acesso em: 03 set, 2017.

PONTY, Merleau. M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes. 1994. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. (Texto original publicado em 1945).

ROSÁRIO, Nísia Martins. A via da complementariedade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.43-65.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre o documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

RUIZ, Letícia. **Meus perfumes importados favoritos**. [S.I], 2017. Disponível em: <<http://www.blogdaleticia.com.br/2017/07/06/meus-perfumes-favoritos/>> Com acesso em: 27 out, 2017.

SANTANA, Ana Lucia. O Diabo Veste Prada. **Infoescola**, 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cinema/o-diabo-veste-prada/>> Com acesso em: 30 set, 2017.

SCOTT, Joan W. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul/dez, 1995.

\_\_\_\_\_. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez, 2012.

**Le forme di Jean Paul Gaultier e il profumo del successo**. [S.I], 2016. Disponível em: <<http://fashionsemiology.blogspot.com/2016/03/le-forme-di-jean-paul-gaultier-e-il.html>> Com acesso em: 27 out, 2017.

**TYSON Ballou for Calvin Klein fragrance, Euphoria shot by Inez Van Lamsweerde and Vinoodh Matadin**. [S.I], 2015. Disponível em: <<http://www.promod.org/tyson-ballou-for-calvin-klein-fragrance-euphoria-shot-by-inez-van-lamsweerde-and-vinoodh-matadin/>> Com acesso em: 27 out, 2017.

SEPHORA. **Introducing Classique Eau de Toilette by Jean Paul Gaultier | Sephora**. Youtube, 2014. (1 min 09 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oKCHx67uzE0>> Com acesso em: 27 out, 2017.

SIGNIFICADOS, **Corpo ideal e corpo real**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/corpo-ideal-e-corpo-real/>> Com acesso em: 03set, 2017.

SKOL, **Reposter**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.skol.com.br/reposter#gallery>> Com acesso em: 3 out, 2017.

SKOL. **Home**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.skol.com.br/>> Com acesso em: 3 out, 2017.

STANTON, Brandon. **Humans Of New York**. Facebook, 2010. Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork>> Com acesso em: 26 out, 2017.

TENGUAN, Flavio. **Welcome to the Factory**. [S.I], 2016. Disponível em: <<http://flaviotenguan.blogspot.com.br/2016/02/jean-paul-gaultier-welcome-to-factory.html>> Com acesso em: 27 out, 2017.

TESTA, Fernanda. Mídia influencia satisfação corporal de jovens, diz pesquisa da USP. *GI* Ribeirão e Franca, São Paulo, 10 maio 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/05/midia-influencia-satisfacao-corporal-de-jovens-diz-pesquisa-da-usp.html>> Com acesso em: 30 set, 2017.

TORRAS, Meri; FONTDEVILA, Aina Pérez. Apresentação: Ousar pensar o corpo. **Revista Interfaces**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes. Ano19, nº19 (julho-dezembro 2013). Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2013.

VARGAS, Caroline. CORPO E IMAGEM: Um estudo sobre a construção da identidade feminina através da Fotografia de Moda da revista Vogue francesa dos anos 20 e 30. IN: COMPÓS, 17, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Associação Nacional dos

Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2008. Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_382.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_382.pdf)> Com acesso em: 20 out, 2017.

**VIDEOSPUIG. Comercial Frangancia Carolina Herrera.** Youtube, 2012. (20 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KC4XHoo0I6E>> Com acesso em: 27 out, 2017.

VIEIRA, Helena. **O que é teoria queer.** SSEXBBBOX. set. 2017. <Disponível em: <<http://www.ssexbbox.com/2017/09/o-que-e-teoria-queer/>> Com acesso em: 26 nov, 2017  
VOGUE. Revista, 2017. Disponível em: <<http://vogue.globo.com/>> Com acesso em: 20 out, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 1ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

## APÊNDICE A- OBSERVAÇÃO EXPLORATÓRIA NO INSTAGRAM

### ALGUNS DOS REGISTROS

– @obenditofruto –



**#6 Marina Castilhos – @marina.castilhos**

Data de publicação: 15 de junho 2018

Curtidas: 3.900

Comentários: 72

ESCOLHIDA PARA O QUESTIONÁRIO  
RESPONDEU O QUESTIONÁRIO  
NÃO FOI SELECIONADA PARA A FASE  
SISTEMÁTICA

**Narrativa:** Toda mulher deveria se permitir viver essa experiência, sem dúvidas um ensaio libertador. No mundo em que vivemos, todos os dias vejo que nós mulheres somos oprimidas e bombardeadas com "padrões". Todos dizendo o que é ou não um corpo "perfeito", o que é ou não "bonito". É triste ver mulheres maravilhosas sofrendo e sendo infelizes dentro de uma corrida incansável de alcançar a "perfeição". Esquecem de valorizar sua essência, de preservar a conexão consigo mesma. Eu demorei muito pra ver o quanto eu posso ser maravilhosa, forte e desejada mesmo não tendo o corpo "perfeito". Esse ensaio selou o fim de uma fase muito triste em que vivi prisioneira dos padrões e deu início a uma vida feliz... Obri Re e Maiq, por ajudar a realizar essa nova fase da minha vida.

TODAS nós somos maravilhosas, liberte-se, permita-se, viva intensamente e principalmente AME-SE, assim como você é! Porque a beleza é isso, ser única, do seu jeito.



**#11 Letícia Seidenkranz –  
@oisoumedusa**

Data de publicação: 23 de março 2018

Curtidas: 1.946

Comentários: 35

ESCOLHIDA PARA O QUESTIONÁRIO  
RESPONDEU O QUESTIONÁRIO  
ESCOLHIDA PARA ENTREVISTA DE  
PROFUNDIDADE

**Narrativa:** Cada foto tirada era uma nova pessoa nascendo, cada foto que eu olhava não acreditava que aquela pessoa ali era eu mesma, confesso que ainda não caiu a ficha que posso ser esse mulherão da porra que um dia ouviu "tu jamais vai fazer foto assim, tu tem namorado". Tô solteira e na real? Tô me auto namorando, me libertei de coisas que só me sufocaram, me libertei de pessoas tóxicas, me libertei de uma Letícia antiga e agora tô amando mais do que nunca a nova. Digo que sou uma desgraça em pessoa, mas digo que sou uma desgraça bem amorzinho. Mas agora falando bem sério, graças a essas fotos eu me libertei de tanta coisa que me incomodava internamente principalmente relacionado ao meu corpo, sempre tive essa barreira de me aceitar, brigar com a balança e invejar aqueles corpos perfeitos de revista, agora eu amo cada dobrinha do meu corpo, cada celulite, cada estria.... Não é uma coisa fácil de se aceitar, mas é uma coisa que é superada a cada dia que se passa. Hoje digo que me amo, que me olho no espelho e digo "como tu tá gostosa, hein!?" e digo que é maravilhoso essa sensação *de amor próprio*, se eu fosse tu que está lendo isso, colocava em prática também.... Depois me conta como essa experiência. "Première leçon d'séduction Être une pute avec éducation"



**#14 Ana Flávia Rodrigues –  
@anflmelo**

Data de publicação: 19 de janeiro  
2018

Curtidas: 2.437

Comentários: 53

ESCOLHIDA PARA O QUESTIONÁRIO  
RESPONDEU O QUESTIONÁRIO  
*NÃO FOI SELECIONADA PARA A FASE  
SISTEMÁTICA.*

**Narrativa:** Esta sou eu agora, com 25 anos. Simples e sem "enfeites". Acredito que sempre me achei meio estranha... mas, quem nunca se sentiu diferente? Antes eu pensava que isso era algo ruim, agora acho incrível. Aprendi e tô aprendendo a me amar, e o melhor, a me perdoar. No ano que passou eu decidi ser uma pessoa melhor e acho que concluí essa tarefa com êxito. Claro, com muitos erros, mas muitos acertos também. Quando comecei a me olhar de dentro pra fora, cara, isso foi mágico! Quando comecei a olhar os acertos e não os erros, quando comecei a não me importar com pessoas e coisas desnecessárias, isso me transformou numa forma única. Tô aqui com minhas características únicas, ainda tentando melhorar as minhas crises existências e lembrando de sorrir mais, amar mais as coisas a minha volta, como eu mesma.



**#26 Lea Macedo – @leamacedo**

Data de publicação: 22 de março 2017  
 Curtidas: 1.223  
 Comentários: 42

ESCOLHIDA PARA O QUESTIONÁRIO  
 RESPONDEU O QUESTIONÁRIO  
 ESCOLHIDA PARA ENTREVISTA DE  
 PROFUNDIDADE

**Narrativa:** Sempre tive pânico de tirar fotos. Escapava ou me escondia atrás de alguém. Até que percebi que precisava resolver esta “fobia fotográfica”. Mas como? Eis que surgiram os “ensaios sensuais”. Depois de muito pensar, respirei fundo, criei coragem, e marquei o primeiro. 49 anos, faltando 5 meses pra fazer 50. Olhava para o Insta e pensava - só posso estar louca. Olha essas meninas, além de lindas, sem nenhum problema com a lei da gravidade ou as malditas rugas. Foi difícil. Não conseguia me soltar. O fotógrafo deve ter dito um milhão de vezes (literalmente) - RELAXA! Depois de terminado, estava exausta....



**#28 Mônica Lima – @limasmonica**

Data de publicação: 26 de julho 2016

Curtidas: 671

Comentários: 11

ESCOLHIDA PARA O QUESTIONÁRIO  
RESPONDEU O QUESTIONÁRIO  
ESCOLHIDA PARA A ENTREVISTA EM  
PROFUNDIDADE

***Narrativa:*** Já me fizeram ser coisas demais, principalmente coisas que eu não gostaria de ter sido. Fui a magrela desengonçada, a guria escabelada, a estranha que não se vestia tão legal, a última a ser escolhida nas brincadeiras da escola, virei piada por meu cabelo não ser escorrido em um mundo dominado pela escova e a chapimha. Passei boa parte da minha adolescência alimentando um monstro chamado medo do ridículo, o que me fez insegura em diversos aspectos, tinha medo até de fazer pergunta em sala de aula com receio da resposta vir acompanhada por uma trilha sonora movida a piadinhas e gargalhadas sobre mim, o medo de não ser aceita pelas pessoas me assombrava. Hoje aprendi a me gostar assim, exatamente como sou, descobri que ser magra não é um problema, meu cabelo virou minha marca registrada, me visto de acordo com meu conforto, percebi que os padrões não existem e sobre o “MEDO”? Aaaaaah eu não o escuto mais...

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO**

### **BLOCO 1 - Identificação**

1. Endereço de e-mail (Resposta discursiva)
2. Telefone para contato (Resposta discursiva)
3. Redes sociais que utiliza (Resposta discursiva)
4. Nome (Resposta discursiva)

### **BLOCO 2 – Dados sócio-econômicos**

5. Gênero (Feminino/ Masculino/ Prefiro não dizer/ Outros)
6. Idade (Resposta discursiva)
7. Cidade (Resposta discursiva)
8. Profissão (Resposta discursiva)

### **BLOCO 3 – Referência ao O Bendito Fruto**

9. Como descobriu O Bendito Fruto? (Resposta discursiva)
10. Por que resolveu fazer o ensaio? (Resposta discursiva)

### **BLOCO 4 – Experiência do ensaio**

11. O que mudou para você depois do ensaio? (Resposta discursiva)
12. Qual sua foto preferida? (Anexo da foto)
13. Por quê? (Justifique sua escolha) (Resposta discursiva)
14. Você aceitaria fazer uma entrevista comigo? (Sim/ Não/ Talvez)

## APÊNDICE C – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

#6 Marina Castilhos – @marina.castilhos



*Foto escolhida pela Marina*

E-mail: marii.poisongirl@gmail.com

Feminino

24 anos

Porto Alegre

Esteticista

Descobriu *O Bendito Fruto* através do *Instagram*.

“Resolvi fazer o ensaio porque decidi me aceitar e amar quem eu sou.”

“Depois do ensaio mudou minha autoestima.”

**#11 Letícia Seidenkranz – @oisoumedusa**

*Foto escolhida pela Letícia*

E-mail: [leticia.seidenkranz@gmail.com](mailto:leticia.seidenkranz@gmail.com)

Feminino

23 anos

Viamão

Operadora de caixa

Descobriu *O Bendito Fruto* através do *Instagram*.

“Resolvi fazer o ensaio porque por aceitação corporal e perceber que não preciso seguir um padrão de beleza para me achar bonita.”

“Depois do ensaio mudou: Eu tenho amor próprio.”

**#14 Ana Flávia Rodrigues – @anfmelo**



*Foto escolhida pela Ana*

E-mail: [anaturismo13@gmail.com](mailto:anaturismo13@gmail.com)

Feminino

25 anos

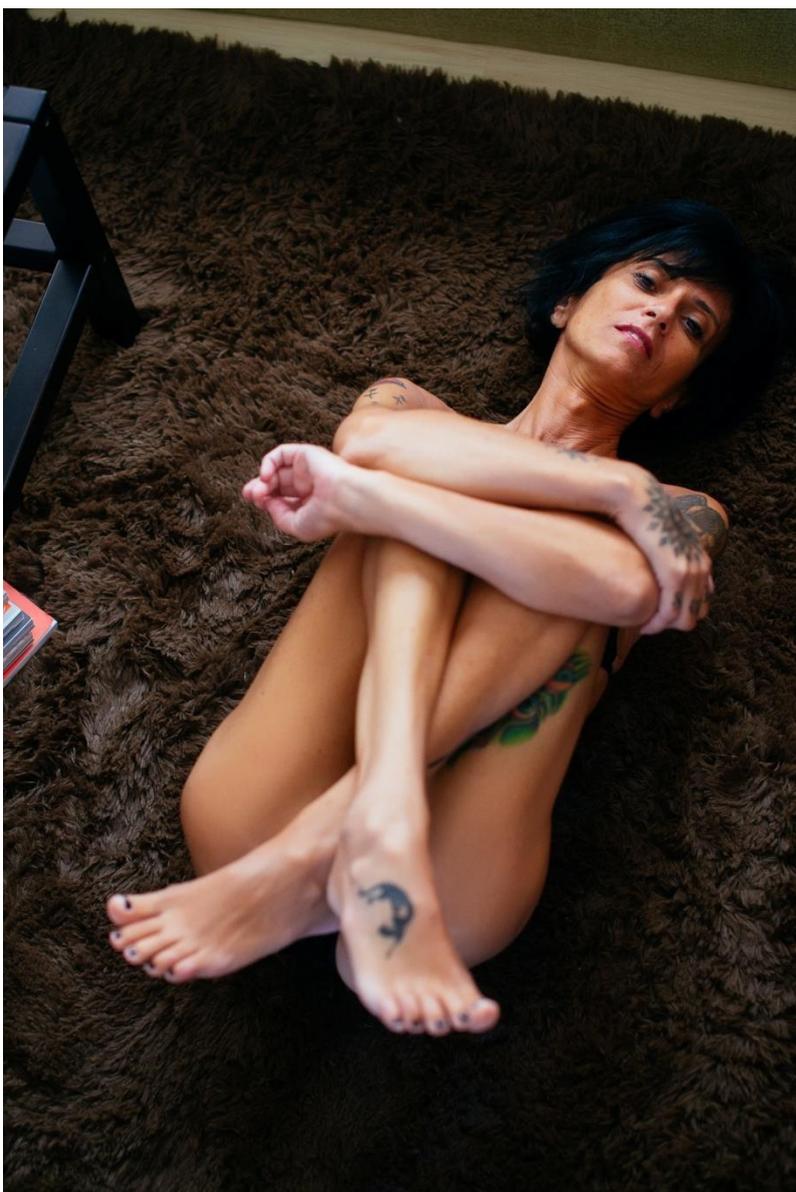
Porto Alegre

Assistente de suporte

Descobriu *O Bendito Fruto* através do *Instagram*.

“Resolvi fazer o ensaio porque estava me sentindo segura.”

“Depois do ensaio mudou a maneira que me vejo e sinto, foi como se uma nova mulher tivesse nascido, foi libertador e transformador.”



*Foto escolhida pela Lea*

E-mail: leah.macedo@gmail.com

Feminino

53 anos

Porto Alegre

Publicitária

Descobriu *O Bendito Fruto* através da indicação um amigo fotógrafo.

“Já havia feito outros ensaios, com fotógrafos diferentes. Um belo dia acordei querendo fazer mais um, pedi indicação e, assim, conheci Maiquel e depois Rê.”

“Posso falar o que mudou depois do primeiro ensaio, mas não foi com o Bendito Fruto.”



*Foto escolhida pela Mônica*

E-mail: mokalima94@gmail.com

Feminino

24 anos

Porto Alegre

Professora

Descobriu *O Bendito Fruto* através da indicação um amigo fotógrafo.

“Eu tava passando por uma fase bem chata com a autoestima baixíssima, e acompanhando o trabalho do bendito nas redes e lendo as histórias das meninas nas fotos me identifiquei e me encorajei a fazer as fotos”.

“Eu tinha uma visão completamente distorcida de mim e do meu corpo, me ver através daquelas fotos me fez perceber que a mulher que eu sou hoje tava ali o tempo todo ‘escondidinha’ e eu não tinha visto, eu só precisava me ver.”

## **APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MULHERES**

### **BLOCO 1: PERFIL SOCIOCULTURAL**

- Nome completo:
- Idade:
- Escolaridade:
- Profissão:
- Estado civil:
- Local de nascimento e de residência:
- Bairro em que mora:
  
- Tem filhos?
- Mora sozinha ou com a família?
  
- Tem acesso à internet banda larga/rádio/4G?
- Tem computador pessoal?
- Tem smartphone? Que modelo?

## **BLOCO 2: GÊNERO**

### **Auto-identificação de gênero e relação com o corpo**

- Com que gênero se identifica? Por quê?
- O que é ser mulher para você? Que distinções há entre homens e mulheres?
- Quando você se descobriu “mulher”? Houve algum momento assim?
- Você se acha “feminina”? Por quê?
- Como você se vê em relação a seu corpo?

### **Trajetórias comunicacionais e midiáticas, vivências de insegurança, preconceitos ao corpo feminino**

- Como menina, como você foi educada? Que tipo de comportamento, valores, modos de ser aprendeu como menina? Como deveria ser uma menina?
- Como na sua trajetória de vida você foi formada/educada para entender o seu corpo com relação à família?
- Como era sua relação com o corpo na infância, adolescência?
- Seus pais lhe ensinaram as diferenças entre homem e mulher? De que forma?
- Você teve alguma referente mulher na família (mãe, avó, tia, etc.)? Porque ela era uma referência?
- Que aspirações de futuro você tinha como menina?
- Como as mídias influenciaram na construção do seu corpo? Quais você consumia? E de que maneira elas influenciaram?
- Como as mídias te fizeram perceber o que era um “corpo bonito”? Tinha algum tipo de padrão que você tinha como objetivo?
- Já sofreu algum tipo de abuso por ser mulher?
- Já se sentiu “diminuída” ou “desvalorizada” por ser mulher? Em relação a quê? Por quem e por quê?
- Já se sentiu mal por estar fora do padrão de beleza? Em relação a quê?

- Que tipos de coisas aprendeu não serem próprias a uma menina/mulher?

### **O corpo educado**

- Na escola, você recebeu algum tipo de orientação específica por ser menina?
- Havia alguma diferença na educação de meninos e meninas? Se usava uniforme como eles eram?
- Você se lembra de receber alguma repreensão por ser menina?
- Como se sentia em relação ao seu corpo no espaço escolar?
- Depois de adulta (vida universitária ou educação depois da escola), você percebe estereótipos de gênero direcionados a você?

### **Trabalho, gênero e corpo**

- Por que escolheu estudar determinado curso ou trabalhar nessa área?
- Sua área de trabalho é considerada mais “feminina” ou “masculina”? Por quê?
- Como vê o tratamento dos homens para com as mulheres e vice-versa?
- Você sofre algum tipo de preconceito em sua profissão?
- Vive regulações ou pressões em relação a seu corpo no ambiente de trabalho?

### **Modelos de feminilidades**

- Como mulher, você se inspira em figuras midiáticas (celebridades, personagens, etc.)? Em quais? Por quê?
- Em relação ao seu corpo, você se inspira em figuras midiáticas? Quais? Por que?
- Você já tomou alguma decisão, realizou alguma atividade, inspirada em algum modelo que segue nas redes sociais ou de outro meio de comunicação?
- Na vida real, há mulheres que inspiram você em relação a ser mulher? Quais? Por quê?
- O que é uma mulher modelo para você (que seria sua aspiração, seu ideal)?
- E o que seria uma mulher anti-modelo pra você?

## **BLOCO 3: SENTIDOS SOBRE O ENSAIO SENSUAL**

### ***Vivências sobre os processos do ensaio sensual***

- Como conheceu o bendito fruto?
- Como chegou à proposta de fazer o ensaio sensual?
- Conte como foi para você o processo do ensaio e de produção das fotografias.
- Qual foi o momento mais importante no ensaio?
- Teve algum momento que se sentiu desconfortável?
- O ensaio influenciou na sua percepção como pessoa, como gênero mulher?
- Como essa experiência impactou o jeito como você se vê?
- O que significou esse processo para sua experiência em relação a seu corpo?
- Essa experiência te ajudou a repensar a ideia que você tinha de corpo?

- Que ideia você tinha do seu corpo e o que mudou depois da experiência?
- De que maneira você repensou seu corpo?

### *Produção de narrativas para o ensaio*

- Como foi o processo de construção de sua narrativa? Já tinha alguma coisa em mente ou só foi depois de ver o resultado que escreveu?
- Como se sentiu ao contar sua narrativa a outras pessoas?
- Contar sua narrativa ajudou de maneira pessoal em como você percebe seu corpo?

### *Sentidos das fotografias/ do corpo na fotografia*

- O que você achou das fotografias produzidas? Por que?
- Como você se percebeu nestas fotografias?
- Como percebeu seu corpo?
- Acha que a apreciação destas fotografias impactaram tua maneira de se ver em algum sentido, como mulher? E em relação a seu corpo?

### *Circulação na internet*

- O que significou para você a circulação de uma das fotos do ensaio nas redes sociais? Como isso foi vivenciado? Que impactos teve sobre sua relação com seu corpo?
- Como foi ver a foto do ensaio mais a narrativa, lado a lado, e as pessoas comentando sobre eles?
- Que tipo de comentários foram feitos e como isso impactou você?
- Através do ensaio e conseqüentemente da circulação do ensaio nas redes sociais, você pode ajudar outras pessoas que tinham o mesmo “problema” que você?
- Teve alguma consequência em postar suas fotos nas redes sociais?
- Como o ensaio, em circulação nas redes sociais te ajudaram a se expor como mulher com suas próprias características?

Se fosse voltar no tempo você faria esta experiência de novo? Por que?

## **APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA– PRODUTORES**

### **BLOCO 1: PERFIL SOCIOCULTURAL**

- Nome completo:
- Idade:
- Local de nascimento e de residência:
- Você estuda? Qual curso? É formada/o?
- Profissão:

### **BLOCO 2: VISÕES E SIGNIFICAÇÕES**

#### **Histórico da proposta/ sentido da evolução**

- O que é o bendito fruto? Como ele surgiu?
- O que foi o bendito fruto e o que é hoje?
- Em quais redes sociais hoje O Bendito Fruto está ativamente?
- Porque não utilizam mais tanto o Facebook?
- Por que o site está fora do ar?
- Vocês teriam outro nome para chamar o tipo de ensaio/foto que vocês fazem?
- Vocês sempre buscam se atualizar no mercado, quais os tipos de busca que vocês fazem?

#### **Objetivo e significado da proposta – ensaio fotográfico e digital**

- Qual são os objetivos e os significados da proposta do ensaio?
- A ideia de começar as fazer ensaios sensuais veio da onde? Qual referência?
- Quais são as ideias e concepções que a marca tentam passar a todas as pessoas?
- Na sua visão, O Bendito Fruto tem ajudado mulheres na questão da sua relação com seu próprio corpo e questões de autoconhecimento?

#### **Concepção e realização do processo de ensaio**

- Como foi desenvolvida a concepção do processo de ensaio?
- Qual a metodologia realização do ensaio? Quais as etapas dessa experiência? O que significa cada etapa?
- De que modo a fotografia, posições, contribui para modificar o olhar de quem ve as fotos?
- Qual é a relação que vocês estabelecem com as mulheres que irão fazer o ensaio?
- De que maneira os ensaios são divulgados?
- As experiências de ensaio realizadas ao longo do tempo repercutiram na forma de realizar o ensaio?
- Estas experiências repercutiram a concepção de vocês sobre o ato de fotografar o corpo feminino? Se no começo achava que era uma coisa e depois acharam outra.
- Mudou a concepção de como se relacionar com as mulheres, e com o corpo delas ao longo do tempo?

- O processo fazer as fotos levou a uma reflexão sobre a ação de vocês como fotógrafos, a relação com as mulheres, de como trabalhar melhor? houve reformulações em suas posturas em relação ao início?

### **Reflexividade no processo e significações do ensaio para as mulheres**

- Como vocês olham/percebem essa experiência das mulheres acontecendo ou do ensaio para as mulheres?

### **Processo das mídias digitais e publicações na internet**

- Como foi inicialmente a visibilização do O Bendito Fruto nas redes sociais?
- Como funciona o processo de divulgação nas mídias digitais?
- De que maneira ou qual a intenção de se publicar as fotos dos ensaios com as narrativas no meio digital?
- A propagação dos ensaios sensuais no Brasil inteiro foi através dos usos das mídias digitais?
- Que outros tipos de conteúdos relacionados ao corpo, a mulher, experiências vocês costumam falar ou debater com seus seguidores?

### **Custo do ensaio**

- Como vocês chegaram a esse processo de custo da experiência, já que antes era gratuito.

### **Finalização da proposta**

- Por que a finalização da proposta?
- O que aconteceu?
- Quais foram os frutos colhidos nesses anos fazendo ensaios sensuais? O que aprenderam? O que não foi bom?
- Algum momento vocês pretendem voltar com a ideia?